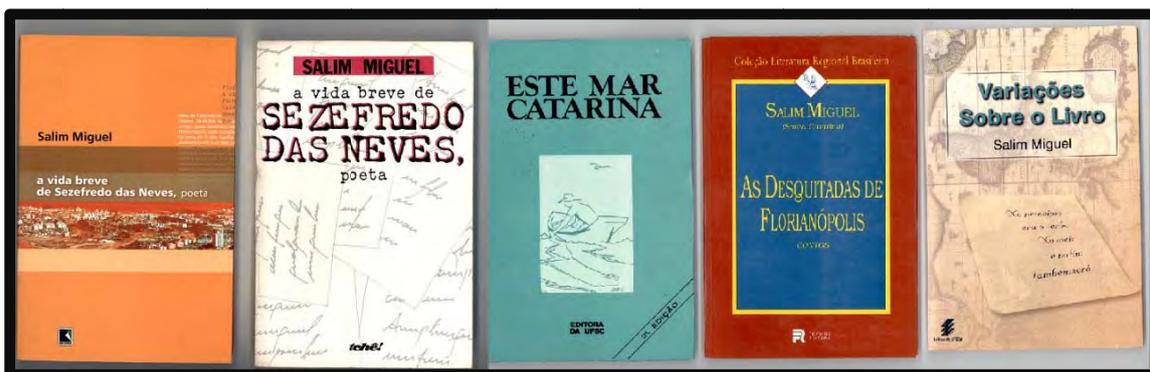


Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas  
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel

## Notícias relacionadas aos livros: Sezefredo das Neves, Este mar Catarina, As Desquitadas de Florianópolis e Variações sobre o livro



Organização e digitalização:  
Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai Jordanou, Jonathan Rodrigues  
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

A VIDA BREVE DE SEZEFREDO DAS NEVES	
001	TAVARES, Ildásio. O novo romance de Salim Miguel. <b>Tribuna da Bahia</b> . Bahia, 18 jan. de 1994.
002	JUNKES, Lauro. Sezefredo das Neves [4 folhas impressa]
003	SIMÕES JÚNIOR, Antonio. Criatura e criador: um jogo dúbio. Argentina. [5 folhas impressas]
004	WOLF, Joca. Pão e circo. <b>A Notícia</b> . Florianópolis, 08 dez. de 1991. Anexo, p. 4.
005	CATARINENSES lançam livros em Porto Alegre. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 05 nov. de 1988. p. 6
006	DALCASTGNE, Regina. A grande festa das letras. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 25 ago. de 1988. Variedades.
007	FAGANELLO, Éverson. Salim Miguel: é possível fazer boa literatura trabalhando para o Estado. <b>A Notícia</b> . Joinville, 07 ago. de 1988. Anexo. p. 3.
008	O QUE recomendam. <b>Jornal do Brasil</b> . Rio de Janeiro, 23 jul. de 1988. Idéias.
009	ARAUJO, Celso. O resgate dos poetas anônimos. <b>Correio Brasiliense</b> . Brasília, 05 jun. de 1988. p. 3
010	ALÉM da modernidade. <b>Boletim Informativo ao Pessoal</b> . 03 jun. de 1988.
011	MENEZES, Carlos. A vida breve de Salim. <b>O Globo</b> . Rio de Janeiro, 02 jun. de 1988. Segundo Caderno, p. 8.
012	UMA BIOGRAFIA imaginária da geração de 45. <b>Jornal de Brasília</b> . Brasília, 25 maio de 1988. Caderno 2.
013	SÁ, Ed. Salim, o homem de Biguaçu: o jogo de armar. <b>Manchete</b> . Rio de Janeiro, 07 maio de 1988. p. 77
014	SANDRONI, Carlos. Dois em um: trajetória sem tragédia da poesia ao pragmatismo. <b>Jornal do Brasil</b> . Rio de Janeiro, 16 abr. de 1988. Idéias, p.8.
015	SCHMITZ, Paulo Clóvis. Salim resgata o clima do Grupo Sul. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 05 abr. de 1988. Caderno 2, p.4
016	DALCASTGNE, Regina. Salim Miguel retrata sua geração. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 15 mar. de 1988. Variedades.
017	JORNALISTA catarinense vai lançar novo livro. <b>Jornal do Comércio</b> . Recife, 22 set. de 1987. Caderno C.
018	LIMA, Jéferson. Personagem frustrado e reeditado. <b>A Notícia</b> . Florianópolis, 15 dez. de 2005. Anexo, p.4.
019	BENVENUTTI, Moacir. Noite de autógrafos. <b>A Notícia</b> . Florianópolis, 19 dez. de 2005. Social, p. b4.
020	LANÇAMENTOS. <b>Jornal do Brasil</b> . Rio de Janeiro, 28 jan. de 2006. Idéias, p.4.
021	SILVA, Deonísio da. A solidão segundo Salim Miguel. <b>Jornal do Brasil</b> . Rio de Janeiro, 31 jan. de 2006. Outras Opiniões, p. A11.
022	LENHART, Felipe. O jogo de Sezefredo das Neves. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 15 dez. de 2005. Variedades, p. 1.
023	MANSUR, André Luis. A vã ilusão de poder mudar o mundo. <b>O Globo</b> . Rio de Janeiro, 25 mar. de 2006. Prosa & Verso, p. 3.
024	MARTINS, Wilson. Escritores em botão. <b>Gazeta do Povo</b> . Paraná, 20 mar. de 2006, p. 2.
025	CONVITE para lançamento do livro a vida breve de Sezefredo das Neves, poeta. Brasília, 24 de abril de 2006.
025A	REEDIÇÃO. <b>A Notícia</b> , 27 de novembro de 2003. Anexo p. C3
025B	MARTINS, Wilson. Escritores em botão. <b>Jornal do Brasil</b> . Rio de Janeiro, 18 de março de 2006.

025C	MOREIRA, JAMIL. Ficção-colagem no novo livro de Salim Miguel. A Notícia, Florianópolis. [s.d.]. Anexo, p.5.
<b>AS DESQUITADAS DE FLORIANÓPOLIS</b>	
026	SOUZA, Silveira. As desquitadas de Florianópolis. <b>Ô Catarina</b> . Florianópolis, p. 14.
027	FICÇÃO. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 25 e 26 nov. de 1995. p. 4.
028	Do leitor. <b>Jornal Universitário</b> . Florianópolis, 27 nov. de 1995.
029	FICÇÃO. <b>O Estado</b> . Florianópolis. 28 nov. de 1995. p. 4.
030	AS DESQUITADAS. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis. 29 nov. de 1995. Visor, p. 3.
031	RIVOIRE, Valéria. O país visto por Salim Miguel: escritor recalama mais espaços para os livros. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 29 nov. de 1995. Variedades, p. 4.
032	DAMIÃO, Carlos. Leituras de férias: roteiro para uma viagem encantadora. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 27 dez. de 1995. Cultura, p. 12.
033	DALCASTAGNE, Regina. Os apurados contos de Salim Miguel. <b>Correio Brasiliense</b> . Brasília, 10 ou 11 jan. de 1996. Caderno Dois, p. 2.
034	RAMOS, Sergio da Costa. A verdade está na ficção. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 24 fev. de 1996. Diário de Cultura, p. 7.
035	CANAN, Adriane. De Biguaçu para o mundo. <b>AN Capital</b> . Florianópolis, 29 nov. de 1995. p. 8
<b>VARIAÇÕES SOBRE O LIVRO</b>	
036	STEIL, Marcelo. Nas livrarias. <b>Ô Catarina</b> . Florianópolis, p. 15, n. 5.
037	LANÇAMENTOS. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis. 27 jul. de 1998. Visor, p. 3.
038	NOVOS espaços. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 27 jul. de 1998. Informação geral, p. 4.
039	OLIVEIRA, Maurício. Salim Miguel lança livro sobre o livro. <b>A Notícia</b> . Joinville, 27 jul. 1998p. C-3Anexo.
040	SALIM Miguel lança seu 16º livro. <b>Gazeta Mercantil</b> . São Paulo, 28 jul. p. D-6
041	VARIAÇÕES Sobre o livro. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 10 ago. de 1998. Variedades, p. 5.
<b>ESTE AMOR CATARINA</b>	
042	NEVES, Gervásio. Presença catarinense na Praça da Alfândega. <b>Zero Hora</b> . Porto Alegre, 1983. p.32.
043	AUTÓGRAFOS de hoje. <b>Zero Hora</b> . Porto Alegre, 10 nov. de 1983. p. 33
<b>ESTE AMOR CATARINA</b>	
044	DAMIÃO, Carlos. Este amor Catarina, um painel de nossa ficção. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 27 e 28 abr. de 1996. p. 3



# Ildásio Tavares

## O novo romance de Salim Miguel

**D**e nome, já conhecia, travei amizade com Salim Miguel via Cícero Sandroni e logo fui seduzido por sua figura humana, coração escancarado, agitando um genuíno talento de ficcionista, de escritor. Isso nos idos dos setenta quando eu fazia doutorado no Rio e ele lá estava, entre outras, como editor da exemplar revista Ficção, mais uma que o passado, infelizmente, tragou; mais uma das realizações do infatigável Salim de quem eu já era, principalmente os contos de linguagem sempre contemporânea, enxuta, porém vertical, calcados nesse nosso drama chamado vida. Escritor, realizador, empreendedor, amigo, todos lamentaram quando ele teve que ir para seu torrão natal. Ganhou Santa Catarina, recuperando um dos seus mais férteis talentos.

Quando do lançamento do meu romance A Ninfa por algumas capitais, Salim foi uma das primeiras pessoas que contatei. Tudo estava certo quando fui traído por outro amigo, Guido Araújo, que, sem saber da data aprestada para meu lançamento, havia convidado meu amigo Salim para júri de Jornada de Curta-Metragem. O ficcionista é também cinéfilo e envolvido em cinema como roteirista, crítico,

etc. Vejam só meu azar. Quando eu fosse para a aprazível ilha do Desterro, o meu amigo viria pra cá. Não fiz o lançamento.

Contudo, logo em outubro do ano passado, chegou às minhas mãos um exemplar deste que considero um dos mais importantes lançamentos da ficção brasileira de 1993, A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta.

**“Travei amizade com Salim Miguel via Cícero Sandroni e logo fui seduzido por sua figura humana, coração escancarado, agitando um genuíno talento de ficcionista, de escritor”**

Ora, sendo eu basicamente poeta, julguei de cara que se tratasse de um romance cujo personagem principal fosse um poeta e pronto. Mas logo, ao compulsar com deleite as 322 páginas do texto, constatei que se tratava de uma obra literária, de uma obra poética, melhor dizendo (retomando o conceito de poesia de Schlegel) tipicamente caracte-

rística deste período pós-moderno — uma obra que, ao desprezeitar flagrantemente as noções do gênero busca a unidade na diversidade, espalha, dissemina, mas visa a, sobretudo, recolher, pois assim é a essência do ser humano, uma colcha de retalhos em que cada fragmento é um momento de vida vivida dispar, tudo costurado numa alma que, nisso tudo, encontra sua individualidade, seu carma, seu drama.

Na contracapa a editora tenta discutir um pouco essa coisa do gênero, assim como os traços autobiográficos. Madame Bovary c'est moi, disse Flaubert. Quem será então Sezefredo das Neves? Eu é que ele não é. Mas avante dessas considerações técnicas está a realidade plasmante da linguagem, território onde Salim Miguel reina sobranceiro. Esta estrutura pluralista de sua narrativa em que se misturam ficção, crônica, poesia, confissão e reportagem de nada elevaria o romance (romance, sim, sem dúvida, o que é o Ulysses, D. Quixote?) se Salim não tivesse sabido costurar suas partes tão bem, armando este puzzle pós-moderno, este caleidoscópio neo-barroco. Esta é a marca de superação do moderno — harmonização de partes dispareas. Mais deleite. Igual a este belo romance do mestre Salim Miguel.

Salim: Better late than never - Com o abraço do seu editor  
 de notícia em A cura! Ildásio

Tribuna da Bahia 18-I-94  
 Três-feira

Desculpe a revisão; é phoda!

## SEZEFREDO DAS NEVES

Uma das questões levantadas com frequência em relação à obra literária indaga até onde se pode interpretar a obra biograficamente, ou então, até onde o autor é autobiográfico, ou ainda, até onde vai a imaginação e onde começa a vida e a realidade. Por mais extremistas que já tenham sido as correntes críticas, desde a fechada interpretação biográfica sainte-beuveana até o banimento do autor da obra, no Formalismo Russo e no New Criticism americano, não há como negar que a obra de arte (em geral e literária em particular) não surge como um epifenômeno espontâneo, mas é produto da atividade humana, da imaginação, talento e suor de um ser humano que, ao escrevê-la, não pode desconhecer-se nem desfazer-se de si. O autor pode distanciar-se da narrativa, confiar a missão narrativa ao narrador; o autor pode ser considerado "morto" bathesianamente, isto é, não lhe caber mais intervenção opinativa na interpretação da obra terminada e publicada, porém, se o fruto tem algo da árvore que a produziu, se o filho não pode extirpar a herança dos pais que o geraram, a obra literária nunca se apresentará com neutralidade plena, pois foi gestada, produzida e elaborada por uma subjetividade que nela sempre deixará marcas.

Ao ler o romance *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta* (Porto Alegre: Tchê, 1987), de Salim Miguel, impõem-se inescusavelmente tais reflexões, considerando mesmo que o autor, na dedicatória, fala de "ficção/montagem/colagem (ou biografia imaginária)", sem "separar fantasia de realidade". Quem conhece algo da história cultural deste Estado, desde meados do século XX, sabe dos árduos tempos do Círculo de Arte Moderna/Grupo Sul, e do envolvimento fundamental de Salim Miguel naquele decisivo Movimento Cultural. Ora, o romance em comentário transcorre exatamente na Biguaçu e Florianópolis das décadas de 40 e 50, rastreando anacronismos e mesquinhas bem como anseios e lutas que perpassaram aquela época provinciana.

Publicado em final de 1987, o romance versa sobre tema praticamente idêntico ao *Trapo*, de Cristóvão Tezza, publicado em 1988, indicando a simultaneidade de data de trabalho a privacidade e autonomia dos romancistas, o que se confirma perfeitamente no estilo e tratamento dado. Entretanto, ambos atualizam a técnica narrativa dos "papéis achados", ou seja, têm como protagonista um jovem poeta – de Biguaçu/Florianópolis e de Curitiba – em busca de carreira literária, deixando seus escritos, que, nos romances, são resgatados e ordenados, para definir o perfil de cada um dos escritores.

*A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta* apresenta-se numa estrutura de oito partes. Na primeira – "A maçaroca – ou um esclarecimento", o narrador de primeira pessoa esclarece como recebeu aquela "maçaroca" de papéis deixados por um amigo e como tenta compreender e ordenar esses escritos diversificados: "Para. Avanço. Recuo", repetidos várias vezes, ao que acrescenta: "Reconstituo. Reconsidero. Me questiono. Desisto. Retorno. Insisto." E separa contos de poemas, reordenando-os. E compara textos reescritos e remexidos. E avalia estilo e concepção, ressaltando convictamente que "existe muito de autobiográfico no que Sezefredo das Neves deixou". A segunda parte "transcreve" "Dois Necrológios" do suposto poeta, um correspondendo a 1954, pela "morte literária" do "jovem e inditoso amigo, poeta Sezefredo das Neves" e outro de 1986, quando falece "o próspero empresário S. Antero das Neves", duas faces antípodas (ou complementares?) do protagonista. Segue uma terceira parte ordenando uma "Cronologia" biográfica de Sezefredo, de 1927 a 1954, seu período de formação e aspirações literárias, com um salto para 1984. Até esse momento consubstancia-se o trabalho árduo, de resistência mas de empenho, do narrador/ordenador, em busca do resgate da vida e obra do escritor de aspirações que, de repente interrompeu seus rumos e se metamorfoseou em próspero empresário. (É claro que inúmeras suposições e deduções podem ser inferidas dessa drástica interrupção da carreira de escritor para assumir a de empresário!)

Seguem-se três seções constituindo o cerne da obra, reconstituindo uma transcrição ordenada dos escritos de Sezefredo. A quarta parte "Fragmentos de um diário íntimo" afigura-se de especial interesse porque, sem ater-se a estrita redação de um diário, o suposto aspirante a escritor, nascido em 1927, dos vinte aos vinte e sete anos, de 1947 a 1954, permite ao leitor reviver, numa

autêntica radiografia, aqueles anos que foram centrais para os rumos da cultura catarinense, correspondente praticamente ao período de lutas e conquistas do Círculo de Arte Moderna ou Grupo Sul. São inúmeras as personagens que ora apenas se insinuem, ou entram e saem de cena, ora se atropelam e, no seu conjunto, contribuem decisivamente para a criação de um imenso painel geográfico-sócio-cultural de Biguaçu/Florianópolis, senão do Estado todo. Para familiarizados com a literatura de Salim Miguel, desfilam personagens já de todo conhecidos: "o filho mais velho do seu Zé Gringo", o próprio seu Zé Gringo, J.M. o cego, Lauro barbeiro, Seu Fedoca – barbeiro/prefeito, João Dedinho – alfaiate/delegado, a presença indispensável – agora místico-sensual – de Ti Adão, Seu Jacinto Silva – do Pagará, etc. Na reordenação do diário, reminiscências se entremeiam com anotações mais diretas, inexistindo ordem perfeita, porque a memória puxa desordenadamente recordações. Daí a aparente desordem e aproximação de fatos diversos apresentados não constituir genuíno fluxo de consciência nos termos de Faulkner ou Joyce, aproximando-se mais de Proust, aqui também com o narrado "em busca do tempo perdido" e em busca de si mesmo e de uma razoável compreensão da vida e do mundo.

Retornam as marcas da Revolução de 30, a marcha integralista, com Plínio Salgado, dos adeptos do sigma do Führer, até o Estado Novo, em meio a cujos acontecimentos transcorre toda a trajetória da adolescência do protagonista, a solidão e a integração em grupos, as fanfarronadas para mostrar-se superior, as amizades e as rixas, o despertar do sexo, sem deixar de ressaltar sempre, ao fundo, o momento político, o Brasil na Guerra e no Estado Novo – se bem que isso não fosse o essencial na vida do menino/adolescente. Inegável a subreptícia presença de Salim: "... leio muito, de tudo, o que encontro, poesia, ficção, ensaio, revistas, jornais velhos..." (p. 90). E tentando registrar a vaga aspiração a escritor do rapaz de 17 anos, capta o redemoinho mental: "Forço a memória, volto aos rascunhos, mexo, risco, modifico, destruo..." (p. 94). O jovem achega-se, titubeante, aos jovens da época, buscando troca de experiências literárias, mas "sinto-me cada vez mais preso no seu. Volto pra dentro..." Ensimesmado e ansioso, retrata Biguaçu, depois Florianópolis, "tentando aprender sua mais íntima verdade". A certa altura, descongestiona-se mais o tom acabrunhado para aflorar tonalidade cômico-irônica em causos-piadas. Na capital, entusiasma-se "com o professor que frequenta o grupo de jovens", depois "volto a procurar o grupo de jovens intelectuais", conhece o Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna, sai a Revista SUL, mais adiante o confronto entre Novos e Velhos, a presença de Marques Rebelo, a morte de Toninho – episódios e figuras que reconstituem um vasto painel histórico social e cultura da sociedade dos anos 40 e 50. Em meio a todo esse contexto sócio-cultural, combinam-se com desassombro uma análise psicológica da evolução do eu e uma análise do processo de formação do escritor.

O estilo revela-se nervoso, entrecortado, sincopado, jovem, sem esparramar-se acadêmico-dissertativamente. Projetam-se sempre a insatisfação e a busca, o anseio e a desilusão, o abrir-se e o fechar-se. Em perfeita adequação ao protagonista, inexistem momentos de altos arroubos, de arrogantes lances, de altas temáticas ou de sentimentos dramáticos ou mesmo de arroubos sexuais. Na depressão-desilusão de quem busca sem euforia de colheitas, tudo se apresenta módico e moderado, mantendo-se o controle interior sobre qualquer arrojo exterior. Transparece muito aquela vaga sensação de juventude, de inquieto enveredar por caminhos não desbravados. Na busca de objetividade, sucedem-se as frases-verbo, para conotar a paradoxal sensação de impulso vital e imediato refrear, novo recomeço e súbita parada. Entremostam-se constantes preocupações com arte autêntica: "arte, filha do ócio, será? Ou, pelo contrário, é da luta, do suor, que nos vem aquela centelha?" (p. 74); "consequirei um dia passar para o papel tudo que me inquieta, que está dentro de mim e quer explodir com ímpeto?" (p. 87); "Temo é que já se considerem os tais (os jovens). Arte é suor. É sacrifício." (p. 107).

Na seção V, deparamo-nos com um vasto conjunto de Poemas. Na linha da arte moderna, o prosaico e o poético se interfundem. Não é o sentimento interior que tudo avassala, mas é o eu subjetivo que filtra o mundo exterior. Os poemas, não raro, tendem ao descritivo-narrativo, recaindo a tonalidade forte no mundo físico-social. Veja-se, por exemplo, as duas "Sinfonias em negro para

Florianópolis” ou na anafórica retomada do “Sempre jardim no inverno”: “Jardim no inverno/ que a noite não visita/ porque é sempre noite em teu seio/ noite de vida”. Constatam-se, nos poemas, transparecer uma tendência bastante cerebral, racional, predominando fortemente sobre qualquer envolvimento emotivo. Busca-se uma linguagem poética de constantes versos anafóricos e repetidos, jogos de palavras, imagens sonoras, não subsistindo nada, sem dúvida, do caráter romântico. Embora manejando a diversidade métrica, apresenta-se muito frequentemente o verso curto, enxuto, direto, o que favorece um ritmo mais dinâmico.

Na Sexta parte, Prosa que reúne diversas narrativas, destaca-se, sobretudo a projeção de diversas personagens. “O assassinato de C.V.” ficcionaliza a experiência do jornalista, no atordoante pesadelo de produzir com urgência um texto encomendado, quando se extravasa sua mente/imaginação no incontido e deslogicizado fluxo de consciência. Passeiam por essa narrativa diversos componentes do Grupo Sul, mas a nota final, mesmo que seja confirmativa, desfaz no leitor de visão histórica a sensação participante no ler/reescrever. Personagem viva, “placplaqueante”, é “Dona Pudica”, doceira e rezadeira que tudo sabe da vida alheia, mesmo que bastante descrita pelo narrador de onipresença generalizada e opinativa. Em “A pensão”, a estranha casa mal-assombrada contrasta com D. Filó, cuja bondade, tolerância, compreensão, paciência e desprendimento a projetam quase inverossímil em meio a esse mundo pragmático, interesseiro e egoísta que tudo marca. O enredo novelesco, na profusão de tipos humanos, inclui, além da angelical alma de Filó, o mistério humano de Madalena e o narrador sem destino e sem nome, um vagabundo erradio. “Um caso de afasia” começa com puro diálogo para, a certa altura, os dialogantes passarem a autor/narrador e narratário e retornarem a dialogantes, ambos como que estupefatos ante o protagonista hipocondríaco do conto. Em “Caixinha de segredo”, impõe-se, implacável, a solidão do velho João, na tocante reconstituição da sua amada Marina, para, afinal, a “caixinha de segredo” revelar-lhe a amarga destruição dos sonhos vividos. Já o emblemático “O monge”, vestido a linha budista de que a fonte de todos os males é o desejo (dinheiro/poder), assume os extremismos da mentalidade popular. “Conversas do vento sul” faz a alegoria personificada do “Velho vento vagabundo” de Cruz e Sousa conversar com o narrador na velha Florianópolis. Aliás, o caráter alegórico de mulher/janela/vida retorna em “A mulher da janela gris”, bem como no convite da primavera à vida do texto de Sezefredo adolescente “A carta é a primavera”. Enfim, Enfim, as personagens velho João, D. Filó e Madalena, Dona Pudica corporificam o alegórico.

Se o escritor se questionava no primeiro conto desse conjunto: “Por que será que às vezes temos tanta facilidade em redigir? Será que existe mesmo a tal de inspiração? E a transpiração, onde fica? Existirão momentos propícios à criação?” (p.177), a última narrativa – “Ah! Sumir”, retrata o escritor no seu processo solitário de criar, torturado pela acusação de “assassino” (p.263ss), gritada e repetida pelas personagens que mata em seus escritos.

Ainda fazendo parte dos textos em prosa, os “Imprecisos perfis” da seção VII, em tom irônico e desilusório, dissecam a figura do poeta que sonha tornar-se acadêmico, fazendo-o transitar do sonho, pela desilusão e vexame, até a vingança, e baldear da expressão lírica para a narrativa, quando a pretensão de compor novela picaresca de ridicularização de seus detratores esbarra na criação das personagens, que se assumem como criaturas autônomas, com seus caminhos próprios que não se submetem ao autor. Ainda uma vez retorna o caráter metanarrativo, o escritor deparando-se com os desafios da arte de escrever.

A última seção – “Reminiscências – Depoimentos” apresenta-se em primeira pessoa, ora do plural, ora do singular, como que na visão do Grupo Modernista em formação, ou de A.P., participante do grupo, pelos anos de 1943/44, observando como o poeta (Sezefredo) sondava o grupo, buscando aproximar-se, tentando comunicação para falar da sua criação poética. A expressão lingüística prossegue, como em geral no livro, sob forma sincopada, de frases curtas e secas: “O poeta pára. Olha. Fita o mar, a praça, nos fita. Toma um gole. Suspira, pensa...” (p.306). Finaliza a obra uma série de curtos depoimentos, como que assinados por reais participantes do Círculo de Arte Moderna: Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga, Adolfo Boos, Guido Wilmar Sassi, o próprio “Filho

mais velho do Zé-Gringo e Eglê Malheiros, entre outros, depoimentos bastante rigorosos em relação à medíocre arte literária do poeta em reconstituição. Afinal, se Sezefredo não alcançou grau notável de escritor, é porque não soube perseguir até o final a difícil arte. Ao contrário dele, mesmo com ele mantendo o interesse comum da leitura, o Filho mais velho do Zé-Gringo demonstrou, através de mais de meio século, que escrever resulta de persistente suor.

Não é possível deixar de notar as palavras finais de Fernando Pessoa, o poeta criador e metamorfozeado nos heterônomos, justificando não ser tão "absurdo falar assim de quem nunca existiu..."

*A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta* foi breve apenas na arte poética, depois trocada por outra social/financeiramente mais brilhante e promissora (Na ironia, teria sido essa a "vingança" final do poeta contra quem não o compreendeu nem aplaudiu? Ou então, poderá o (falso) crítico - aquele "criador fracassado, Amargurado (...). Para se vingar nos outros da própria incapacidade" - destruir desilusoriamente um projeto de escritor?) Nem breve é o livro, nem breves são as reflexões e tentativas em torno da arte de escrever, nem breves são as inúmeras informações contidas nesse bem traçado painel cultural das décadas de 1940/50. Realizado dentro de uma concepção desafiante - a de criar uma figura pretensiosa e esquiva de projeto de escritor, inventar escritos de aprendizagem e ao mesmo tempo criticar e ordenar tais escritos dispersos - "esta ficção/montagem/colagem (ou biografia imaginária)" constitui, acima de tudo, uma reflexão sobre a própria arte da criação literária, sobre as relações (autobiográficas) do escritor com sua obra, bem como um convite sutil ao leitor para aproximar-se mais das raízes do insubstituível movimento de renovação modernista em Santa Catarina, o Círculo de Arte Moderna ou Grupo Sul. Com certeza, o romance marca positivamente uma das múltiplas faces do escritor Salim Miguel.

Lauro Junkes

CRIATURA E CRIADOR: UM JOGO DÚBIO (x)

Antonio Simões Júnior (xx)

Quase todos os dias (não é lapso nem exagero) o carteiro bate-nos à porta para entregar-nos livros de escritores amigos ou desconhecidos, oriundos de várias latitudes e zonas idiomáticas. Uns são aguardados na sala de espera, outros chegam inusitadamente. Salim Miguel, ficcionista e ensaísta brasileiro, chega da Ilha de Santa Catarina (Florianópolis) com bastante assiduidade. Aqui o temos presente, uma vez mais, em letras e espírito, com seu admirável e substancioso livro intitulado A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta. Desconhecemos em princípio sua ubiquidade como gênero literário, o qual não obsta que submerjamos na sua leitura com mesmo interesse suscitado por outros de seus livros anteriores.

Nós, homens de outras latitudes e de dissímil idiosincrasia, cultor e expositor de predicados consabidos, coordenados e aparentemente esgotados em temáticas literárias onde tudo parece haver sido já dito e ventilado, e nada mais resta para derimir, topamo-nos com Sezefredo, personagem mítico da geração catarinense da década de 40-50. Integrante, aglutinado ou marginalizado da turma da revista SUL, perfila-se como um protótipo que se dimensiona, generaliza-se ou se pluraliza, biforme de espírito ou corporeidade (poeta-narrador). Genial ou medíocre, alienado ou lúcido, segundo os depoentes com suas opiniões desencontradas e incumbentes, forma a sùmula do livro. Sezefredo sai das páginas do memorial ("Diário"), agiganta-se na nossa imaginação-video-tape que a transmite ao recôndito da sensibilidade - tornando-se um leitmotiv da nossa percepção. O seu nome, quiçá composto, ligeiramente pejorativo, projeta-se como um cartaz ou um letreiro luminoso que anunciara uma função teatral, um drama com ressaibos de comédia, insólito, atípico. A sala de espetáculos é o livro de Salim Miguel. Nos detemos, abrimos, folheamos as suas páginas e sentimo-nos confundidos. Entramos nele, recordando não sabemos por que a Miguel de Unamuno, cujo anedotário reflete o seguinte: andando Don Miguel, acompanhado por um amigo, pelas artérias principais de Madrid, deteve-se de súbito, sofreado pelo braço do seu acompanhador, perante a frontaria de um teatro da Gran Via, onde se lia o título da obra em cartaz e o nome do autor. "Entramos?" - perguntou o amigo. "Entremos!" - retrucou Unamuno. Entraram. No conosco la obra, pero estoy a favor del dramaturgo - disse o companheiro. Yo tampoco, pero estoy en contra - blasfemou Don Miguel, como sempre contraditório e irreverente.

[Ao iniciarmos no conhecimento da vida e obra de Sezefredo que Salim Miguel no-lo vai expondo numa espécie de simbiose psicológico-realista de dois caminhos derivados de sua conhecida bifurcação literária, há que tomar um partido: estar em contra ou a favor. Nós, desde aqui e agora, estamos com Sezefredo, não precisamente com o poeta delirante, pessimista, contraditório, mas com os restritivos contidos no seu espólio literário, nas páginas do diário ou de um determinado conto, mesmo quando confessa ou insinua não poder vencer a depressão que lhe causam as laudas em branco, quando se arrepele ou se desproposita, rasga, aremessa e volta a começar. Não será isto uma autocrítica, uma insatisfação normal e inapelável de todo autêntico criador? Indubitavelmente! Não obstante, as suas hesitações ou denegações, o ínsito em sua mente e o rescaldo febricitante, assim como a fedentina de uma indumentária coçada, desfiada, a sua tendência congênita ao isolamento, o oráculo que ameaça transformá-lo no que realmente já é: um autocélafo, um quidam exonerado, todas essas particularidades negativas e tudo o que queiramos nelas ver, ficam registradas no papel; e as laudas que ficam em branco ante suas depressões e impotências, já nã são brancas, foram garatujadas e agora estão impressas. Sezefredo já resulta corpóreo, possui já obra escrita, exumada do olvido ou criada do nada por Salim Miguel. Sezefredo mortal já não é deste mundo de andar de formiga e correr de avestruz, quando o recolhedor do seu anedotário reelabora a sua história. Os materiais empregados na sua confecção nem sempre resultaram ser os mais adequados. Aqui e ali subsistiam trechos incompreensíveis, frases truncadas, reiterações, lacunas, mas notava-se vestígios de passos humanos, rumores de ânsias soterradas. Eram elementos fragmentados que uma vez agrupados, selecionados, tamizados, dariam a figura de Sezefredo: uma figura de bode expiatório, de literato mosqueado da sua geração.

Se se tratasse de um romance em vez do que em realidade é (um memorial suposto ou diário apócrifo com agregados de poemas, excertos, contos, notas elucidativas), o livro de Salim Miguel tornar-se-ia talvez em leitura mais substancial. Mas os propósitos do Autor (criar um personagem que se diferenciara dos seus anteriores) ficariam diminuídos. Com os acréscimos da antologia, dos agregados esclarecedores e dos depoimentos próprios e alheios, como escoras, a obra provoca perplexidade e incita a pensar, a tentar desarmar e rearmar o quebra cabeças do artefato que com alguma propriedade podemos denominar de indústria literária com todas as sequelas

pertinentes. Nos referimos, claramente, a uma indústria aperfeiçoada, pujante, que toma como base o hibridismo de certa manufatura caseira para os seus experimentos.

Aqui, ali, em todas as latitudes e todos os tempos, houve poetas pálidos, repassados de fome e sedentos de glória e compreensão e, ainda que se dilatassem ou encasulassem, ululassem ou gesticulassem, sempre pareciam espantalhos locomovendo-se ou engastando-se na terra. Poucos foram compreendidos pelos seus contemporâneos; uns deixaram pegadas transitórias, logo definitivas; outros, nem isso. Cremos (não podemos asseverá-lo) que Salim Miguel não atentou demasiado neles, que se limitou a resgatar da vida real, oral e escrita, os materiais necessários para a realização de um Sezefredo local, heterogêneo, que reunisse particularidades físicas e intelectuais dos seus conterrâneos.

O criador não aposta em Sezefredo, elemento dúbio, mas não lhe nega mérito. Expõe mas não propõe, deixa os leitores em liberdade de ação para aceitarem ou repelirem as demarcações dos prováveis críticos. Conhece como criador as limitações do seu pretense biografado, sabe que este, como poeta, não vai além de uma promessa em certa medida gorada, vive metido numa jaula de chacois desgarradores. Por essas e outras causas analisadas e sopesadas nas páginas do livro, sem excluir certa dubiedade, preve-se que o poeta, como tal, não dominava o secreto da condensação, nem se avinha à imagem e à metafísica poéticas. Nele predomina o prosador com suas exuberâncias discursivas, antítese da síntese exigida pela poesia. Pensou escrever um romance verrumoso, mas o seu subconsciente não o permitiu. O tema: inveja, ciúme, despeito, não dava para tanto. Em contrapasso redigiu contos meritórios, prova de que não era um medíocre, um presumido, um narrador desprovido de talento. Salvo nos lineamentos conceituosos e numa prosa nem sempre expurgada de termos linfáticos e irresolutos, alguns dos contos do seu espólio não são de inferior qualificação aos dos contistas da turma da revista SUL. Esperança fenecida (sumida) prematuramente, deixou algo merecedor de perduração, apesar do óxido e da incúria que significam a sua maldição de estar no mundo contra sua vontade, até que um corte transversal o transforme no Coronel Aneró, isto é, na sua desintegração como homem e como escritor.

Que poderemos dizer mais dos poemas e contos ambivalentes imputados a Sezefredo, depois de uma segunda leitura do livro de Salim Miguel? Pouco, muito, nada, como no desfolhar de uma calêndula.

O Autor confirma-o por outros termos: "Também, depois que começamos a escrever, acontece não sermos mais donos do tema, ele nos foge, personagens e situações adquirem vida própria, aparte da nossa." Sezefredo, parábola e ente real, é, sem sombra de dúvida, um integrante marginado de uma geração literária que a determinada altura abdica dos seus propósitos ficcionistas e deserta do seu núcleo para encasular-se num ostracismo de que sairá metamorfoseado num Coronel sem história. Por outra simboliza um naufrago, a sossobra do nadador que a meio do caminho, já sem forças, sente ou compreende que não chegará nunca à margem oposta, a uma problemática meta, e se submerge um pouco pelo tédio, outro tanto pelo micróbio do masoquismo, sem possibilidades nem desejos de emergência.

O caso de Sezefredo, apesar de ser o protótipo do escritor fracassadamente enfastiado de determinada latitude, universaliza-se, abarca dimensões oceânicas, continentais. Aqui e além, conhecemos em nossos já longos anos de caminhadas geográficas e andaduras literárias, vários Sezefredos, batuqueiros de círculos, e até chefes de orquestra que imprevisivelmente dão o fora, éditos ou inéditos. Se bem é verdade que o protagonista da última e sob mais de um aspecto sugestiva e encumeada obra de Salim Miguel não se pode parangonar com Rimbaud, o grande desertor da literatura, porque não deixou nenhum espólio genial, também é certo que Biguaçu ou mesmo Florianópolis distam muito de poderem confrontar-se com Paris. Só agora, comprovando que mesmo incompreendidos, apostrofados, negaceados, nunca estamos sós, são dados a lume os seus escritos. Bem poucos, certo, reduzidos, criados, truncados, com frases ou parágrafos inelegíveis, reinterpretados pelo compilador, os contos e poemas de Sezefredo, para além de sua argumentação literária, insinuam o itinerário, simultaneamente real e hipotético, de um poeta malogrado por falta de persistência e incentivação. Sezefredo, este Sezefredo que a nossa retina retém na imagem criada pela nossa imaginação, e cuja voz não totalmente silenciada pelo tempo nos golpeia nos tímpanos. O personagem de Salim Miguel, real ou imaginário, presta-se a múltiplas interpretações.

Sezefredo, protótipo, mascote, cobaia de laboratório de criticóides, lunático, misântropo! Sim, tudo isto aparenta ser, mais o que Salim Miguel não diz explicitamente, mas deixa antever nos implícitos. Como bom expositor e melhor analista dos avatares inerentes a toda uma geração, partícipa com toda (sem volta de porca), mas, ao fim e ao cabo, generosa e aber-

ta a todos os pontos cardinais (que tudo isto caracterizou e definiu a revista SUL), o Autor não toma decididamente partido em favor nem em contra de Sezefredo; não o louva nem o defere. Muito menos o verbera pelo que é ou deixa de ser. Começa a história do seu protagonista, envolvendo a atenção do leitor ou crítico, como um movimento inicial de xadrez, uma temática absorvente que excita os ânimos e incita à réplica. Salim Miguel, queremos deixar bem claro, jamais dá aos personagens dos seus livros uma demão de cal e outra de areia, senão que os submete, antes de dar-lhes vida própria, a um exame <sup>com</sup> ~~de~~ lupa de crítico-criador. Fá-lo agora com Sezefredo. O estilo do que preferimos intitular de memorial, parece-nos a princípio enredado, sinuoso, mas logo percebemos que se trata de uma impressão extemporânea, errônea. O estilo adapta-se ao personagem, a um Sezefredo traumatizado. É, digamo-lo com precisão, uma maneira eficaz de coordenar os ligamentos e as contradições com que trata de apresentar-nos um homem em demérito e um literato em gestação. Cria assim, numa prosa incisiva, reiteradamente sinonímica, martelada, o personagem de acordo com um visão interpretativa incomum, enxertando-lhe idéias, preceitos, submetendo-o a transfusões ideológicas, etc. Sezefredo fica momentaneamente como um espantalho, um doente sem diagnóstico, mas logo adquire vida própria e se integra, ainda que afastado da turma artístico-literária. Assim começa e termina a sua história, nada grata, evidentemente. Nunca ninguém ficou devendo tanto a um tratadista, quer pelas decepções sofridas, quer pelos sonhos acalentados que lhe são atribuídos. Sezefredo não poderia nunca ser um Hércules de coisa alguma, mas nem por isso merecia que o vestissem com o manto de Nesso do menosprezo e da animadversão. Salim Miguel reivindica o post mortem ao esclerecer: "Sezefredo das Neves parecia-nos um tipo risível; sinto agora que era, ao contrário, uma figura profundamente patética. Nós é que não o soubemos ver, compreender."

(x) A propósito de A VIDA BREVE DE SEZEFREDO DAS NEVES, POETA, de Salim Miguel, biografia imaginária ou romance de geração, Ed. Tchê/PA-1988)

(xx) Ficcionalista e crítico literário português, residente na Argentina

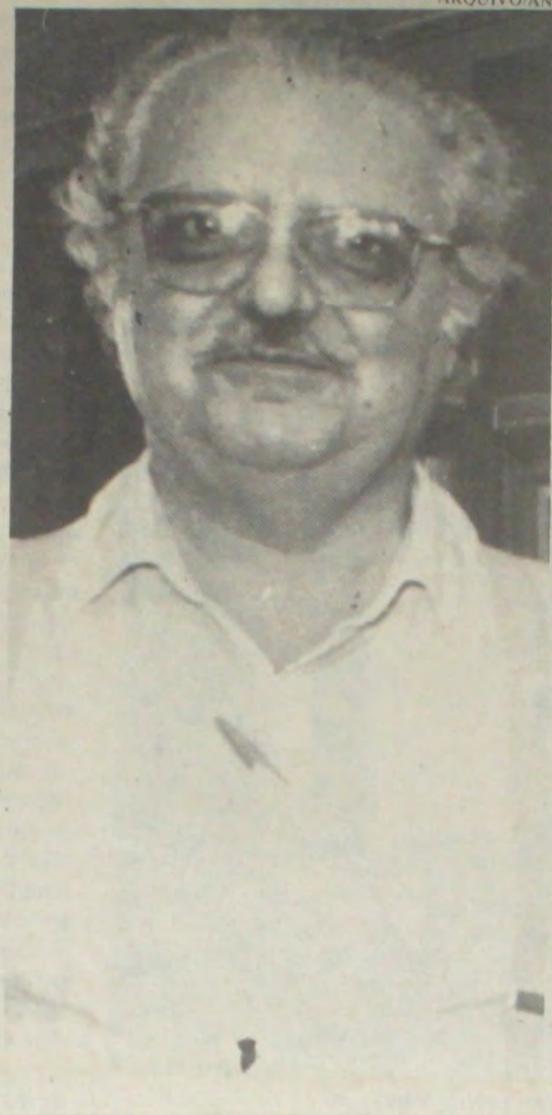
**S**alim Miguel estreou na literatura aos 27 anos, com "Velhice e outros contos", das Edições Sul. Em 1991, ele comemora quatro décadas de literatura com um livro-homenagem — "Salim Miguel, literatura e coerência", organizado por Iaponan Soares e editado pela Lunardelli. Em meio à sobriedade de seu apartamento na Carvoeira, em Florianópolis, ele conta a Pão & Circo que custou a concordar com a idéia da homenagem. Mas não tinha volta. O volume que reúne depoimentos de amigos e estudos de críticos já estava bastante adiantado. Miguel, então, resolveu colaborar, porque "mesmo que continuasse relutando, o livro sairia", diz.

Outro motivo para a colaboração foi novidade das boas para a intrépida dupla: "Literatura e coerência", segundo ele, é apenas o primeiro passo de um projeto maior. "Tem mais dois sendo preparados", garante, e adianta os nomes dos futuros homenageados, ambos completando 70 anos de idade por estes meses: Holde-mar Menezes e Guido Wilmar Sassi. "São escritores de muita força. A homenagem é mais que justa".

Pessoalmente, Salim Miguel encontra-se numa fase fértil. Os resultados da aposentadoria, em meados de 91 (após comandar a editora da UFSC por quase uma década), poderão ser notados em breve. Embora nunca tivesse deixado de escrever, agora ele dedica todo tempo do mundo à escrita e já começa a reunir anotações para um novo romance, que deve estar pronto em "dois ou três anos". "As várias faces", novela em três atos, e "Um verão louco", contos reelaborados de três livros anteriores, estão sendo examinados por uma editora paulista, conta. Como se não bastasse, prepara outra coletânea de contos e o terceiro volume do "Castelo de Frankenstein", com artigos sobre cultura e literatura originalmente publicados na imprensa.

★ ★ ★

Se, por um lado, um livro chamado "Velhice" marcou a estréia de Salim Miguel na vida literária, por outro a dita "terceira idade" preocupa o jovial escritor. Sentindo na carne o drama da aposentadoria no País, ele se pergunta: "E os milhares de brasileiros que se aposentam com um salário mínimo?" A eles é negada



ARQUIVO/AN

*Salim Miguel  
aproveita a  
aposentadoria para  
escrever um novo  
romance, que  
ficará pronto em 2  
ou 3 anos*

"uma velhice mais tranqüila", diz. Pasmos, Pão & Circo se calam, enquanto ele relata seu caso particular. "Recebi, em setembro, em torno de 280 mil. Em outubro foram 237 mil e o custo de vida aumenta a cada dia", reclama.

Automaticamente, a dupla lembra da "pobre" Zélia de Mello e de seu biógrafo, Fernando Sabino — colega de geração de Salim Miguel. Ele se deu ao trabalho de ler "Zélia, uma paixão" e constatou que, "infelizmente", a ex-ministra apenas depõe contra Sabino, autor de livros "bons e bem escritos", na sua opinião. No entanto, "este é mal escrito e cheio de lugar-comum".

Ao mesmo tempo que considera o pseudo-romance sobre Zélia um fracasso, Salim Miguel não mede elogios para "Estorvo", de Chico Buarque. Para o escritor criado em Biguaçu, assim como "Zélia, uma paixão" vendeu muito por causa da fama da ingênua biografada, "Estorvo" só estourou "por causa do Chico Buarque". "Se fosse um escritor novo ou desconhecido, não teria chegado aos três mil exemplares", afirma, com a convicção do literato

tarimbado, que lhe permite acrescentar: É o livro mais realizado do ano no Brasil".

★ ★ ★

Papeando sobre Chico e mi-sérias do Brasil — sobre as quais tanto o artista carioca quanto o escritor catarinense sempre se debruçaram —, Pão & Circo lembram do drama cubano atual, mencionado por Gabriel Garcia Márquez numa entrevista recente. Como o colombiano, Miguel reconhece que o pequeno-grande país vive uma situação "difícil" com o fim da utopia comunista. Ele tem em mãos um exemplo concreto das dificuldades econômicas que Cuba enfrenta — o último volume da revista Casa de Las Americas, que agora é confeccionada em papel-jornal, papel barato. Aliás, a revista traz dois textos de autores catarinenses, Amílcar Neves e Deonísio da Silva. No final das contas, a exemplo de Garcia Márquez, sobra uma alfinetada para os Estados Unidos no que diz respeito ao *affair* Cuba: "Até hoje não se inventou regime melhor que a democracia, mas estão confundindo imperialismo com democracia", dispara Miguel.

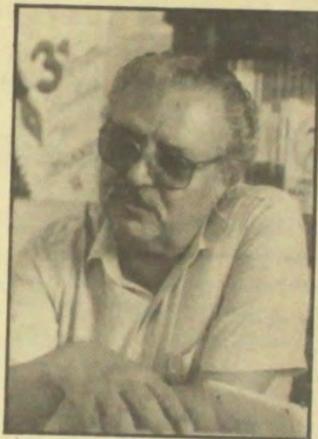
# Catarinenses lançam livros em Porto Alegre

Salim Miguel, Adolfo Boos Júnior e Almiro Caldeira realizam sessão de autógrafos na 34.<sup>a</sup> Feira do Livro

**Porto Alegre** - Três escritores catarinenses estarão lançando seus livros hoje na 34.<sup>a</sup> Feira do Livro de Porto Alegre. Salim Miguel autografa *A Vida Breve de Sezefredo das Neves*, Poeta e *Areias do Tempo*, enquanto Adolfo Boos Júnior leva *O Último e Outros Dias* e, Almiro Caldeira, *Uma Cantiga Para Jurirê*. Os livros de Salim, um romance e outro de contos foram editados pela Tchê e Global. Já os outros dois saíram pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

O romance de Salim Miguel

é a biografia imaginária de um poeta que rondava Florianópolis nos tempos do Grupo Sul, uma de suas melhores obras. Já *Areias do Tempo* são alguns contos que trazem de volta personagens de outros livros do autor. A memória e o tempo são seus temas. *O Último e Outros Dias* reúne sete narrativas, onde Boos trabalha com densidade temas corriqueiros. O livro não foi lançado em Florianópolis, o que deve acontecer ainda neste mês. Já Almiro Caldeira, em *Uma Cantiga Para Jurirê*, revive a odisséia dos



Salim Miguel

paulistas que fizeram a primeira página da história desarterense na frustrada tentativa de povoamento no século XVII.

# A grande festa das letras

É a 10ª Bienal Internacional do Livro, que terá a participação de 26 países, com um total de 100 mil títulos à disposição

São Paulo - Serão oito dias de verdadeiro delírio intelectual. De hoje até 4 de setembro, o Parque do Ibirapuera, em São Paulo, estará sediando a 10ª Bienal Internacional do Livro. E nem a evidente crise econômica por que passa o País inibirá o evento. Essa Bienal será 50% maior do que a 9ª - a do Plano Cruzado. 26 países estarão participando. Serão 931 expositores distribuídos por 210 estandes. À disposição do leitor, 55 mil títulos nacionais e 45 mil estrangeiros dispostos em 26,5 quilômetros de prateleiras. Fora os diversos simpósios, seminários e concursos que acontecerão paralelamente. Mas as grandes estrelas da festa serão, sem dúvida alguma, os homens e as mulheres que fazem o mundo da literatura e do pensamento filosófico contemporâneo. Escritores brasileiros e internacionais estarão autografando seus livros nas tardes e noites da Bienal.

Foi para essa época que as principais editoras nacionais reservaram seus trunfos. Alguns autores famosos, outros simplesmente importantes, desfilaram entre os livros dos seus estandes. Assim, virão o escritor cubano Cabrera Infante e o português Cardoso Pires, trazidos pela Editora Companhia das Letras. O espanhol Jorge Semprún e o filósofo francês Alain Finkienkraut, pela Paz e Terra. E a Editora Rocco trará a escritora inglesa Margareth Drable, ainda pouco conhecida no Brasil. Entre os escritores nacionais, Fernando Sabino (*Tabuleiro de Damas*) e Zélia Gattai (*Jardim de Inverno*) autografarão seus livros de memória, lançados pela Record, enquanto que os romancis-

tas de destaque serão Darcy Ribeiro, com *Migo*, e Deonísio da Silva, com *Orelhas de Aluguel*, pela Guanabara.

## CATARINENSES

O catarinense Salim Miguel estará autografando no dia 1º seu *A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta*, pela Tchê, e no dia 2 seu novo livro de contos, *Areias do Tempo*, pela Global. Sálvio Alexandre Müller e Maria Luiza Reuniaux Hering também estarão na Bienal, no dia 3, para lançar as suas respectivas obras: *Opressão e Depredação e Colonização da Indústria no Vale do Itajaí*, ambos publicados pela Editora da FURB. Saindo do mundo musical, Rita Lee estará autografando o *Dr. Alex e os Reis de Angra* (Melhoramentos), Gilberto Gil também deverá entupir corredores com seu *O Poético e o Político e Outros Escritos* (Paz e Terra), assim como Tom Jobim, que lançará *Ensaio Poético* (Record), com poesias e fotos de sua mulher Ana Jobim.

Outro destaque dessa 10ª Bienal será a separação dos expositores estrangeiros, que ficarão agrupados no terceiro andar do pavilhão. Ali, 10 dos 26 países participantes apresentarão alguns aspectos de sua cultura: comidas típicas, músicas, filmes, dança, teatro ou mesmo palestras. O ingresso estará custando Cz\$ 200,00 e a Bienal ficará aberta das 10h às 22 horas. Como em 86, neste ano também serão distribuídos os cheklivros, referentes a 10% do valor da compra, quantia que poderá ser resgatada pelo consumidor em qualquer livraria conveniada até o dia 31 de dezembro.



Fotos Arquivo/DC



Darcy Ribeiro lança Migo



A irreverente Rita Lee



Gil, poético e político



Salim Miguel: novo livro

## Roubar livros é um ato de delicadeza

Regina Dalcastagne  
Especial

Já faz 20 anos que a Câmara Brasileira do Livro resolveu juntar milhares de publicações sob o mesmo teto. Desde essa época, provocando o humor de uns, o prejuízo dos expositores e a prevenção das editoras, circula, entre as montanhas de livros, a tal da irreverência nacional. Na última Bienal foram quase 65 mil pessoas por dia invadindo os corredores, 130 mil mãos, algumas sempre prontas para apanhar um livro. Em 86, nada menos que 250 obras sumiram do estande da Editora Ática. No da Nobel, foram 70, e no da Marco Zero o alvo principal dos ataques foi o badalado *A Cor Púrpura*. Na realidade, não há como controlar toda essa gente, principalmente quando a festa é arrombada por mais de 15 mil escolares, verdadeiros enxames fuçando tudo.

Perder alguns livros significa pouco diante dos milhões de cruzados que serão comercializados. Então, só resta às editoras tentar diminuir as chances do furto, colocando mais vendedores, cercando os estandes com vasos ou coisa parecida. Como aquela velha história de que goiaba roubada é mais gostosa, roubar livros virou mania. E os escritores, se não estimulam, pelo menos a endossam. Márcio Souza, em 86, dava seu veredicto: "Sou contra roubar livros de bibliotecas públicas. De livrarias, acho ótimo, já roubei muito". E o cubano Miguel Barnet, que também veio autografar seu livro, aproveitou para enfiar sua colher ideológica na questão: "É extraordinariamente necessário que se roubem livros em países subdesenvolvidos. José Martí dizia que roubar livros era um ato de delicadeza extrema e que refletia um espírito superior".

Se em outros países não é preciso roubar porque os preços dos livros são baixíssimos, aqui a realidade é outra, os furtos não escolhem preços. Somem desde livros baratos, como os infantis, até luxuosas encadernações estrangeiras. De vez em quando, um fiscal traz de volta algum espartilho para pagar o que estava levando. Em 86, virou piada a história do rapaz que correu para Ignácio Loyola Brandão, autor de *O Verde que Violentou o Muro*, no estande da Global, e pediu todo esbaforido: "Autografa, faz uma dedicatória para mim, que acabei de roubar teu livro".

# Salim Miguel: é possível fazer boa literatura trabalhando para o Estado

**A**N — Em "A Vida Breve de Sezefredo das Neves, poeta", existe um poeta cujo trabalho é tratado de maneira caricata. Esse tratamento resulta da não-realização de Salim Miguel na poesia?

SM — Todos nós começamos querendo ser poetas, porque a poesia é a forma mais elevada da arte literária. Infelizmente no meu caso nunca consegui realizar um poema que me satisfizesse. No momento em que surgiu esse livro, imaginei uma pessoa que se julga poeta, vive poesia e lê o que há de melhor em poesia. Hoje o Sezefredo existe, é uma pessoa tão concreta quanto eu ou qualquer amigo meu. Em 1948, em Santa Catarina, ele estava lendo Fernando Pessoa, García Lorca e outros grandes poetas desconhecidos no Brasil. Mas quando escrevia não conseguia realizar um poema. Quando era dele, era muito ruim. Quando era menos ruim era pastiche. Têm alguns poemas no caderno de poesia do meu livro que são pastiches de Fernando Pessoa, como "O Poeta é um Fingidor". Tem outro em cima do "Verde", do García Lorca e um outro, "Sinfonia em Negro para Florianópolis", que é todo em cima do "Noturno para Belo Horizonte", de Mário de Andrade. Isso mostra que eu nunca consegui realizar um poema e que dentro da estrutura do livro havia necessidade da poesia, mesmo em pastiche.

AN — O livro, então, seria um ponto final na sua frustrada carreira de poeta? Em algum momento houve obsessão sua pela realização de poeta?

SM — Em alguns aspectos minha ficção se aproxima da poesia, mas nunca do poema, porque nesse eu nunca consegui chegar. No momento em que pensei em "Sezefredo..." pensei em duas propostas. Primeiro, um retrato da minha geração através de um poeta irrealizado que é a soma não só de muitos poetas mas também de muitos intelectuais que não se realizaram. O outro aspecto é um retrato do Brasil da década de 30 até a morte de Getúlio vista através de Biguaçu.

AN — E de alguma maneira é um romance de época que pretende terminar com toda aquela situação histórica gerada pelo Grupo Sul, separando o trabalho dos escritores do grupo naquela época com aquilo que é produzido atualmente? Muitos que estão na ativa, se não a maioria, são remanescentes do Grupo Sul...

SM — Santa Catarina, principalmente na poesia e na ficção curta, tem bastantes nomes significativos e nem todos eles são do Grupo Sul, como tem alguns que foram do grupo. Mas o que eu tentei com o livro foi um balanço da minha geração, como foram feitos vários outros no Brasil. Eu tentei não me libertar um pouco do Grupo Sul porque disso a gente não consegue se libertar. Mas de fora, já com a distância do tempo, examinar criticamente o que o movimento pode ter deixado, que foi uma visão crítica da nossa realidade quando em Santa Catarina não existia quase nada em literatura e todo mundo estava satisfeito com aquilo. Estávamos na década de 40 e não havia chegado aqui ainda o movimento da Semana de Arte Moderna, que estava sendo reavaliado em todo o país. Eça de Queiroz ainda causava pavor às famílias catarinenses porque era considerado pornográfico.

AN — Como você vê a opinião de que falta visão crítica da sociedade na literatura feita em Santa Catarina? Há quem veja xenofobia e também que a maioria dos escritores não passa de burocratas que se divertem escrevendo livros...

SM — Santa Catarina sempre recebeu muito bem o pessoal que vem de fora porque não existe o "de fora" — brasileiros de fato, se assim fosse, seriam somente os índios. Se uma pessoa muda do Ceará como se mudou e Holdemar de Menezes e vem produzir literatura em Santa Catarina, é ridículo dizer que ele é de fora. Santa Catarina sempre recebeu bem o pessoal de fora que procura se integrar e contribuir para a produção literária. É claro que existem os que não conseguem se integrar, pelas suas próprias maneiras de ser e pela própria perspectiva de vida que têm. Aí não é a terra que não os aceita. Eles não sabem se tornar aceitáveis pela terra.

**"Em alguns aspectos minha ficção se aproxima da poesia, mas nunca do poema, porque nesse eu nunca consegui chegar"**

## Memória

*Enquanto os outros gritam, Salim Miguel vai publicando. O escritor e diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina diz preferir debater "a nível de idéias". Neste ano lança na Bienal Internacional do Livro mais um volume de contos e prepara uma novela, com o que pretende se preocupar, evitando discussões que considera "gratuitas". Salim prefere falar de sua atuação na Editora da UFSC — a primeira entre todas existentes nas universidades brasileiras — e, nesta entrevista, além de falar sobre seu último livro recentemente lançado, o romance "A Vida Breve de Sezefredo das Neves, poeta" (Ed. Tchê!), ele rebate acusações de que é impossível se fazer boa literatura mantendo vínculo com o Estado, discute distribuição e direitos autorais, problemas comuns à maioria dos escritores e em especial os que atuam em Santa Catarina. Entre esses, acredita Salim, não há nenhum gênio, mas sim nomes que devem ser respeitados.*

Entrevista a Everson Faganello

Oswaldo Nocetti



Salim Miguel: obra volta para os problemas do tempo e da memória, da velhice e da morte...

**"Estávamos na década de quarenta... Eça de Queiroz ainda causava pavor às famílias. Era considerado pornográfico"**

AN — Você acredita que boa literatura, com sentido crítico e ao mesmo tempo independente, pode ser produzida por uma pessoa que depende de emprego do Estado?

SM — O Carlos Drummond de Andrade, hoje o mais importante poeta brasileiro, durante anos trabalhou no Ministério da Educação, no tempo da ditadura Vargas, com o Gustavo Campana. Isso não impediu que ele produzisse a obra que produziu. A pessoa precisa saber separar a sua atividade de sobrevivência — e no Brasil, quem é que consegue viver de litera-

tura? — da sua atividade intelectual e cultural, sem nunca se entregar, abdicar da sua personalidade e visão de mundo. Posso dizer em consciência que nunca abiquei da minha maneira de ser, da minha proposta de crítica à sociedade.

AN — Numa entrevista recente que fez com Adolfo Boos e Janer Cristaldo eles se queixaram muito da distribuição dos livros e o Cristaldo disse, inclusive, que vários exemplares de um livro dele estariam no Hospital Universitário...

SM — A distribuição é um problema no Brasil todo. Até hoje não temos um sistema eficiente nem para as grandes editoras. Elas fazem uma primeira edição razoável e não há reposição, a não ser dos nomes consagrados. Se esses exemplares vendem logo a livraria não pede reposição. E o Brasil é um País de extensão territorial, é impossível percorrer mensalmente o País. Um dos pontos de es-

trangulamento do livro no Brasil é a distribuição — é claro que há a miséria, a fome, a crise. Sem uma reformulação geral da estrutura do País não resolveremos essa questão. A Editora da UFSC deve hoje ter algum mérito porque na última pesquisa do jornal "Leia", de São Paulo, nós estamos, entre as 100 maiores editoras do País, em 55º lugar e estamos em 1º entre as editoras universitárias.

Até hoje, em sete anos, publicamos 250 títulos e quase a metade destes títulos está esgotada. O livro do sr. Janer Cristaldo, ("O Mensageiro das Fúrias") que não conseguiu outra editora para publicá-lo — nem a Francisco Alves que no Brasil publica Ernesto Sábato (o livro é um ensaio sobre Ernesto Sábato e Albert Camus) foi publicado pela Editora da UFSC porque foi considerado um livro importante. Publicamos, fizemos lançamentos aqui e em Porto Alegre e dis-

**"Santa Catarina sempre recebeu bem o pessoal de fora que procura se integrar e contribuir para a produção literária"**

**"Drummond trabalhou durante anos para o MEC, na ditadura Vargas. Isso não impediu que ele produzisse a obra que produziu"**

tribuímos para toda a nossa rede de distribuição, tanto interna — através de um programa para a integração do livro — como externamente, através das nossas distribuidoras comerciais. O livro dele nunca esteve no hospital, porque hospital é lugar de doente. Todos os acontecimentos de fora ou de dentro da universidade do qual participamos, levamos o livro e da edição só restam 123 exemplares. O que nós não podemos fazer é forçar. Editora nenhuma no mundo pode forçar uma livraria a receber e colocar no mostruário um livro. A gente en-

caminha o livro. Uma editora não trabalha apenas o livro, trabalha todos os livros que edita, não pode se debruçar exclusivamente sobre um título, tem que se debruçar sobre a produção. Isso tenho consciência de que temos feito, não só com o livro dele mas com todos. A prova disso é a nossa colocação dentro do universo editorial brasileiro e que o livro dele se encontra só com 123 exemplares. Vou dar um exemplo de como é que as coisas são: em Porto Alegre nós temos uma distribuidora e várias livrarias recusaram, não sei o motivo, o livro do Sr. Janer Cristaldo, que é gaúcho.

AN — E sobre os direitos autorais?

SM — É um problema geral do livro não só no Brasil. Há uma praxe, o autor recebe 10% em direitos autorais, em exemplares ou em dinheiro. Em exemplares na hora em que o livro sai o autor recebe 10% da tiragem e em dinheiro seis meses depois de o livro publicado, dos exemplares efetivamente vendidos. Por exemplo: numa edição de três mil exemplares, se em seis meses vender 1.200 ao preço de Cz\$ 1.000,00 cada, 10% disso é pago para o autor. Nessa inflação, na verdade, seis meses depois o autor não recebe praticamente nada. Existem exceções, mas temos que trabalhar com a regra e não com a exceção. Ninguém no País vive com a regra. O autor brasileiro, de uma maneira geral e o catarinense em particular, obrigatoriamente tem que ter emprego e poucas horas livres — se é uma pessoa que fundamentalmente necessita se comunicar através da palavra. Nessas poucas horas livres ele vai escrever.

AN — O que você está preparando. Vai publicar algo logo?

SM — Estou com um novo livro de contos ("As Areias do Tempo") que vai ser lançado pela Editora Global de São Paulo na Bienal Internacional do Livro. É de novo uma visão crítica da sociedade, é de novo um debruçar, como tem sido nos meus livros anteriores, sobre problemas do tempo e da memória, da velhice e da morte e de novo, como nos nove livros que já publiquei, voltado direta ou indiretamente para Biguaçu. Enquanto outros escritores criaram uma cidade para suas necessidades ficcionais, eu adaptei uma cidade que já existe. Uma Biguaçu ao mesmo tempo mítica e real, ali é o microcosmo do macrocosmo. É o microcosmo do mundo como eu o vejo, criticamente, de uma maneira que precise rapidamente ser repensado. Ao mesmo tempo trabalho num novo livro chamado "As Várias Faces", que é uma novela em três atos. Como eu nunca consegui escrever poesia e nunca consegui fazer teatro para valer e a estrutura da novela exigia que fosse feito só com diálogos, dividi em três atos. Esse deve ficar pronto até o fim do ano. Já estou na quarta versão dele.

AN — Eu não consigo ver a literatura feita em Santa Catarina circulando entre o público, que, imagino, não sabe dos escritores daqui. E eu gostaria que você fizesse uma breve avaliação crítica do que está na praça.

SM — Os brasileiros não lêem os seus escritores. Isso se compreende se pegar os grandes órgãos de comunicação do País. Sempre cito a "Folha de São Paulo": numa semana em que a "Folha" estava dando página inteira para um romance do Sidney Sheldon, ou de um nome parecido dessa linha, na página inteira da "Ilustrada", estava saindo um livro de um poeta fantástico e de um dos melho-

res tradutores que temos neste País, um ensaísta que se chama José Paulo Paes. Sairam oito ou dez linhas sobre o livro dele. Se pegar a revista "Veja", 90% dos livros resenhados são estrangeiros. É claro que eles já vêm do exterior com uma carga publicitária muito grande. Transportando isso para Santa Catarina, que não tem projeto cultural muito definido e como a literatura aqui é processada através de ciclos mais ou menos estanques e na verdade temos uma meia dúzia de nomes, se tanto, de projeção nacional e um único deles com o nome inquestionável, que é o Cruz e Souza, é claro que eles são desconhecidos. Junte-se o fato de que nunca tivemos uma editora que publicasse escritores daqui e distribuisse para outros estados... Mas na área do conto e da poesia temos alguns nomes com nível igual ao que se está fazendo hoje no Brasil. Não temos nenhum gênio, nem no Brasil. Temos nomes razoáveis, nomes bons, nomes que não podem ser questionados.

**Almeida Fischer** (*Brasília*),  
*Acionista:*



**Augusto de Campos**  
(*São Paulo*),  
*poeta e tradutor:*



**Antônio da Ponte Jardim**  
(*Rio*), *sociólogo:*



Dizem que os câes vêem coisas, 24 excelentes contos de Moreira Campos; *A vida breve* de Sezefredo das Neves, poeta, romance de Salm Miguel; e a releitura de Suzanne Prou, principalmente *O terraço dos Bernardini*.

As cores da retórica, de Wendy Steiner, ensaios sobre a relação entre literatura e pintura modernas; *O momento futurista*, de Majorie Berloff, sobre a vanguarda e a linguagem de ruptura dos "futuristas".

Gallego, romance do cubano Miguel Barnet, que relata a dramática história de um emigrante galego em Cuba na década de 20. Com ele podemos mergulhar no processo de formação da sociedade cubana contemporânea.

A VIDA BREVE DE SEZEFREDO DAS NEVES / Livro

# O resgate dos poetas anônimos

Tolstói cunhou uma certeza no mundo da literatura: o escritor que soubesse falar de sua aldeia de maneira complexa e completa já teria seu lugar garantido na lista dos bons. Pois um dos bons escritores brasileiros que insistem em dar vida e narrativa à sua aldeia é o escritor catarinense Salim Miguel, que esteve de passagem por Brasília e aproveitou para fazer o lançamento de seu mais recente volume de ficção: *A Vida Breve de Sezefredo das Neves — Poeta*, um lançamento da editora Tchê! de Porto Alegre.

Mais uma vez e com a mesma paixão e precisão Salim Miguel volta a Biguaçu de sua infância, uma cidadezinha próxima de Florianópolis e lugar fundamental na maioria de seus contos e ficções. No livro, o escritor confirma por que é hoje um dos principais ficcionistas de Santa Catarina, armando uma ponte inteligente entre as lembranças do passado e uma forma de narrar inteiramente cativante.

Salim confirma conhecer a fundo a vida secreta de Biguaçu, cidade onde nasceu no ano de 1924. Um outro escritor, e também crítico, Fausto Cunha, é quem diz que Biguaçu é "o condado faulkneriano" de Salim Miguel. Ele mesmo declara que Biguaçu é a cidade ideal para suas necessidades ficcionais e é de lá que sai o nosso poeta Sezefredo das Neves, um desconhecido dos leitores em geral, mas que certamente se tornará íntimo depois da leitura das 325 páginas escritas por Salim.

Ficção? Montagem? Colagem? Romance? Jogo de armar? Crônica de província? Salim Miguel não responde sim nem não a cada uma dessas perguntas. Por uma loucura dessas de escritor e um projeto acalentado há muito tempo, ele resolveu escrever e criar um personagem que fosse uma síntese dos tantos poetas provincianos e sem fama que ele conheceu pessoalmente. O passado, naturalmente, fazia suas solicitações e, provocado, Salim Miguel novamente voltou a Biguaçu. "O personagem deste livro é uma



O escritor catarinense Salim Miguel escreve sobre a vida secreta de Biguaçu, sua terra

soma dos vários poetas que conheci. Você sabe que a cada geração são numerosos os candidatos a poetas do lugar, do País e do mundo e só o tempo vai nos dizer quem passou por essa cruel seleção", diz Salim.

Pela primeira vez, o ficcionista é obrigado a seguir à risca os caprichos de seu personagem. Sezefredo obrigou-o a escrever vários poemas. E Sezefredo é um poeta que muito bem lembra versos de Fernando Pessoa, García Lorca, Mário de Andrade e Jorge de Lima. É claro que em muitos momentos, sob a pele de Sezefredo, oculta-se o sincero ficcionista e Salim não se faz de misterioso, ele que aprendeu literatura com Machado de Assis, Graciliano Ramos, Flaubert, Stendhal e Joyce.

## O OFÍCIO INESGOTÁVEL

Mas mesmo para cobrir a vida de uma aldeia com um romance e alguns contos é necessário longo e demorado trabalho. Salim Miguel, que hoje é diretor da Editora Universitária da Universidade de Santa Catarina, trabalha seis

meses do ano a poucos quarteirões da própria universidade. O restante ele passa em sua casa de praia, a poucos quilômetros de Florianópolis, desfrutando de uma solidão indispensável e inteiramente por conta das letras e das criações.

Para ele, existem duas vertentes de escritores que se dedicam aos livros: uma primeira dos que só confiam na primeira e definitiva versão e uma outra dos que confirmam que "escrever é saber cortar". Para este *A Vida Breve de Sezefredo das Neves* ele trabalhou diariamente entre seis e sete horas, durante dez meses. Escreveu mais de sete versões. Agora reconhece que seu personagem salu-lhe mais para o patético que para o risível: afinal, ele conseguiu "resgatar" a vida e a obra deste que seria um "Rimbaud" de Santa Catarina. Um poeta estranho e introspectivo que mais tarde vai negar a literatura e tornar-se um próspero empresário.

Salim Miguel não se demorou muito na estruturação do trabalho, pois além de contista, ele é bastante experimen-

tado em linguagem cinematográfica. Por 14 anos morou no Rio de Janeiro, quando era um dos editores da revista *Ficção*, revista importantíssima na década de 70. Em 14 anos de Rio de Janeiro, ele só publicou um livro. Agora, vivendo em sua terra, onde espera "lá mesmo deixar os ossos", ele pode dar-se ao luxo de todos os anos realizar antigos e sonhados projetos. Como o seu segundo romance, *A Voz Submersa*, que esquadrinha os anos agitados da ditadura militar por prismas inteiramente novos.

"Tudo é ficção e nada é ficção", adverte o autor, satisfeito de poder em sua literatura preparar armadilhas para o leitor e surpresas que fazem a fórmula secreta de sua alquimia de escritor. Salim não se esquece do que viveu de importante. No romance anterior, falava da morte do estudante Edson Luis, no Calabouço, Rio, em março de 68. (C.A.)

*Celso Araújo*

A VIDA BREVE DE SEZEFREDO DAS NEVES — de Salim Miguel. Editora Tchê!, de Porto Alegre. 375 páginas.

## Além da modernidade

*MIGUEL, Salim. A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta. Porto Alegre, Tchê! Editora Ltda. (Av. Capivari, 1.141), 1987. 326 pp.*

O catarinense Salim Miguel também está com novo livro na praça: *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta*. Desde o título, que lembra obra de cordel, já se estabelece um clima de obviedade e mistério. Em visão retrospectiva, a talvez-biografia do frustrado escritor que se torna empresário.

À medida que a história avança, desenha-se o perfil fugidio de uma figura contraditória, a um tempo genial e fracassada. Como pano de fundo, os fatos marcantes da história do País, da Revolução de 30 à morte de Vargas. Paralelamente, um balanço literário dos representantes da chamada *geração de 45*.

A tecelagem de Salim produz um livro denso e irônico, misto de ficção e realidade, mas esquivo a rotulações. Já a dedicatória antecipa seu caráter multifário: "ficção/montagem/colagem (ou biografia imaginária) na qual o autor tanto se envolveu que nem consegue mais separar fantasia de realidade".

A esse mosaico de temas, estilos e técnicas várias, manipulado com destreza pelo autor, talvez coubesse uma classificação, justamente criada para qualificar tudo que extrapola os padrões estéticos conhecidos. Eis aí o que se poderia chamar de um romance *pós-moderno*.

# 'A vida breve' de Salim



O mais recente livro de Salim Miguel, "A vida breve de Sezefredo das Neves, o poeta", recém-saído dos prelos da editora gaúcha Tchê!, pela sua estrutura, é obra que pode oferecer a mais diversificada gama de leituras: ficção, montagem, cola-

gem, romance, jogo de armar, crônica de província, biografia imaginária.

Como seus livros anteriores ("Alguns gente", "A ponte", "O primeiro gosto", "A voz submersa", "A morte do tenente e outras mortes", entre outros) Salim Miguel, neste novo trabalho, se debruça sobre o passado, na busca de, mais que o recuperar, iluminá-lo, reelaborando temas que o obsessão, como o tempo e a memória, a velhice e a morte, o conflituoso inter-relacionamento do ser humano.

A ação de "A vida breve de Sezefredo das Neves, o poeta" transcorre em duas cidades — Biguaçu e Florianópolis — abrangendo um período da história nacional (décadas de 30 a 50) em que se fundem e confundem fantasia e realidade.

Personagens saídos de outros livros do autor se misturam com outras que nada têm de ficcionais, para através de depoimentos, memórias, poemas, contos, necrológios, cronologias, reminiscências e diários íntimos, tentar decifrar a personalidade múltipla e una de Sezefredo das Neves e sua vida breve.

Salim Miguel nasceu no Líbano, em 1924, mas é brasileiro e catarinense por naturalização e adoção. Cedo ficou-se com sua família em Santa Catarina, sendo criado no interior, em zonas de colonização alemã e açoriana. Jornalista, argumentista e roteirista de cinema, foi o criador de um movimento cultural que ficou conhecido como Grupo Sul (revista, artes plásticas, música, clube de cinema e cinema) que teve intensa atuação, no período de 1947 a 1958, quando se modificou o ambiente cultural de Santa Catarina.

Trabalhou na imprensa carioca, de 1965 a 1979, quando fundou e dirigiu, com Cícero Sandroni e Eglê Malheiros, a melhor revista de contos que já tivemos, a "Ficção" (1976 - 1979).

Vive hoje em Florianópolis, onde de par com suas atividades de jornalista e escritor desenvolve vigorosa atividade de animação cultural.



## Uma biografia imaginária da geração de 45

O escritor Salim Miguel, que já publicou vários livros-comentários sobre literatura e cinema, coloca no mercado seu mais recente trabalho: **A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta** (Editora Tchê, Porto Alegre, 326 páginas, 1988). Misturando ficção e realidade, o autor tenta recriar a história de Sezefredo, descrito como um poeta frustrado.

O livro é uma biografia imaginária na qual, através da personagem, se faz um balanço da chamada **geração literária de 45**. Ao mesmo tempo, pela lente de duas pequenas cidades, apresenta-se uma visão do Brasil da década de 30 até a morte de Getúlio Vargas, em 1954.

A obra se compõe de vários blocos interligando explicações de como o autor recebeu o espólio literário de Sezefredo das Neves. Em primeiro plano, está a cronologia da vida do poeta, seguindo um caderno com seus poemas, outro com prosas e uma série de vinte depoimentos descrevendo a personalidade de Sezefredo. Neste ponto surge a ficção. Os depoimentos, todos eles, são redigidos pelo autor no estilo dos escritores e jornalistas de Santa Catarina, ou de personagens do próprio livro, correspondente à época de Sezefredo.

Salim Miguel, que reside em Florianópolis, onde dirige a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC, tenta mostrar um escritor que vivia a poesia e se sentia interiormente um poeta. Mas quando sentava à máquina para escrever seus versos produzia um texto de má qualidade, ou realizava um pastiche de outros poetas. "Os poemas e prosas de Sezefredo, quando tinham alguma qualidade eram verdadeiros pastiches, que refletiam o que ele estava lendo". Aí surgem as análises de Salim Miguel sobre a obra de Sezefredo das Neves, nitidamente influenciada por Garcia Lorca, Cruz e Sousa, Fernando Pessoa, Mário de Andrade e Jorge Lima.

Sezefredo das Neves, o poeta, desaparece do cenário literário em 1954, com a morte de Getúlio Vargas, ressurgindo em 1986, quando se tem notícia de sua morte. Nesta ocasião, com as manchetes dos jornais de Florianópolis, descobre-se que o frustrado poeta tornou-se um bem sucedido empresário.



**Salim, o homem de Biguaçu.**

## **Jogo de armar**

Em *A Vida Breve de Sezefredo das Neves*, poeta (Tchê! Editora), o escritor Salim Miguel propõe um curioso jogo de armar. Na contracapa, o livro é (in)definido como ficção/montagem/colagem/romance. Breve mas densa, a vida de Sezefredo embaralha ficção e realidade. Envolvido pela técnica apurada do autor, o leitor é levado a absorver uma e outra com a mesma intrigante intensidade. Salim constrói com realismo a "biografia imaginária" do jovem poeta, descrito como "pálido e alto e suave e agressivo e doentio e sofrido e sonhador e infeliz". Sezefredo age como se houvesse, de fato, transitado pelas ruas de Biguaçu (onde, aliás, nasceu Salim Miguel), e, de tanto o autor lhe conceder vida própria, o personagem sente-se no direito de participar de acontecimentos reais da vida brasileira nas décadas 40/50. Neste, como em alguns dos seus livros anteriores, Salim investiga o passado e ilumina suas ruelas escuras. Como a Conceição da canção, Sezefredo, se existiu, ninguém sabe ninguém viu. Mas, se veio ao mundo, o fez para confundir, não para explicar. Daí, o seu fascínio. □ **Ed Sá**

**BIFRONTISMO**

# Dois em um

Trajectoria sem tragédia da poesia ao pragmatismo



A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta, de Salim Miguel. Tchê, 322 páginas; CZ\$

Carlos Sandroni

**U**M romance de geração: a idéia, que se encontra na base de obras tão díspares quanto a de Sérgio Sant'Anna, que leva precisamente este nome, e o Encontro marcado de Fernando Sabino, inspira também esta "ficção/ montagem/ colagem (ou biografia imaginária)", como a qualifica seu autor nas primeiras páginas.

A geração, no caso, é o grupo de escritores e intelectuais catarinenses que durante a década de 50 procurou renovar o ambiente cultural de seu estado, através de um movimento que ficou conhecido como Grupo Sul.

E o romance, como no caso de Sant'Anna, resolveu-se num falso romance — algo que se promete como um romance, apresenta-se editorialmente como tal, mas inscreve a frustração que é seu tema na própria forma do texto: ali, uma peça de teatro; aqui, um agregado de depoimentos, contos, poesias.

Tal agregado, de e sobre o personagem-título Sezefredo das Neves, vai compondo uma figura de duas faces, cuja "vida breve" como poeta deu lugar em certo momento a uma segunda vida — presume-se, longa — como bem-sucedido empresário.

Do primeiro, espécie de síntese de todos os jovens promissores, autodidatas, inevitavelmente alheios aos problemas materiais e cheios de veleidades literárias, é traçado um retrato bastante denso e detalhado.

Do segundo, porém, a narrativa desvia o olhar, com certo pudor. Nela, o sucesso empresarial arranca dos sonhos juvenis

a possibilidade de realização, transforma-os em puerilidades. Contraposição algo maniqueísta que expressa talvez verdade profunda sobre a condição de certa classe de artistas e intelectuais em nosso país. De fato, é notório que a arte como empreendimento bem-sucedido no Brasil encontra-se de modo geral sob suspeita (e não importa se com razão ou não em cada caso).

Salim Miguel não se limita à técnica já relativamente conhecida de atribuir o texto ("um manuscrito, naturalmente", como em *O nome da rosa*) a interposta pessoa. Este procedimento, que possibilita certo distanciamento por parte do autor em relação à obra — pois institui um simulacro de autor que mediatiza a relação daquele com o leitor — é aqui elevado ao quadrado: o autor fictício, Sezefredo das Neves, não deixou exatamente um manuscrito, mas uma "maçaroca", um conjunto disperso e fragmentado de textos, que será organizado em sua forma definitiva pelo narrador do livro. O qual, aliás, também não se pode afirmar com toda certeza que seja o próprio Selim Miguel.

Este achado estruturante, se é responsável por grande parte do interesse do livro, também não deixa de responder pela desigualdade dele: é como se alguns dos defeitos e irresoluções do próprio Sezefredo se impregnassem no resultado final, que deveria, ao contrário, transfigurá-los sob seu próprio prisma.

A obra constitui-se, ademais, num importante depoimento sobre os percalços do fazer literário fora dos chamados centros culturais do país. Os retratos da cidadezinha natal e da capital do estado com sua sociedade são, como nos filmes de Fellini, reminiscências a um tempo ferinas e comovidas.

Carlos Sandroni é graduado em Letras e autor de um ensaio sobre Mário de Andrade: Mário contra Macunaina.



Tarcísio Mattos

Salim Miguel chega ao oitavo livro traçando a trajetória do poeta Sezefredo, um tipo que estava em sua cabeça há muitos anos, mas que somente agora ganha contornos próprios

LITERATURA

# Salim resgata o clima do Grupo Sul

"A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta" remexe o passado e traz de volta personagens e tipos dos anos 40 e 50

Paulo Clóvis Schmitz

Já foi lançado o novo livro de Salim Miguel. *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta*, editado pela Tchê!, não se enquadra num gênero apenas, não é um livro linear, sendo definido pelo autor como uma obra aberta, uma colagem que somente na junção dos pedaços, dos vários blocos estanques que a compõem, ganha uma unidade. É também uma reviravolta se comparada ao livro anterior, o romance *A voz submersa*, ficção assumida, de uma linguagem e narrativa complexas e, para alguns, até herméticas para os padrões da maioria do que se faz hoje no país.

Sezefredo das Neves, que domina a ação nos oito blocos do livro, é um poeta sem vocação, mais um entre tantos candidatos que se aventuram no seletivo vestibular que define quem é quem na literatura — uma seleção ainda mais desigual quando o contexto é a província. Salim não confessa abertamente, mas também não nega que Sezefredo, a par de ser o resultado, a síntese de várias pessoas que conheceu, é o protótipo daquele poeta sem talento e não desconfia disso — um tipo que se multiplica pelos bares e redações de jornais, vernissagens e cursos de Letras.

Presente no subconsciente do autor há várias décadas, Sezefredo é também o retrato de uma geração — a geração de 45, fundamental no contexto das letras brasileiras deste século e que, por aqui, foi ainda mais importante por ter protagonizado o surgimento do Grupo Sul, referência obrigatória quando o assunto é literatura catarinense. Biguaçu e Florianópolis são o palco da trama, onde Sezefredo perambula com seu talento rarefeito e seu bolso vazio. Como pano de fundo, a vida social da província e fatos históricos como a revolução de 30, a intentona de 35, o movimento integralista de 37, a redemocratização de 45, a morte de Getúlio Vargas em 54.

OBRA EM PEDAÇOS

A trajetória de Sezefredo, que, como Salim, também nasceu em Biguaçu, começa quando uma "maçaroca" cai nas mãos do autor. É o espólio literário do pseudo-poeta, que raramente produzia uma estrofe de qualidade e, quando estava mais inspirado, caía no pastiche, na imitação fácil. Um exemplo: "Verde espaço/verde mar/Verdejante murmurar/Cavalgar ondas bravias/verdo-longo cinza azul/sombrio", que lembra Garcia Lorca. Salim admite que, não sendo poeta, teve dificuldades até mesmo para criar poemas de qualidade duvidosa, porque era preciso se equilibrar entre as exigências da revolucionária poesia de sua geração e a mediocridade das criações de Sezefredo. "Julgar-se intrinsecamente um poeta não significa que se tenha condições de realizar uma boa poesia", dita o autor ao analisar a suposta vocação de seu personagem.

Seguem-se, depois, dois necrológios. Um dando conta da morte de Sezefredo das Neves, a 24 de agosto de 1954 (dia do suicídio de Getúlio), com a linguagem comum a esse tipo de informação jornalística, e o outro noticiando o falecimento de um certo S. Antero das Neves, conhecido como Coronel Antero, a 24 de agosto de 1986. Separam os dois o período de 36 anos e o volume da conta bancária: ao contrário do poeta, sempre atrasando o pagamento da pensão em Florianópolis, o empresário transformou-se num próspero comerciante do oeste do estado. Fica no ar a ligação entre os dois, porque o "sumiço" de Sezefredo nunca fica bem explicado e os dois necrológios acabam confundindo, de propósito, ainda mais o leitor.

Tudo isso, contudo, é apenas o começo. Seguem-se uma cronologia de Sezefredo, de menino pobre em Bi-

guçu até o misterioso desaparecimento em 54; os fragmentos de um diário íntimo, que revela a frágil personalidade do poeta; uma seleção de poemas; muita coisa em prosa, com os contos mais elaborados do poeta; um bloco chamado "imprecisos perfis", que desnuda o pobre e inseguro vate, na sua busca de afirmação e no seu medo de mulheres; e os depoimentos, reais ou fictícios, de 24 pessoas que teriam convivido com Sezefredo. Entre elas, gente como o professor e poeta Aníbal Nunes Pires, falecido em 1978, o cineasta Ody Fraga (um dos membros do Grupo Sul), o jornalista José Hamilton Martinelli, o ator Jason Cesar, o pintor Hassis e os escritores Adolfo Boos Júnior, Silveira de Souza, Guido Wilmar Sassi e Eglê Malheiros. "Escrevi os depoimentos pensando no que essas pessoas diriam e respeitando o estilo de cada um", revela Salim. Alguns foram consultados, outros só ficarão sabendo quando o livro chegar às suas mãos. Entre os depoimentos fictícios está o da dona da pensão de Sezefredo, que chora o desaparecimento do "povero bambino" e acrescenta novos dados à coleção de traumas do personagem.

De qualquer forma, o autor faz questão de não assumir compromissos com quem quer que seja. Seu poeta aí está, delineado, dissecado, pronto, mas sua existência é a incógnita que se mantém, cabendo ao leitor julgar seu destino. Tanto que o livro é fechado com uma citação, muito sintomática, de Fernando Pessoa: "Se me disserem que é absurdo falar assim de quem nunca existiu, respondo que também não tenho provas de que Lisboa tenha alguma vez existido, ou eu que escrevo, ou qualquer cousa onde quer que seja".

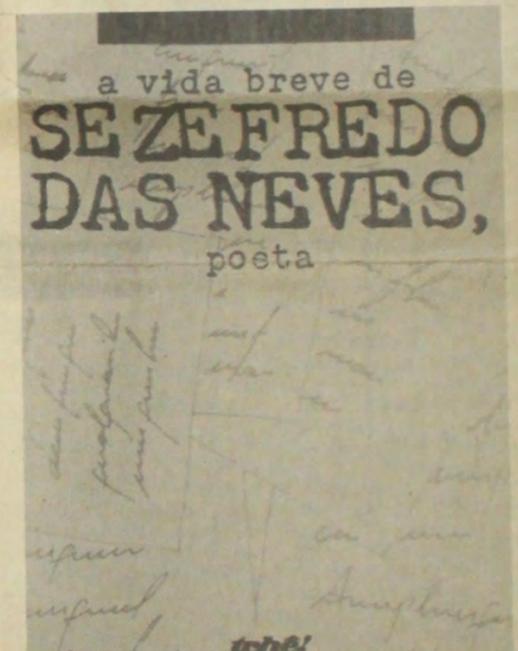
## 'Todos voltam sempre ao mesmo tema'

"Todo autor reescreve sempre o mesmo tema", ensina Salim Miguel ao contar que o personagem Sezefredo o acompanha há décadas e já chegou a aparecer no romance *Rede*, de 1955. O que varia é a forma como a história é apresentada. Entre *A morte do tenente e outras mortes* e *A voz submersa*, por exemplo, há uma distância muito grande, não só porque um livro é de contos e outro um romance, mas também pela distinção na técnica narrativa. Embora preocupado com o aspecto social, o primeiro é solto, linear, ao passo que o segundo, seguindo uma linha de introspecção psicológica, é de leitura mais difícil.

É por isso que ficção, a certa altura, é um termo cujo significado perde o rigor original. No novo livro, episódios vividos pelo autor voltam, transformados, e outros são narrados com fidelidade. Indiscutível, outra vez, é a preocupação com velhos temas como tempo e memória, velhice e morte, passado e presente, enfim, aspectos que desnudam os conflitos com que se debate o ser humano.

Reaparecem aqui personagens de outros livros, figuras que habitaram a Biguaçu de décadas passadas, experiências próprias e de amigos e coisas do Grupo Sul, que mexeu com o marasmo e sobreviveu à antipatia local, mesmo suportando ataques que qualificavam seus membros como "veados, malucos e comunistas".

Mesmo recorrentes e demonstrando novas facetas de suas personalidades, os tipos que passeiam pelos livros de Salim merecem ao autor um respeito que beira a reverência. É o caso de Sezefredo, amargo e cruel no início e que voltou humanizado, embora ainda patético e caricatural. Então o tempo também transforma o autor? Salim diz que sim, mas acha que não tem o direito de mexer no personagem. Ao contrário de Josué Montello, para quem após a primeira edição tudo é possível — até manipular os personagens e reescrever a história —, Salim pertence à linha dos que acham que não têm esse direito. É claro que ele vestiria de outra maneira os tipos de livros anteriores, mas considera isso natural porque



O livro foi lançado pela editora gaúcha Tchê!

todos vão amadurecendo sempre mais".  
CONTRA A CRISE

O autor de *Velhices e outros contos* (51), *Alguma gente* (53), *Rede* (55), *O primeiro gosto* (73), *A morte do tenente e outras mortes* (79), *A voz submersa* (84) e *O castelo de Frankenstein* (86), que também participou de diversas coletâneas e antologias e roteirizou filmes (com destaque para *O preço da ilusão*, primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina — em 1957), fala de cadeira de um assunto que é inevitável quando, além de escritor, o entrevistado é diretor de uma editora. Comandando há alguns anos os destinos da Editora da UFSC — que, neste período, tornou-se uma das mais importantes editoras de universidade do país —, Salim prevê dificuldades para este ramo em 88.

Por trás desse pessimismo está a crise da economia, que força as gráficas a reajustarem seus orçamentos a cada 20 dias e reduz, pelo arrocho salarial, o livro à condição de produto supérfluo. As tiragens raramente passam dos 3000 mil exemplares, um livro com custo de Cz\$ 200,00 precisa ser vendido a Cz\$ 1.000,00 e uma edição que não se paga entre seis e oito meses é prejuízo certo.

As pequenas editoras sofrem mais e mesmo as de universidade, subsidiadas pelo Ministério da Educação, vêm reduzindo seus lançamentos. A da UFSC programou a edição de quase 60 novos títulos para 88, mas se chegar aos 35 do ano passado "será um milagre". Por sua vez, as grandes editoras vêm reduzindo o número de publicações e, em alguns casos, vêm-se até no desconforto de atrasar o pagamento dos direitos autorais. "Depois da euforia do Cruzado o mercado se retraiu muito", informa Salim, que aponta a elevação dos custos e a redução das vendas como causas do problema.

De sua parte, como autor, ele não tem muito do que reclamar. Seu romance *A voz submersa* "está com a edição praticamente esgotada" e ainda este ano a editora Global deve lançar mais um livro seu, *As areias do tempo*, com contos que resgatem personagens de sua Biguaçu e de alguns dos livros anteriores.

# Salim Miguel retrata sua geração

Foto de Carlos Silva/DC

Em seu último livro, 'A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta', o autor revive o Grupo Sul, do qual participou



Regina Dalcastagne  
Florianópolis

**S**erá lançado no final deste mês mais um livro de Salim Miguel: *A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta*. É uma biografia imaginária ou uma ficção colagem onde, através de um personagem - resultado de várias pessoas que o autor conheceu -, é traçado o retrato de uma geração e suas preocupações. O cenário são duas cidades pequenas na época, Biguaçu e Florianópolis. O período, entre a década de 30 e o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954.

Num verdadeiro jogo de armar, o livro é composto por blocos. No primeiro o escritor recebe uma "maçaroca", o espólio literário de Sezefredo das Neves. Depois, vêm um diário íntimo do poeta, um caderno com seus poemas, outro com sua prosa e cerca de 20 depoimentos onde personagens reais ou fictícias expõem a personalidade de Sezefredo.

Percorrendo todos esses blocos, o leitor vai juntando as pontas, propositalmente soltas, e acaba por decifrar um poeta que são muitos, é o Grupo Sul, toda uma geração. Um poeta que some cedo e reaparece morto anos mais tarde nos necrológicos da grande imprensa como o próspero suinocultor S. Antero das Neves, presidente das Organizações Neves.

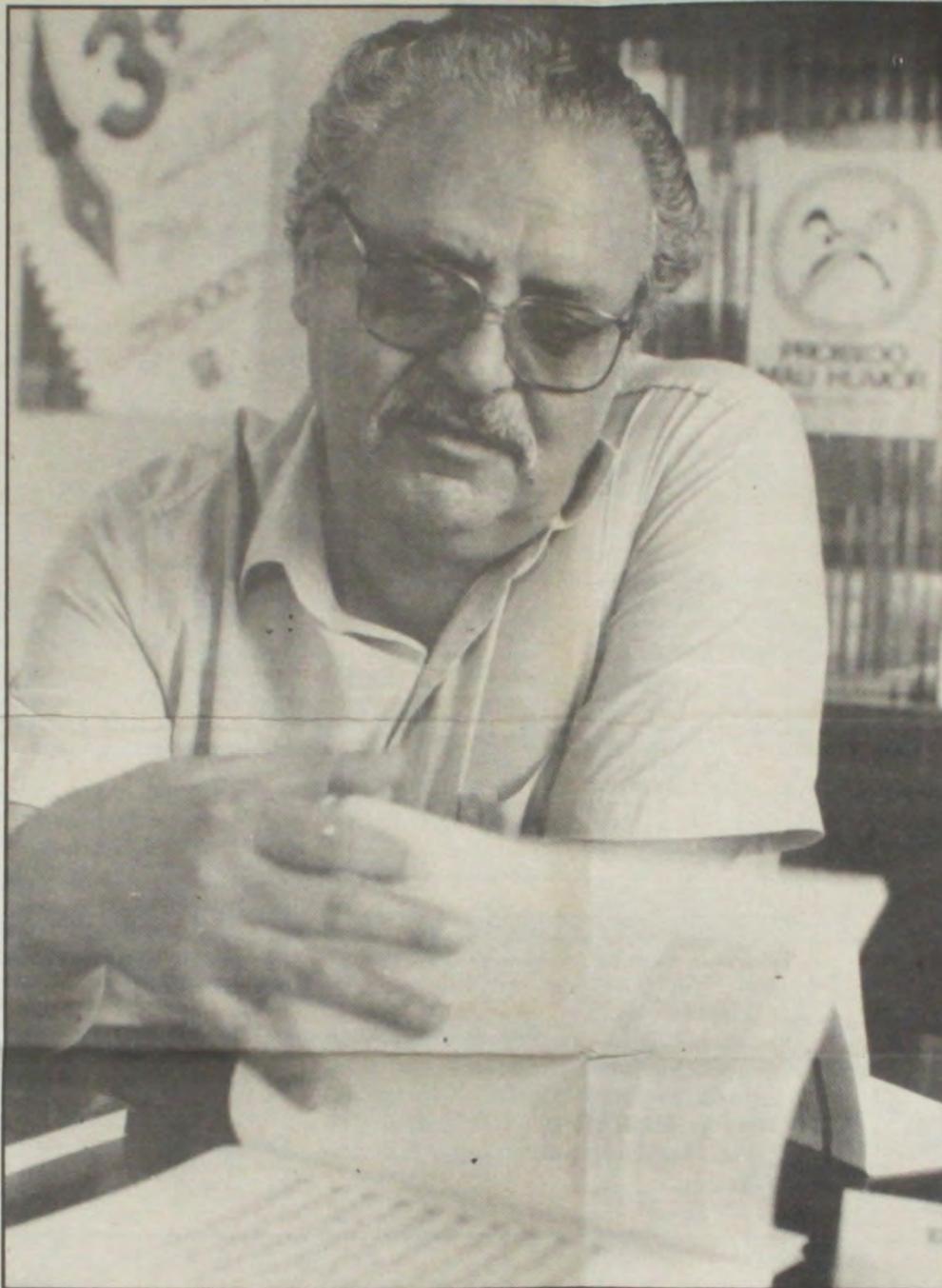
Sezefredo já estava anunciado num outro romance de Salim Miguel, *Rede*, há exatamente 33 anos. "O bandido não me largava e ao mesmo tempo não permitia que eu o escrevesse. A primeira idéia era fazê-lo um Sezefredo gozado. Vivi tanto tempo com ele, ele

me pedia tanto, que resolvi torná-lo um pouco mais humano. Mas ainda assim é uma figura patética. Ele se considerava visceralmente um poeta, porém, tudo o que escrevia ou era pastiche do que estava lendo no momento ou então versinhos seus, mas de péssima qualidade", depõe o escritor.

## DESAFIO

A pouca indulgência do autor é explicável, mas o "poeta" Sezefredo tem ótimos contos. *O Assassinato de C.V.* (de Vicente Celestino) é um dos melhores. O crime é cometido através da imaginação literária do suposto escritor. As cenas de violência crua e psicológica são minuciosas e hilariantes. Em outro conto, não consegue destruir suas personagens, elas são mais fortes que ele e provam isso. Sezefredo é mesmo patético.

Para Salim Miguel, que já escreveu sete outros livros entre contos, romances e crítica literária, este foi um desafio. "O livro todo, devido à sua estrutura aberta, foi difícil de elaborar. Tinha que juntar os fios soltos. Fazer interessar às pessoas o que me interessava. Mas o que me deu mais trabalho, não sendo poeta, foi escrever os poemas". Durante a Bienal de Literatura de São Paulo, em agosto, mais um livro seu será lançado pela editora Global. É *o Areias do Tempo*, uma dúzia de contos, todos situados em Biguaçu, com personagens que já apareceram em outros livros seus. Esta é mais uma característica do autor, seus temas são sempre retrabalhados e suas personagens recorrentes.



Salim Miguel, através de seu personagem, fala sobre o movimento cultural catarinense durante duas décadas

## Tempo de descobertas

Há 30 anos o editor, jornalista, escritor, crítico, argumentista, roteirista de cinema e atual diretor da editora da UFSC Salim Miguel dava uma entrevista dizendo que o objetivo da arte em geral não é agradar as pessoas, mas sim de agredir e questionar. Hoje ele reafirma sua opinião: "A tarefa do jovem é atacar as instituições vigentes, não se pode aceitar o bom, quanto mais o ruim". Mas, apesar de ser tarefa de jovem, Salim não pretende abandonar a briga: "É bom envelhecer questionando".

Já faz 40 anos que o Grupo Sul foi fundado, para acabar com o ranço cultural de Santa Catarina. Após as reviravoltas aprontadas, de onde saiu até o primeiro longa-metragem - *O Preço da Ilusão* - da história do cinema catarinense, ficou a lembrança de um período de "descobertas instigantes", quando os jovens, recém-saídos da guerra, se mobilizavam pela arte meio sem saber o que desejavam, mas com a certeza do que não queriam mais.

No tempo do Grupo Sul muitas coisas foram feitas, outras tantas esquecidas por falta de condições. Somente a velha "literatura engajada" foi posta de lado espontaneamente por Salim Miguel. Para ele, "escritor tem é que escrever", com um adendo: "Se ele for fiel a si mesmo, ao seu tempo e à sua gente, inevitavelmente sua obra refletirá o que está ao seu redor. Uma reflexão, que deve ser crítica, pode fazer com que as pessoas tomem posições melhores e ajudar a mudar as estruturas do país.

Seus amigos, os que já leram *Sezefredo das Neves*, estão tentando se descobrir na história. Um deles, Dionísio da Silva, ficou revoltado ao perceber que não existia no livro um depoimento seu sobre o poeta imaginário. Para se vingar ele prometeu escrever numa crítica as suas "lembranças" do Sezefredo, brevemente poeta. Salim Miguel garante que ninguém conseguirá se identificar: "Estão todos transfigurados pela minha imaginação" e, completa com um orgulho parecido ao que sentia Sezefredo ao destruir literariamente as pessoas que de alguma forma o desprezavam: "São as minhas criaturas".

## Escritor sobrevive por teimosia

Com os direitos autorais de um livro como *Sezefredo das Neves*, cuja edição teve 3 mil exemplares, média brasileira, um escritor pode viver modestamente de três a cinco meses. Salim Miguel habitou o poeta Sezefredo em sua memória por mais de 30 anos. Durante todo esse tempo a idéia foi sendo repensada e trabalhada. De agosto de 1986 a maio de 87 ele passou seis horas diárias em cima de uma máquina de escrever. O livro, que já está nas prateleiras das livrarias, é pelo menos a sexta versão do original.

"Uma pessoa escreve porque tem necessidade de se expressar, de deixar seu recado. Poucos sobrevivem disso. Talvez uma dezena, que sacrificou tudo para se dedicar unicamente à literatura. Inácio Loyola Brandão, por exemplo, abandonou os filhos, a mulher, o conforto de sua casa. Mesmo assim, no começo teve que se sustentar com uns 'free'",

explica Salim, tentando justificar a teimosia de um trabalhador mal pago.

Livro, para a maioria dos que o escrevem, não é um bom negócio financeiro. As alternativas, lembra Salim Miguel, talvez fossem as bolsas pagas aos chamados "escritores residentes" da Alemanha. São oferecidas pelo governo, pela prefeitura ou até mesmo pela editora. Aqui no Brasil somente dois escritores conseguiram uma espécie de bolsa, que garante a sobrevivência durante a realização da obra. O primeiro foi o escritor mineiro Roberto Drummond, que na verdade recebeu um adiantamento da editora Guanabara para escrever seu livro. O segundo é Fernando Morais, autor de *A Ilha e Olga*, que tem uma bolsa e uma equipe concedida pela Unicamp para preparar um livro sobre o empresário pioneiro das comunicações, Assis Chateaubriand.

## Jornalista catarinense vai lançar novo livro

**A**té o final deste ano o mercado editorial estará recebendo dois novos títulos que, certamente, vão dar o que falar e pensar. Tratam-se dos livros "A vida breve de Sezefredo das Neves", poeta (com uma amostragem de sua produção literária) coligida e anotada por Salim Miguel e "As areias do tempo", ambos de autoria do jornalista e escritor catarinense Salim Miguel — que já possui outros oito títulos publicados — e que esteve semana passada no Recife.

Nos seus dois livros, assim como nos oito restantes que escreveu, Salim demonstra uma visível preocupação com o tempo e a memória, além de apontar uma certa apreensão com o inter-relacionamento conflituoso entre os seres humanos. Em "As areias..." ele dosa bem esses elementos através de uma coletânea de nove contos, três dos quais já conhecidos pelo grande público, através do *Jornal do Brasil*, onde Salim trabalhou escrevendo críticas literárias.

Mas sem dúvida é no livro "A vida breve de Sezefredo...", a ser lançado pela editora gaúcha Tchê, onde a narrativa de Salim deve merecer atenção especial: nele, o escritor incursionará uma vez mais pelo gênero romance, utilizando-se de uma técnica e linguagem que prometem torná-lo um dos mais inusitados e interessantes lançamentos do ano. Com o pretexto de traçar uma biografia imaginária de Sezefredo, ele estará, na realidade, reconstituindo uma emocionada trajetória de sua geração literária, surgida logo após o pós-guerra.

É muito mais: com requintes de humor e versatili-

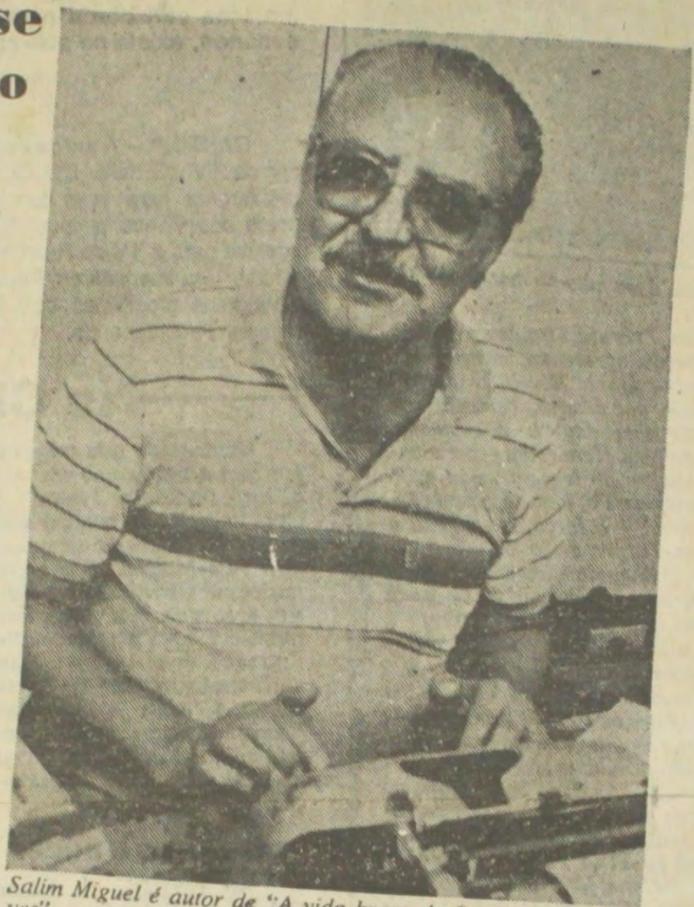
dade, Salim incluiu dentro de sua história, três novos livros de autoria do seu personagem: nada menos que o diário do poeta, sua coletânea de contos e de poesia. Diga-se de passagem que aí se vê, um Salim alterando seu estilo, para incorporar a escrita medíocre do poeta, que segundo o autor "apesar de possuir sensibilidade, era um pastiche".

Na última etapa do romance, Salim surpreende uma vez mais pela criatividade do enredo: aí ele aproveitará para não só dar asas a vários estilos, como aproveitará para prestar uma homenagem brincadeira aos seus colegas catarinenses: Como? Formulando vinte depoimentos imaginários onde em alguns momentos utiliza-se de personagens verdadeiros (escritores, cineastas) com os quais conviveu, recriando sua forma e estilo, para dar a impressão de que os textos foram por eles escritos. Proporcionando-nos, assim, sem dúvida, um divertido passeio pela "irrealidade".

### Editora Universitária

Não se pode negar: Salim além de ter "fôlego" é uma pessoa versátil. Jornalista durante anos e anos (somente na Editora Bloch trabalhou 16), já incursionou pelo cinema, crítica literária, além de manter seu explícito caso de amor com a literatura.

Há seis anos afastado do jornalismo, está longe de poder ser considerado um senhor de vida pacata: hoje, ele é o diretor-responsável pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. O que, traduzindo, representa estar sempre atento a três fatores básicos para uma boa condu-



Salim Miguel é autor de "A vida breve de Sezefredo das Neves"

ção do trabalho, segundo fórmula "receitada" pelo próprio Salim: recuperar a memória da produção cultural do Estado; publicar trabalhos importantes mas que devido aos altos custos, não são aceitos pelas editoras convencionais e incentivar o surgimento de novos valores, seja da comunidade universitária, seja da comunidade em geral.

Simples? Apenas teoricamente. Na prática isso significa uma jornada das mais ativas, e um constante estudo e exame de textos e propostas apresentadas diariamente. O saldo, positivo, da gerência de seis anos de Salim Miguel frente a editora, já pode ser sentido: durante esse período 200 novos livros foram publicados, abordando itens os

mais diversos que podem ir desde "A crítica do positivismo e o futuro da filosofia", até a "Iniciação em Vinhos".

Trabalho que, certamente, ganhará ainda mais em qualidade após a realização do I Seminário das Associações dos Editores Universitários, realizado em Goiana, este mês, e no qual Salim não poderia deixar de estar presente. "Criamos a associação, aprovamos os estatutos, vamos editar um catálogo conjunto de todas as editoras. Além disso, discutimos o papel de cada uma delas e chegamos a um denominador comum: é preciso unificar, conjugar, sem com isso deixarmos de lado as prioridades e peculiaridades de cada Região".



PÁGINA 4 "Natureza em Canto", que o Coral da Ciser mostra hoje, em Joinville, trata do meio ambiente.

# Anexo



QUINTA-FEIRA, 15/12/2005 • SUPLEMENTO DE A NOTÍCIA • NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

## Personagem frustrado e reeditado

"A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta", de Salim Miguel, retorna pela Record e ganha novo lançamento hoje, em Florianópolis

JÉFERSON LIMA

Florianópolis — Sezefredo é um poeta frustrado, que vive sua juventude e maturidade nos anos 30, 40 e 50 em Biguaçu e Florianópolis, durante a Era Vargas. Lê o melhor da poesia publicada durante o período e persegue a escrita de Borges, Lorca, Fernando Pessoa, e dos brasileiros Drummond, Jorge de Lima e Cecília Meirelles. Devora Cruz e Sousa. Sezefredo quer escrever uma poesia de qualidade, mas o máximo que consegue é produzir pastiches dos versos de poetas admirados por ele.

O frustrado Sezefredo é um personagem do romance "A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta", de Salim Miguel, reeditado pela Record, com lançamento hoje no Espaço Cultural Celso Ramos, do BRDE. A primeira edição é da editora Tchê, de Porto Alegre, de 1987. A nova versão do livro foi reduzida por Salim de 450 para 350 páginas, para atrair um número maior de leitores. Mas não houve corte na estrutura do romance, que mistura personagens reais e ficcionais.

Através dos olhos de Sezefredo é possível ver na Florianópolis da época um grupo de jovens modernistas que movimentava o Grupo Sul, integrado pelo próprio autor do romance. Na cena política, o principal personagem é Getúlio Vargas, e o tempo do romance ocupa a trajetória do ex-presidente, desde que ele assume o poder, na revolução de 30, passando pelo Estado Novo, Intentona Comunista, até seu suicídio, em 1954.

Autor de 25 livros, Salim Miguel nasceu no Líbano em 1924, mas chegou ao Brasil com os pais aos três anos de idade. Sua obra está sendo reeditada pela Record. O próximo título é

"A Voz Submersa", mas para 2006, a editora publica também um livro inédito de contos, "Sabor da Fome".

### PRÊMIOS

Com "Nur na Escuridão", o escritor recebeu os prêmios de melhor romance da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e o Zaffari & Bourbon, em 2001, de melhor romance da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Em 2002, recebeu o título de *honoris causa* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e o Troféu Juca Pato, da União Brasileira de Escritores e da Folha de São Paulo, como o intelectual do ano. Em 2004, publicou pela Record "Mare Nostrum", finalista do prêmio Jabuti.

Mesmo com a visão comprometida por uma retinopatia degenerativa, uma doença de nome complicado, conforme ele próprio define, Salim não se abala. Vive de bom humor e atualmente está fazendo um tratamento para interromper o avanço da cegueira. Como não consegue mais ler, um estudante de ciências sociais lê em voz alta para Salim e redige textos ditados pelo escritor. Sua mulher, a escritora Eglê Malheiros, também assessora o marido, lendo livros, jornais e a correspondência. Na máquina de escrever, Salim não consegue mais redigir, porque perdeu a capacidade de definir as letras nas teclas. Mas não pára de trabalhar e está produzindo um novo livro, do qual prefere não falar porque não gosta de divulgar o que está produzindo.

O QUÊ: Lançamento da 2ª edição de **A VIDA BREVE DE SEZEFREDO DAS NEVES, POETA**, de Salim Miguel. QUANDO: Hoje, 18h30 ONDE: Espaço Cultural Governador Celso Ramos (BRDE). Av. Hercílio Luz, 617, Centro, Florianópolis QUANTO: R\$ 40,90 (livro)



Cristiane Serpa/AN

**HISTÓRIA** No livro, Salim Miguel mistura personagens reais e fictícios numa trama que inclui o Grupo Sul e Getúlio Vargas

### ENTREVISTA / SALIM MIGUEL

**Anexo — Salim, por que você nunca escreveu poesia?**

**Salim Miguel —** Eu também tentei poesia. Tive a infelicidade, inclusive, de publicar dois poemas. Mas hoje eu gostaria de apagar isto da minha vida. Nunca consegui fazer um poema pelo menos razoável, embora eu seja um leitor apaixonado de poesia. O poema está acima do conto, do romance. Infelizmente a minha vocação não foi para a poesia.

**Anexo — Mais de um escritor já disse que escreve para impressionar as mulheres. Para que você escreve?**

**Salim —** Eu escrevo por uma necessidade interior, mas quando eu estou escrevendo, não estou pensando fundamentalmente no leitor. Mas eu escrevo para me comunicar e é claro que eu gosto quando um leitor diz que gostou, ou que não gostou do meu livro, mas que leu o livro. Acho que os escritores escrevem para se comunicar, para deixar um recado da sua época, da sua gente, dos problemas enfrentados no dia a dia, que são problemas gerais.

**Anexo — Você acha que a literatura pode mudar o mundo? Ela tem esse papel?**

**Salim —** Não, não, literatura não tem o papel de mudar o mundo. Ela pode ter o papel de alertar o leitor para as mazelas, os problemas, as crises que o mundo está atravessando, mas não no sentido de modificar o mundo. Quem pode modificar o mundo é o homem. Só que o homem, desde que eu me conheço por gente, está modificando o

mundo para pior. Quando eu era jovem, o nosso grupo achava que depois da 2ª Guerra Mundial (1939-1945) o mundo seria melhor, menos injusto, menos desigual, sem uns poucos tendo absolutamente tudo e a grande maioria não tendo nada, e que não teríamos mais guerra. E estamos em 2005 e continuamos pipocando guerras, lutas pelo mundo todo.

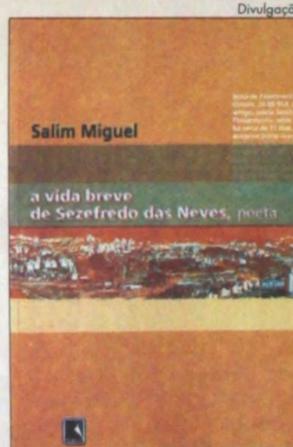
leitura não só para os meus livros, mas para toda a literatura. A Eglê tem uma visão muito mais abrangente dos problemas do mundo do que eu. Então ela lê, relê, e sugere que determinada frase seja reescrita, que um trecho seja cortado, ou que a participação de um personagem seja ampliada. É claro que *nem sempre eu concordo, mas ela tem uma participação fundamental na minha criação literária.*

**Anexo — Você pretende um dia escrever uma autobiografia ou já está tudo no seu romance "Nur na Escuridão"? Ou "Nur" é mais ficção do que biografia?**

**Salim —** "Nur na Escuridão" é uma ficção, só que em tudo que eu escrevo há uma imagem, um som, uma conversa que eu ouvi. O aspecto autobiográfico está mais claro em "Nur na Escuridão", mas no romance "A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta", o dono de uma venda em Biguaçu, onde as pessoas se reuniam, chamado Zé Gringo, trata-se de meu pai. Há sempre alguma coisa do Salim Miguel na minha literatura que não é o Salim Miguel, se é que é compreensível o que eu estou dizendo.

**Anexo — Então, uma biografia em primeira pessoa, nem pensar.**

**Salim —** Não. E a minha vida não tem nada de grande significação para uma biografia, a não ser o fato de eu ser preso durante o golpe militar de 1964, que já está num livro meu, "Primeiro de Abril". Então não tem sentido eu pensar numa autobiografia.



Divulgação

**Anexo — Até onde vai a participação da Eglê na sua literatura?**

**Salim —** Boa parte da minha literatura, como ela é, não seria possível sem a Eglê. Porque a Eglê é a minha primeira e mais atenta crítica. Porque ela tem um poder de

## Noite de autógrafos

Escritor Salim Miguel recebeu convidados no Espaço Cultural Governador Celso Ramos, anexo à sede do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo-Sul (BRDE), na Capital, para o lançamento de seu livro "A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta" (Editora Record). Na obra, o autor mistura personagens reais e fictícios numa trama que inclui o Grupo Sul e Getúlio Vargas.

Fotos Divulgação/Giovani Lorenzen

### Ex-governador

Ivo Silveira,  
Geovah  
Amarante, vice-  
presidente do  
BRDE, escritor  
Salim Miguel e  
Casildo  
Maldaner, diretor  
do BRDE



Iara  
Pedrosa e a  
escritora  
Eglê  
Malheiros

**Rodolfo**  
Joaquim  
Pinto da Luz,  
secretário  
municipal da  
Educação,  
Sayde José  
Miguel e  
Alfredo  
Teixeira



---

## **Um século de poesia: Augusto Frederico Schmidt**

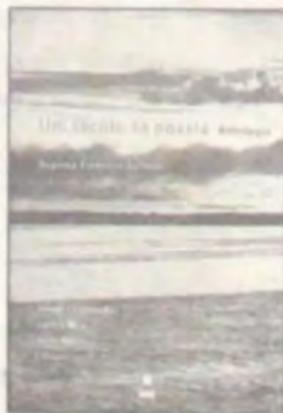
SELEÇÃO DE LETÍCIA MEY E EUDA ALVIM

Globo

232 páginas, R\$ 35

---

■ Nos 101 poemas selecionados nesta antologia, o leitor encontrará uma poesia que, sem tratar do pitoresco ou do particular, almeja diretamente o universal, mediatizado por campos temáticos como a casa, a esposa, o pássaro, a natureza, a felicidade, o sentimento religioso, as estações do ano, as flores, a lua, o mar, as estrelas e a noite. Poesia delicada, sem grandes arroubos, para ser vivenciada na intimidade, como um encontro pessoal e intransferível.



# A solidão segundo Salim Miguel

DEONÍSIO DA SILVA

ESCRITOR

A imprensa está devendo alguma coisa sobre a velhice para seus leitores. Há um dado novo na praça: escritores que passaram da idade bíblica dos setenta anos estão aí no batede, em livros e em jornais, descendo a borduna, teclando sem parar e não é nos programas de mensagens instantâneas.



Exemplos de velhos trabalhando incansavelmente não faltam, mas deram em disfarçar em eufemismos tristíssimos a nova estação aonde chegaram: melhor idade (para quê?), terceira idade (quais foram a primeira e a segunda?). De repente, por nefastas influências da moda do “politicamente correto” (tudo o que está na moda, está saindo de moda, pois sua marca é o provisório), desceu estranho pudor sobre palavras e expressões, desvirtuando o que sempre designaram.

Mas quem de nós não tem boas lembranças de velhos muito queridos, do tempo em que não existia o “politicamente correto”, a começar por nossos avós? Este escritor deve muito, por exemplo, a um professor que, chegado o tempo de aposentar-se por idade, permaneceu na universidade a pedido de seus alunos. E assim o poeta e professor Guilhermino César foi o apoio decisivo que tive para enfrentar as medrosas castas universitárias de antanho e defender tese sobre um escritor então proibido: Rubem Fonseca.

Foi falar no Diabo e eis o rabo. Rubem Fonseca fez oitenta anos e está em plena atividade criadora. Já li e reli *Mandrake: a bíblia e a bengala*, lançado ano passado, não com o mesmo método de Jorge Brennand Jr, autor de *Perversões sexuais e outras delícias*, que não concluiu a leitura, como sempre faz, pois aguarda o próximo livro de seu autor preferido.

Voltemos ao tema. Salim Miguel acaba de relançar pela Record *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta*, agora enxugado em dezenas de páginas (escrever é cortar). Com um verdadeiro acepipe: a orelha é feita por um dos personagens, à maneira de Borges: “em seu diário ele me cita várias vezes, sem jamais dizer meu nome, anonimato que prefiro manter”.

Às vezes não precisamos nem sair de Casa para ver que nossos irmãos mais velhos estão escrevendo sem parar. João Uchôa Cavalcanti Netto relançou os contos de *O Equívoco*, com capa de Millôr Fernandes. O primeiro rompeu a barreira dos setenta, o segundo a dos oitenta, onde está o jornalista Wilson Figueiredo. Mas todos estão longe do general Carlos Meira Mattos, que passou os noventa e continua escrevendo sem parar. E que dizer do jornalista Barbosa Lima Sobrinho, que, nascido no século XIX, atravessou três séculos, pois viveu mais de cem anos e escreveu a última coluna um dia antes de morrer?

Quanto ao livro do Salim Miguel, além de todos os méritos, tem o de mostrar, provavelmente de forma autobiográfica, que onde quer que esteja o intelectual, tenha ele a idade que tenha, precisa de convívio. Ele teve o Grupo Sul. Este me pareceu o tema solar do livro de *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta*.

Escrevemos em solidão, mas, ah, como precisamos uns dos outros, não para a confraria dos elogios mútuos, tão cabotina de resto, mas para deleite, desfrute das idéias, principalmente daquelas que não escrevemos nem jamais escreveremos, como as luminosas heresias científicas e literárias destiladas por Rubem Fonseca num bar do Rio, semana passada, e as confidenciais por Salim Miguel na visita que me fez em Florianópolis.

PS. O cientista político Wanderley Guilherme dos Santos acabou novo livro, de leitura urgente, imperdível, esclarecedora. É *Horizonte do desejo* (FGV). E outra leitura indispensável é *Guatá* (Record), de Flávio José Cardozo, ambientado nas minas de carvão catarinenses.

# Variedades

variedades@diario.com.br



Jornalista analisa a Revolução de 1930 sob uma nova ótica

Páginas 6 e 7

DIÁRIO CATARINENSE

QUINTA-FEIRA, 15 DE DEZEMBRO DE 2005

LIVRO

## O jogo de Sezefredo das Neves

Obra lançada no ano de 1987 volta ao cenário literário pelas mãos do escritor catarinense Salim Miguel

FELIPE LENHART

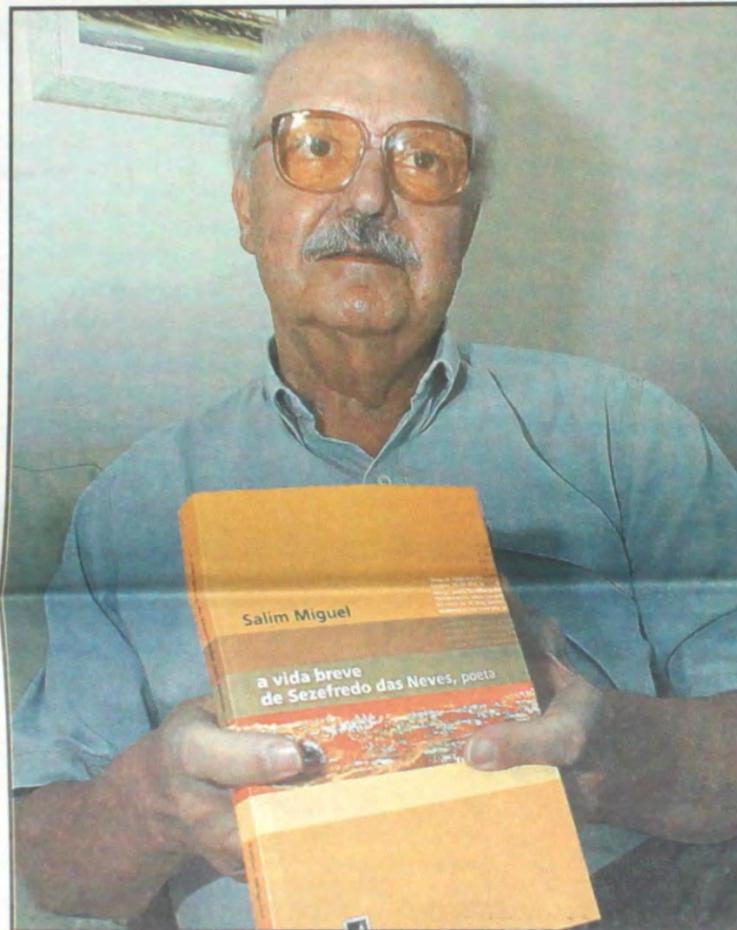
Sezefredo das Neves voltou à cena literária catarinense, e pode ser visto perambulando pela areia da praia da Cachoeira do Bom Jesus acompanhado do escritor Salim Miguel, que é seu amigo de muitos outonos e o provável organizador dos cadernos que contam a sua trajetória de mau poeta.

Se não foi Salim quem coligiu e organizou a "marçaroça" que formavam os papéis biográficos do companheiro de Biguaçu, pelo menos será ele quem vai autografar o volume *A Vida Breve de Sezefredo das Neves, poeta* (Record), hoje, às 18h30min, no Espaço Cultural do BRDE. E, se volta o Neves, voltam consigo a poesia frustrada e o jogo intrincado que foi (ou é?) a sua vida.

O fato é que Salim não teve como desmentir, em entrevista, que foi ele quem organizou a obra, lançada pela primeira vez em 1987, pela Editora Tchê, de Porto Alegre. O problema não foi nem tanto reconhecer a autoria, mas admitir, que mexeu no volume do livro. Pois Salim meteu a mão e cortou umas 100 páginas. Para desespero de Sezefredo.

Se transposto para os dias de hoje, o livro teria mais de 500 páginas. O Sezefredo, de tão indignado, reclamou muito dos cortes – disse o escritor.

Sezefredo pode espernear, mas o essencial ficou. A vida do homem está ali, toda, graças à perícia de Salim em extirpar o que só fazia paisagem. Continuamos sabendo que



Salim Miguel admitiu que mexeu no volume do livro e cortou 100 páginas

o biguaçuense saiu da barriga de Januária Miguelina no dia 27 de maio de 1927, para alegria do pai, Serzedelo das Neves. A primeira lembrança de vida é a Revolução de 1930.

Depois do suicídio de Getúlio Vargas, Sezefredo mudou-se de mala e livros para uma pensão no Centro da Capital.

O endereço não está claro no volume, mas o leitor atento percebe que é na Conselheiro Mafra. Dali,

Sezefredo acompanhou as mudanças do Brasil e do mundo, desde as alterações na política até o grupo de rapazes e moças que queria mexer com a pasmaceira da Ilha de Santa Catarina – afirmou o escritor.

### Um homem da rima, leitor ávido de qualquer poema

O fato é que Sezefredo leu tudo, junto com a turma do Grupo Sul, tudo mesmo que havia em forma

### Primeiro dos romances esgotados

*A Vida Breve...* é o primeiro dos romances esgotados de Salim Miguel que sai pela Editora Record, do Rio. O próximo pode voltar às livrarias no segundo semestre de 2006. É que já está na sede da editora, para avaliação, *A Voz Submersa* (1973). A republicação se deve, em parte, pela boa acolhida de público e crítica de *Mare Nostrum - Romance Desmontável*,

lançado no ano passado e que marca a estréia de Salim na Record. À época do lançamento, o escritor havia adiantado ao *Diário Catarinense* que as reedições poderiam ser feitas a partir do lançamento de *Mare...*

O Espaço Cultural do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) fica na Av. Hercílio Luz, 617, no Centro.

de versos. Era um homem da rima, leitor ávido, voraz de qualquer poema, e sempre atento à cena literária mundial. Frequentava a biblioteca e as livrarias. Mas para quê, se terminou a carreira sem escrever um único poema digno de nota? Ou melhor, há dois menos ruins, que estão no volume, mas Salim não lhes dá muita valia.

O que o Sezefredo escreveu é muito ruim. Ele realmente não era um bom poeta, apesar de viver poesia 24 horas por dia. E os poemas menos sofríveis são cópias de Jorge de Lima e Oswald de Andrade. Eu li, e continuo lendo, muita poesia, como o Sezefredo, mas nunca escrevi muitos poemas. Apenas dois foram publicados. Um, na revista *Meia-Pataca*, de Cataguazes (MG), e outro na *Sul*. Felizmente, não lembro do nome de nenhum deles, e infelizmente não consegui reunir todos os exemplares dessas duas edições para evitar que os leitores as peguem na mão – disse o escritor.

O apreço dos amigos pelo poeta

era enorme. Prova disso é o capítulo de testemunhos, que Salim preservou. Estão, entre outros, Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga, José Hamilton Martinelli, Adolfo Boos Jr., Hugo Mund Jr., Antônio Paladino, Guido Wilmar Sassi, Fúlvio Luis Vieira, Walmor Cardoso da Silva, Silveira de Souza e Hassis.

Há no livro que Salim autografa hoje, ainda, dois necrológios de Sezefredo das Neves. Mas, como tanta coisa que se falou do poeta nos últimas três décadas (até que ele fugiu para o Oeste do Estado e fez fama e fortuna), isso deve ser uma galhofa, uma mentirinha que o Salim meteu ali para nos surpreender. É capaz até que Sezefredo esteja presente ao lançamento, meio contrariado com os cortes, é certo, mas olhando tudo de perto, à procura do verso definitivo.

*A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta, de Salim Miguel, Editora Record, 349 páginas, R\$ 40*

felipe.lenhart@diario.com.br

[FICÇÃO][FICÇÃO][FICÇÃO]

# A vã ilusão de poder mudar o mundo

## Personagem de Salim Miguel representa os anseios de toda uma geração

**A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta,** de Salim Miguel. Editora Record, 354 páginas. R\$ 40,90

André Luis Mansur

Longe demais das grandes capitais, como na letra da banda gaúcha Engenheiros do Hawaii, o escritor Salim Miguel escreve de sua querida Florianópolis sobre um grande poeta criado por ele, síntese de um grupo de jovens que acreditava poder resolver "os problemas de nossa terra, de nosso estado, do nosso país, do mundo". Uma vã ilusão, como o próprio escritor, parte fundamental desse grupo, atesta.

Salim Miguel tem uma trajetória peculiar na literatura brasileira contemporânea. Nasceu no Líbano em 1924, foi ainda criança para Biguaçu, cidade da Grande Florianópolis. Na capital catarinense, para onde se mudaria e vive até hoje, participou de diversos movimentos culturais. Entre seus 25 livros publicados, um dos mais conhecidos é "Mare nostrum"

(Record), finalista do prêmio Jabuti em 2005.

Em "Sezefredo das Neves", Salim Miguel desenvolve uma estrutura narrativa que mistura memória, biografia, reportagem e romance, nunca definindo o que é realidade e ficção. Seu poeta é um poço de adjetivos: pálido, alto, magro, suave, agressivo, doentio, sonhador e infeliz, "como todos os poetas de antanho", no caso as décadas de 40 e 50 da boemia intelectualizada de Florianópolis.

### Roamnce foi reduzido de 450 para 350 páginas

O livro é a segunda versão do romance lançado pelo autor em 1987. Reduzido de 450 para 350 páginas, o livro mistura personagens conhecidos dele e outros criados pelo autor, sendo que o protagonista, o frustrado Sezefredo das Neves, pura criação literária, simboliza os sonhos e ambições do aspirante a escritor que vai para a cidade grande morar numa pensão barata, com dinheiro contado, originais engavetados em envelope pardo e muita cara de pau

(que é necessária quando não se conhece ninguém) para se incluir nos grupos e panelinhas intelectuais. Um "Rimbaud caboclo" que se transforma em homem de negócios e deixa o romantismo para trás, perdido em alguma sombra do passado, lembrando uma "metamorfose aparentemente inexplicável".

Não deixa de ser um livro nostálgico, um rito de passagem em que se percebe não apenas as marcas do tempo no rosto, no corpo e na voz, mas também nos hábitos e costumes da cidade que deixou de ser pequena. "O inevitável esbarrar-se com os conhecidos nos bairros, na rua-praça central sumira, lembrança para poucos de um tempo ido".

Nesta turma, que admirava Mário de Andrade, Lorca, Pessoa, Drummond e o catarinense Cruz e Souza, sobram vultos esmaecidos, "sonhos errados entre sombras" e o medo de que todos se perderam e estão deixando um mundo ainda pior para os que viriam depois.

O nome Sezefredo das Neves ganha literalmente um corpo

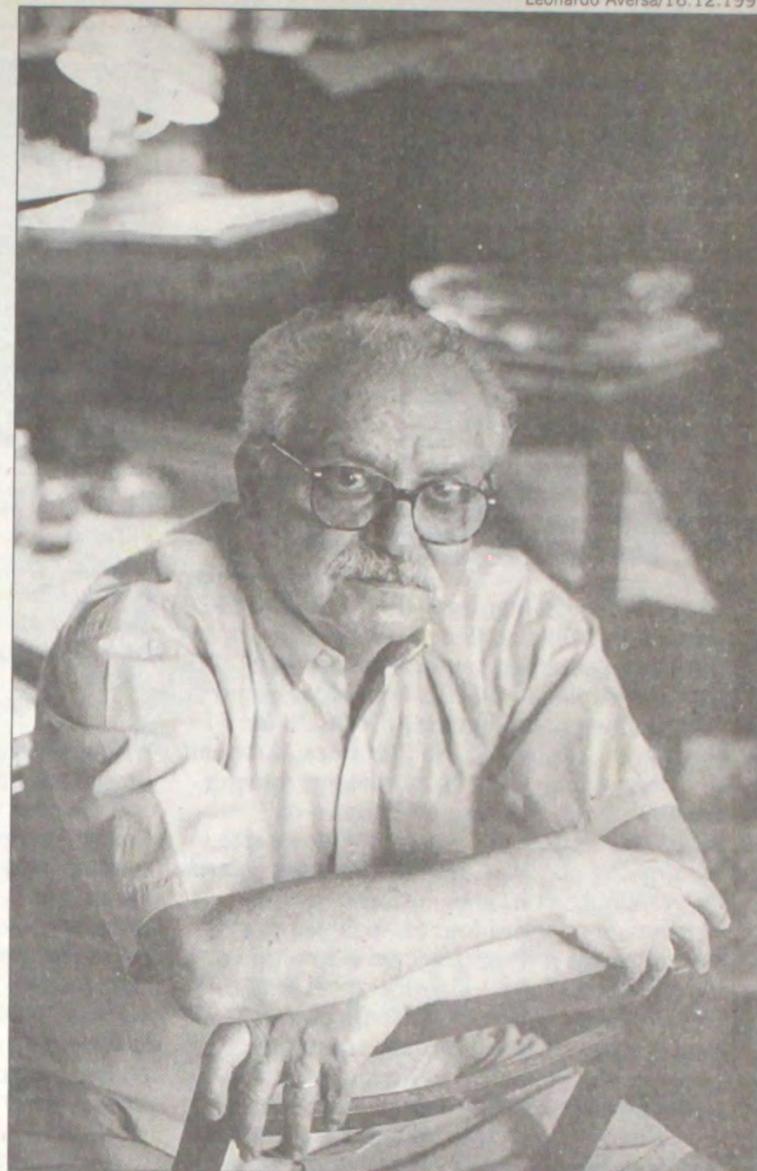
quando a dona da pensão onde ele se hospedara descobre uma maçaroca de papéis nas gavetas. "Pensei em jogar tudo fora", diz ela, que resolve mudar de idéia pois gostava daquele sujeito excêntrico e inconstante, que entrega a papelada a um conhecido do poeta, que enfim a leva ao narrador desta história.

### Vontade de realizar se choca com incapacidade de fazê-lo

E, de fato, a história está quase toda contida naquela papelada velha e esquecida, mas não a história de um homem apenas, de um poeta pobre que se transformou num homem de negócios, mas sim de uma geração que poderia fazer parte da pequena Biguaçu, de Florianópolis, Rio, São Paulo ou qualquer lugar onde pessoas se reúnam com "uma vontade de realizar que se choque com uma incapacidade de fazê-lo". A pergunta básica é: se os jovens não brigam e arriscam, o que serão quando ficarem velhos? ■

ANDRÉ LUIS MANSUR é jornalista

Leonardo Aversa/16.12.1999



O ESCRITOR fez uma nova versão de seu livro "Sezefredo das Neves"

## WILSON MARTINS

## Escritores em botão

Matéria homogênea de autobiografia enquanto memória de uma geração, o romance de Salim Miguel, agora reeditado, data de 1987, recuperando mais uma daquelas generosas aventuras de escritores em botão procurando afirmar-se e reivindicar espaço na vida literária (*A vida breve de Sezefredo das Neves*, poeta. Rio: Record, 2005). Trata-se da vergôntea temporária do Modernismo de 1922 que, sob as espécies do Grupo Sul, floresceu em Florianópolis nas décadas de 1940/50 (Celestino Sachet. *A literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979), tudo reconstituído a propósito dos papéis deixados pelo protagonista falecido, e renascido nas referências do narrador, no caso Salim Miguel, um dos membros proeminentes do Grupo.

História em que, segundo outro poeta, os frutos não correspondem à promessa das flores: "Ainda ontem passou por mim uma das chamadas esperanças da nossa geração, em quem todos criamos. Um trapo. Mal o reconheci quando parou para falar comigo. Física e moralmente líquido. Outro dia me telefonaram para dizer que outra promissora esperança intelectual sucumbira com um tiro na cabeça e um bilhete melancólico... E quantos mais, quantos, se foram na voragem do tempo, deles nunca mais tivemos notícias, desistiram, sumiram, se perderam...". Sezefredo também desapareceu de circulação, morrendo como poeta, para misteriosamente ressurgir, anos depois, na figura do rico empresário S. Antero das Neves (suprema ironia!), cujo falecimento desencadeia o esforço para reconstituir-lhe a "verdadeira" personalidade, através dos manuscritos que deixou: "eu descobri alguns de nós nos escritos. Não é necessária uma profunda introspecção detetivesca para reconhecê-los. Tu estás lá - e lá estão outros que te são próximos. [...] E lá está a nossa cidade dos anos 1940/50. E nos perfis que dele

tentamos, temos outro retrato de época".

Nesse informe, "flutuando entre névoas esgarçadas", desenha-se pouco a pouco a figura de Sezefredo Neves: "lentamente foi se delineando todo um período da minha vida. Melhor: um período conturbado (e rico, percebo agora) da vida de um grupo de jovens, todos nós. Sintetizando: fim da guerra, fim da ditadura getulista, fim da adolescência, busca de caminhos, numerosas influências se entrecrocando, jovens e ex-jovens querendo abrir espaço, encontrar um caminho, um lugar na vida, no mundo". Com isso, o narrador (que tudo indica ser o próprio romancista), escreveu também o romance paradigmático de uma educação:

"Devo, contudo, já que adiante transcrevo o que sobrou da obra de Sezefredo das Neves, situá-lo e nos situar no que se refere a leituras. [...] Meu visitante matutino já citou alguns nomes... um Neruda, um Maikovski... um Torga... um Rilke [...]. Também na prosa. Algumas leituras basilares... Machado e Eça, Manuel Antônio de Almeida e Camilo, Raul Pompéia e Simões Lopes Neto... Ulisses, na tradução argentina de J. Sallas Subirat... descobrimos Proust [...]" - Enfim, todas as leituras febris e insaciáveis que os jovens pálidos do mundo inteiro vêm repetindo a cada geração.

Sendo na realidade, um escritor malgrado, se não um intelectual maninho,

Sezefredo das Neves foi, sem querer e sem saber, e sem que o soubessem ou quisessem os seus amigos, o centro catalítico de todos eles: "Toda uma geração, a minha, que gravitou na Florianópolis das décadas de 1940-50, deve-não-deve devendo àquele Sezefredo das Neves, poeta, que um dia tachamos de ridículo sem nos apercebermos de que o ridículo é (como o sublime) um componente do ser humano e se encontra presente em todos nós". Em certo sentido (em largo sentido...), o trágico sublime estava em Sezefredo das Neves, enquanto o inevitável ridículo que o acompanha cabia à adolescência literária: "Todos ensaiam os primeiros escritos, têm sempre à mão o último texto manuscrito, rabiscado,

ilegível às vezes, mostram-no, inseguros ou confiantes, num eterno trocar de experiências e repetem e repetem e repetem o insubstituível 'lê o meu que eu leio o teu', trocam elogios insinceros, raros reparos que não se aceitam, pensa-se é despeito daquele sacana o meu é muito melhor, ficam a se medir, da próxima vez ele tem que falar primeiro se me elogiar eu também elogio se não vai ver só. Logo a simples troca de leitura não lhes basta, querem mostrar o que produzem para além da turminha, será que não conseguimos furar o esquema dos jornais,

melhor do que aquelas cavalgadas que ocupam as páginas nós fazemos".

Querendo pertencer à igreja, Sezefredo das Neves não foi aceito, faltando-lhe submissão e complacência: "Volto a procurar o grupo de jovens intelectuais - serão isso mesmo ou por enquanto fingem-se de? Talvez faça amizade com alguns deles, uma amizade para valer. Vejo que buscam saídas, se reúnem, mais perderam a empatia, discutem literatura, cinema, teatro, artes plásticas, música, mulheres, a vida, o diabo. Bebem. Discutem, Brigam. Se reconciliam. Riem. Se agridem. Varam a noite se juntando e separando nos bares, nas praças. Zombam dos mais velhos. Os mais velhos já os identificam e desprezam. Criam áreas de atrito com os chamados 'papas de literatura catarinense'.

Ele foi ou é o protótipo de todo o grupo, criado "lá por 1952/53..." figura para nós risível: "Um protótipo que o contivesse mas que por igual contivesse parcela do que de mais insatisfatório havia em nós, em todos os amigos e conhecidos, com nossas indecisões, nossas buscas, nossas imperfeições, nosso egoísmo, nossas incertezas, nossos sonhos, nossas esperanças, nossas frustrações. [...] Afinal me interrogo, Sezefredo das Neves, enquanto poeta, enquanto contista, enquanto memorialista, enquanto autor, enquanto figura física... não terá sido uma criação ficcional de todos nós... uma projeção nossa?". A devastadora ironia final está no duplo desenlace: por um lado, o poeta sublime, o gênio desconhecido, que troca tudo pela "vida prática" e, por outro, o grande escritor cujas obras não chegam a convencer no plano da qualidade, ele mesmo um impostor: "Caso de Sezefredo das Neves. Sejamos francos: poeta medíocre, contista nem razoável", segundo o veredito de Ody Fraga, personagem real e figura destacada do Grupo Sul. Também na história das gerações, são muitos os chamados e poucos escolhidos.



**Editora Record e Carpe Diem convidam para o lançamento de**

**a vida breve  
de Sezefredo das Neves, poeta  
de Salim Miguel**

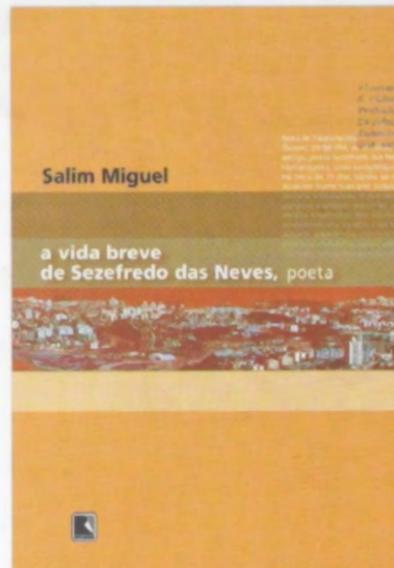
Dia 24 de abril de 2006, segunda-feira, às 19h

Restaurante Carpe Diem  
SCLS 104, bloco D, loja 01 - Asa Sul  
Brasília - DF  
Fone: (61) 3325-5300  
Fax: (61) 3325-5305



[www.record.com.br](http://www.record.com.br)

**CARPE DIEM**

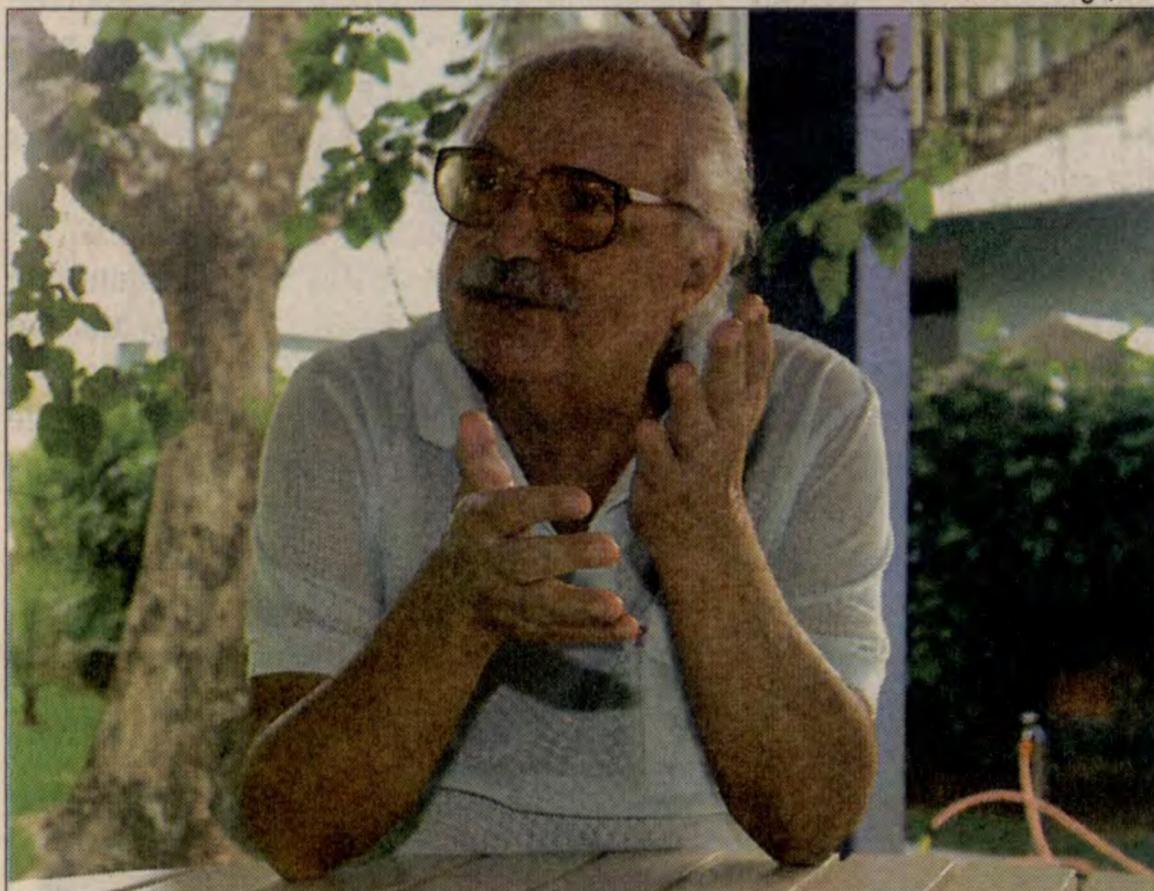


## MÚLTIPLAS

## REEDIÇÃO

**A** Editora Record está reeditando títulos esgotados da obra de Salim Miguel (foto). O primeiro livro a ser reeditado é "A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta", que será lançado no dia 14 de dezembro em Florianópolis. Romance extenso, com 450 páginas, a nova edição de "Sezefredo..." foi revista por Salim em teve uma redução de 100 páginas. O personagem principal, poeta frustrado, revê o Brasil dos anos 30 aos 50. Para 2006, a Record reedita "Voz Submersa" e lança um novo livro de contos do escritor, intitulado "O Sabor da Fome".

Ricardo Mega/AN



## Biblioteca

O ministro Gilberto Gil nomeou o bibliotecário e coordenador do Sistema Estadual de Bibliotecas de Santa Catarina, Rosálvio Sartortt, como representante da Câmara Setorial do Livro, Literatura e Leitura do Ministério da Cultura. Coordenador de projetos da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica de SC (-Fapesc), Sartortt representa a região Sul. A meta de Sartortt é ajudar a implantar bibliotecas públicas nos municípios do interior de SC. De um total de 53 cidades desprovidas de biblioteca, 18 já foram beneficiadas. O desafio é chegar a 100% ainda em 2005.

## Anexo

suplemento de **A NOTÍCIA**

COMO PARTICIPAR DO ANEXO:

POR TELEFONE/(47) 3431-9261

POR FAX/(47) 3431-9142

PELA INTERNET/cultura@an.com.br

POR CARTA/Rua Caçador 112,  
Joinville — SC  
CEP 89203-610

Editor/Fabiano Melato

Editores-assistentes/Carolina Mar e Rubens Herbst

Repórteres/Marlise Groth e Rodrigo Schwarz (Joinville),  
Deluana Buss e Jéferson Lima (Florianópolis)

Programação visual/Anderson Luis Corrêa

Editor de fotografia/Roberto Adam

Tratamento de imagens/José Alessandro Susko

Revisão/Aldo Brasil

## Wilson Martins

Crítico literário

# Escritores em botão

**M**atéria homogênea de autobiografia enquanto memória de uma geração, o romance de Salim Miguel, agora reeditado, data de 1987, recuperando mais uma daquelas generosas aventuras de escritores em botão procurando afirmar-se e reivindicar espaço na vida literária (*A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta*, Rio: Record, 2005). Trata-se de vergôntea temporã do Modernismo de 1922 que, sob as espécies do Grupo Sul, floresceu em Florianópolis nas décadas de 1940/50 (Celestino Sachet. *A literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979), tudo reconstituído a propósito dos papéis deixados pelo protagonista falecido e renascido nas referências do narrador, no caso Salim Miguel, um dos membros proeminentes do Grupo.

História em que, segundo outro poeta, os frutos não correspondem à promessa das flores: “Ainda ontem passou por mim uma das chamadas esperanças da nossa geração, em quem todos críamos. Um trapo. Mal o reconheci quando parou para falar comigo. Física e moralmente liquidado. Outro dia me telefonaram para dizer que outra promissora esperança intelectual sucumbira com um tiro na cabeça e um bilhete melancólico ... E quantos mais, quantos, se foram na voragem do tempo, deles nunca mais tivemos notícia, desistiram, sumiram, se perderam...” Sezefredo também desa-



**Também na história das gerações, são muitos os chamados e poucos os escolhidos**

pareceu de circulação, morrendo como poeta, para misteriosamente ressurgir, anos depois, na figura do rico empresário S. Antero das Neves (suprema ironia!), cujo falecimento desencadeia o esforço para reconstituir-lhe a “verdadeira” personalidade, através dos manuscritos que deixou: “eu descobri alguns de nós nos escritos. Não é necessário uma profunda introspecção detetivesca para reconhecê-los. Tu estás lá – e lá estão outros que te são próximos. (...) E lá está a nossa cidade dos anos 1940/50. E nos perfis que dele tentamos, temos outro retrato de época”.

Nesse informe, “flutuando entre névoas esgarçadas”, desenha-se pouco a pouco a figura de Sezefredo das Neves: “lentamente foi se delineando todo um período da minha vida. Melhor: um período conturbado (e rico, percebo agora) da vida de um grupo de jovens, todos nós. Sintetizando: fim da guerra, fim da ditadura getulista, fim da adolescência, busca de caminhos, numerosas influências se entrecrocando, jovens e ex-jovens querendo abrir espaço, encontrar um caminho, um lugar na vida, no mundo”. Com isso, o nar-

rador (que tudo indica ser o próprio romancista) escreveu também o romance paradigmático de uma educação: “Devo, contudo, já que adiante transcrevo o que sobrou da obra de Sezefredo das Neves, situá-lo e nos situar no que se refere a leituras. (...) Meu visitante matutino já citou alguns nomes... um Neruda, um Maiakovski ... um Torga.. um Rilke (...). Também na prosa. Algumas leituras basilares ... Machado e Eça, Manuel Antônio de Almeida e Camilo, Raul Pompéia e Simões Lopes Neto ... *Ulisses*, na tradução argentina de J. Sallas Subirat ... descobrimos Proust (...)” – enfim, todas as leituras febris e insaciáveis que os jovens pálidos do mundo inteiro vêm repetindo a cada geração.

Sendo, na realidade, um escritor malgrado, se não um intelectual maninho, Sezefredo das Neves foi, sem querer e sem saber, e sem que o soubesse ou quisessem os seus amigos, o centro catalítico de todos eles: “Toda uma geração, a minha, que gravitou na Florianópolis das décadas de 1940-50, deve-não-deve devendo àquele Sezefredo das Neves, poeta, que um dia tachamos de ridículo sem nos apercebermos de que o ridículo é (como

o sublime) um componente do ser humano e se encontra presente em todos nós”. Em certo sentido (em largo sentido...) o trágico sublime estava em Sezefredo das Neves, enquanto o inevitável ridículo que o acompanhava cabia à adolescência literária: “Todos ensaiam os primeiros escritos, têm sempre à mão o último texto manuscrito, rabisca-do, ilegível às vezes, mostram, inseguros ou confiantes, num eterno trocar de experiências repetem e repetem e repetem o insubstituível ‘lê o meu que eu leio o teu’, trocam elogios insinceros, raros reparos que não se aceitam, pensa-se é despeito daquele sacana o meu é muito melhor, ficam a se medir, da próxima vez ele tem que falar primeiro se me elogiar eu também elogio se não vai ver só. Logo a simples troca de leituras não basta, querem mostrar o que produzem para além da turminha, será que não conseguimos furar o esquema dos jornais, melhor do que aquelas cavalgadas que ocupam as páginas nós fazemos”.

Querendo pertencer à igreja, Sezefredo das Neves não foi aceito, faltando-lhe submissão e complacência: “Volto a procurar o grupo de jovens intelectuais – serão isso mesmo ou por enquanto fingem-se de? Talvez faça amizade com alguns deles, uma amizade pra valer. Vejo que buscam saídas, se reúnem mais, perderam a empáfia, discutem literatura, cinema, teatro, artes plásticas, música, mulheres, a vida, o diabo. Bebem. Discutem. Bri-

gam. Se reconciliam. Riem. Se agridem. Varam a noite se juntando e separando nos bares, nas praças. Zombam dos mais velhos. Os mais velhos já os identificam e desprezam. Criam áreas de atrito com os chamados ‘papas da literatura catarinense’”.

Ele foi ou é o protótipo de todo o grupo, criado “lá por 1952/53 ...” figura para nós risível: “Um protótipo que o contivesse mas que por igual contivesse parcela do que de mais insatisfatório havia em nós, em todos os amigos e conhecidos, com nossas indecisões, nossas buscas, nossas imperfeições, nosso egoísmo, nossas incertezas, nossos sonhos, nossas esperanças, nossas frustrações. (...) Afinal me interrogo, Sezefredo das Neves, enquanto poeta, enquanto contista, enquanto memorialista, enquanto autor, enquanto figura física... não terá sido uma criação ficcional de todos nós ... uma projeção nossa?”. A devastadora ironia final está no duplo desenlace: por um lado, o poeta sublime, o gênio desconhecido, que troca tudo pela “vida prática” e, por outro, o grande escritor cujas obras não chegam a convencer no plano da qualidade, ele mesmo um impostor: “Caso de Sezefredo das Neves. Sejamos francos: poeta medíocre, contista nem razoável”, segundo o veredito de Ody Fragra, personagem real e figura destacada do Grupo Sul.

Também na história das gerações, são muitos os chamados e poucos os escolhidos.

# Ficção-colagem no novo livro de Salim Miguel

Jamil Moreira

Uma ficção-colagem ou uma biografia imaginária. Assim, o escritor Salim Miguel define seu livro "A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta", (Editora Tchê, 326 páginas), que já está nas livrarias. O autor faz um balanço da sua geração, vista através de duas cidades pequenas na época: Florianópolis e Biguaçu. O personagem central sintetiza suas preocupações com os problemas políticos, sociais e humanos do Brasil; nas décadas de 30, 40 e 50. Dividida em oito capítulos, a história inicia com o autor recebendo um pacote contendo o espólio literário do poeta, passando por sua cronologia, seu diário íntimo, poemas e prosas, até os depoimentos fictícios sobre o personagem. Nesse capítulo, Miguel tenta imitar alguns escritores, entre eles, Guido Wilmar Sassi e Silveira de Souza, escrevendo depoimentos sobre Sezefredo.

Segundo o escritor, a aparente contradição em tudo ser ou não ficção, na história é justificada nos oito capítulos. "No bloco denominado Fragmentos de um Diário Íntimo, é narrada a morte do primo de Sezefredo numa enchente em Biguaçu, o

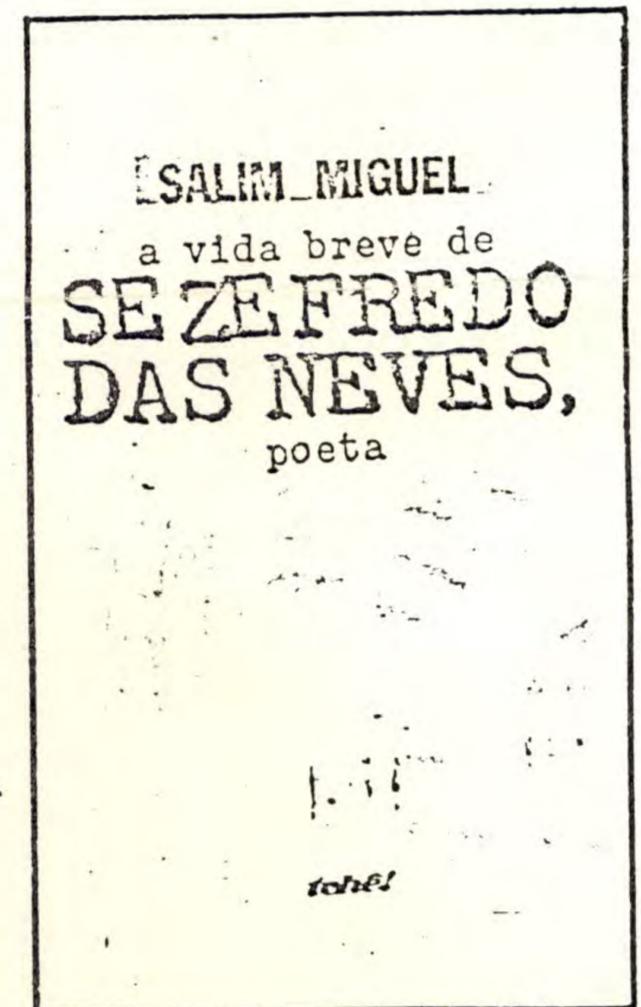
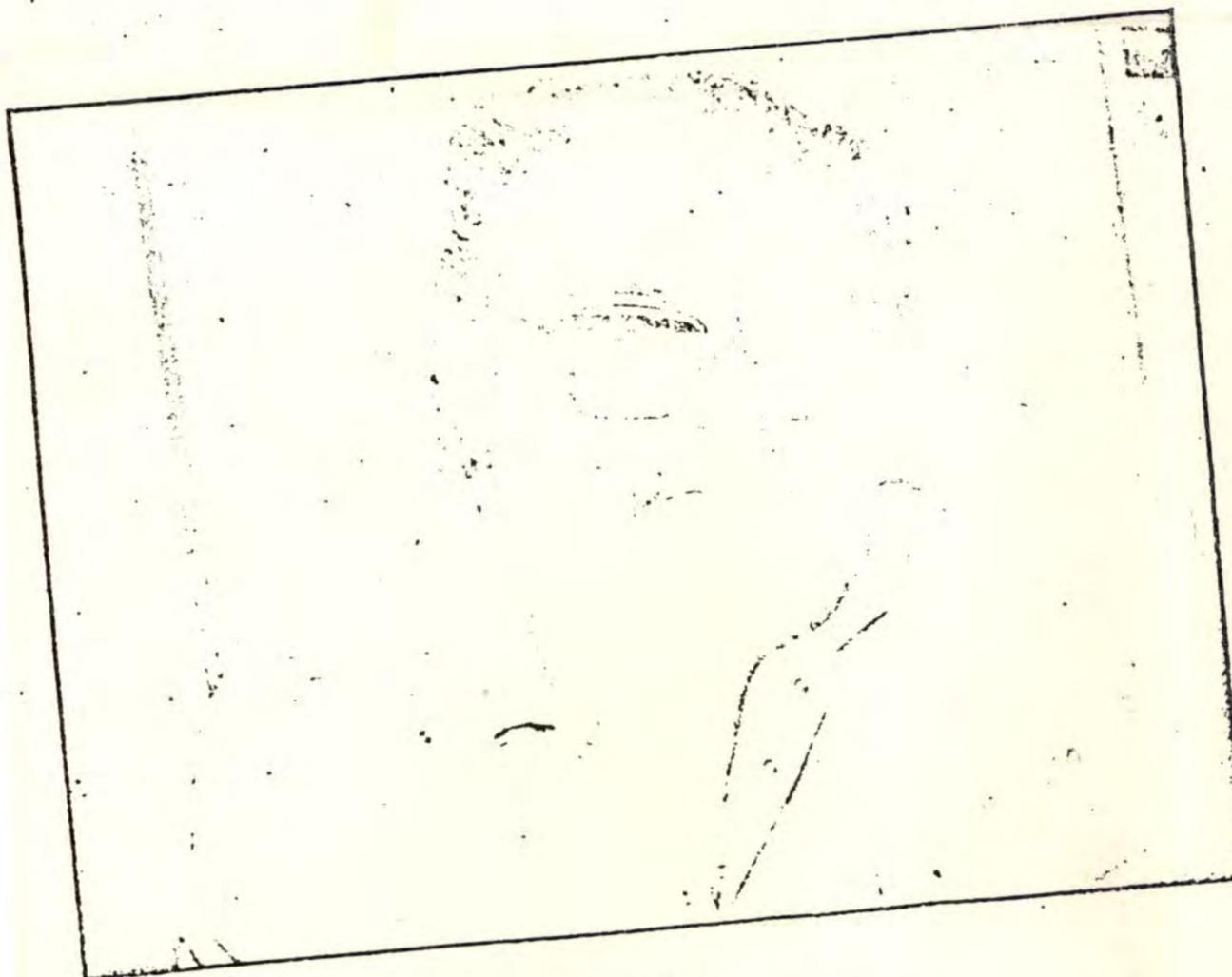
que não aconteceu, mas poderia ter ocorrido, porque é muito comum morrer alguém em qualquer enchente. Já mais adiante, há outro episódio em Florianópolis, onde acontece uma briga entre gerações. Isto ocorreu, mas poderia ser uma ficção", explicou. Sobre o título "A Vida Breve", Salim conta que está relacionado ao tempo e à memória do personagem. "O poeta desaparece no dia em que o presidente Getúlio Vargas suicidou-se, para reaparecer no meio da trama como o prospero empresário que morre em agosto de 86".

Miguel explica que o livro oscila e pretende se realizar, através da dualidade entre o que uma pessoa quer ser e o que na verdade ela pode ser. "Depois da morte do poeta, aos poucos fica-se sabendo que como um novo Rimbaud, ele abandonou a poesia, na qual não conseguia se realizar, para se transformar num empresário". Algumas poesias foram transcritas de outros autores, para mostrar sua importância na vida do poeta. Os personagens e situações de livros do autor se misturam com outros que nada têm de ficção. Tudo se interliga

para tentar decifrar a personalidade de Sezefredo das Neves, com o autor debruçando-se sobre o passado, buscando recuperá-lo e iluminá-lo.

## Criador do Grupo Sul

Jornalista profissional, escritor, argumentista e roteirista de cinema, o biguaçuense Salim Miguel, 64 anos, tem exercido intensa atividade cultural em Santa Catarina. Com outros jovens, foi o criador do movimento conhecido como Grupo Sul (1948-1958), que modificou o ambiente cultural catarinense. De 1965 a 1979 reside no Rio de Janeiro, trabalha na imprensa e no cinema, além de acumular a função de editor da revista Ficção; hoje, Salim dirige a Editora da UFSC e continua atuando



Salim Miguel: escritor, jornalista, editor, roteirista. Uma intensa atividade cultural

do na imprensa. Sua linguagem literária é reconhecida por toda a crítica nacional, que aprecia o seu estilo e grande domínio da técnica, além de sua perfeita identificação com o tema abordado. O romance "A Voa Submersa", Editora Global; "10 Contos Escolhidos", Editora Horizonte; e "O Castelo", anotações sobre autores e livros, Editora da UFSC, são suas últimas obras publicadas.

# As Desquitadas de Florianópolis

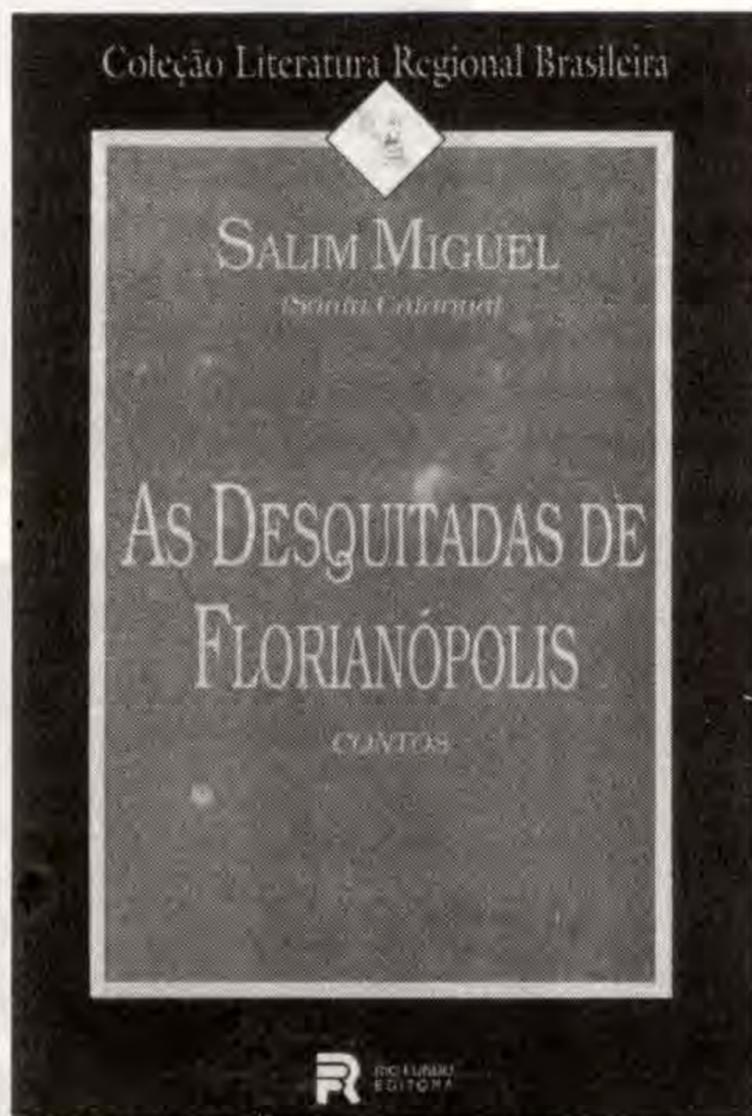
Silveira de Souza

Seria muito difícil escrever uma breve resenha sobre um livro de contos de Salim Miguel, tendo em vista as peculiaridades pessoais de seu estilo e a densidade psicológica que o escritor costuma extrair do encontro com os personagens, mesmo aqueles mais cotidianos. No caso de *As desquitadas de Florianópolis*, no entanto, essa tarefa pode se tornar mais simples. Trata-se de uma reunião de textos já publicados em outros livros, uma seleção de narrativas curtas realizada pelo Autor para a Coleção Literatura Regional Brasileira da Rio Fundo Editora, RJ, coleção dirigida pelo escritor piauiense Assis Brasil, que se propõe oferecer espaço aos escritores dos estados, “tirá-los do eixo Rio-São Paulo, com todas as implicações preconceituosas, quer comerciais ou literárias”, existentes nesse eixo.

Os oito títulos inseridos no volume constituem-se numa perfeita amostragem da forte marca pessoal que Salim Miguel imprime às suas criações. O estilo sincopado, tenso, de pausas curtas, como numa sucessão imprevisível de notas graves e agudas, de idas e voltas, vai construindo uma arquitetura dramática de estranho poder sugestivo, que

não é uma história, mas um encontro (ou desencontro) com alguém que é real à princípio, que é de carne e osso e aparece desvendado a nossa frente, mas se vai aos poucos abstraindo, mostrando novas e surpreendentes facetas e acaba por nos abismar numa fronteira onde não sabemos mais o que é realidade ou ficção. É como se ele, Salim, estilhaçasse o seu personagem, num determinado instante, preocupando-se a partir daí com a abstrata e mais reveladora trajetória do “centro de massa” daquele sistema de partículas. Nesse sentido (e ainda em outros) o leitor vai reencontrar algumas jóias do conto catarinense, como *Ponto de Balsa*, *Buck Jones*, *Aliás Célio* (uma biografia). *Ele*, *Verão Louco* e *Outubro*, 1930, este último pertencente à saga de Biguaçu, uma espécie de Yoknapatawpha faulkneriana do líbano-biguaçuense Salim Miguel.

Num ano relativamente pobre em edições de livros de contos - a poesia dominou com toda a sua força -, livros como *As desquitadas de Florianópolis*, de S. M. (como também *Meus mortos caminham comigo nos domingos de verão*, de Emanuel Medeiros Vieira), demonstram que o conto, apesar de tudo, mantém ainda o pleno vigor.



**SILVEIRA DE SOUZA** - Escritor. Integrou o movimento literário e artístico conhecido como Grupo Sul. Foi um dos fundadores da editora Roteiro e ex-editor-chefe do mensário de arte Boi-de-Mamão. Colaborou com os jornais *O Estado*, *Diário Catarinense* e com o caderno de sábado do *Correio do Povo*. Integrante da Academia Catarinense de Letras.

## Ficção

O escritor Salim Miguel lança, na terça-feira, seu mais recente trabalho de ficção — “As Desquitadas de Florianópolis”, editado pela Rio Fundo, do Rio de Janeiro. Salim é o primeiro catarinense publicado pela nova editora carioca e o livro integra uma coleção dedicada à ficção brasileira contemporânea, e que traça um painel, estado por estado, do que é produzido pelos escritores na área do conto.

- Do leitor. **Jornal Universitário**. Florianópolis, 27 nov. de 1995.

*As desquitadas de Florianópolis* é o novo livro de contos do escritor Salim Miguel, ex-diretor da Editora da UFSC. Publicado pela Rio Fundo Editora (RJ), o lançamento ocorre dia 29, às 20 horas, no Museu Cruz e Sousa (Praça XV). A divulgação conta com apoio da Agecom. A distribuição é da empresa Livros Luís Lunardelli.

## Ficção

Acontece amanhã, às 20 horas, no Museu Cruz e Sousa, o lançamento do mais recente livro de contos do escritor catariense Salim Miguel. "As Desquitadas de Florianópolis". A edição, caprichadíssima, é da Rio Fundo Editora, uma nova casa publicadora surgida no Rio de Janeiro, e que lançou a coleção Literatura Regional Brasileira. Salim, com 50 anos de militância cultural, foi escolhido para representar Santa Catarina.

**030 - AS DESQUITADAS. Diário Catarinense.**  
Florianópolis. 29 nov. de 1995. Visor, p. 3.

■ ***AS DESQUITADAS*** de Florianópolis, novo livro de contos de Salim Miguel, será lançado hoje, às 20h, no Museu Cruz e Sousa, na Capital. Dia 5, a obra será lançada em São Paulo, durante o 1º Encontro de Escritores do Mercosul, no Memorial da América Latina.

LIVROS

# O país visto por Salim Miguel

Em *As Desquitadas de Florianópolis*, que será lançado hoje, o escritor revisita três períodos da história brasileira

VALÉRIA RIVOIRE

"Estão desfilar de fusca as desquitadas de Florianópolis." Esta observação feita por um amigo do escritor catarinense Salim Miguel bastou para que ele escrevesse o conto *As Desquitadas de Florianópolis*. Este é também o título do livro que o escritor lança hoje, às 20h, no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis. A publicação reúne sete contos já publicados e um inédito batizado de *Ponto de Balsa*.

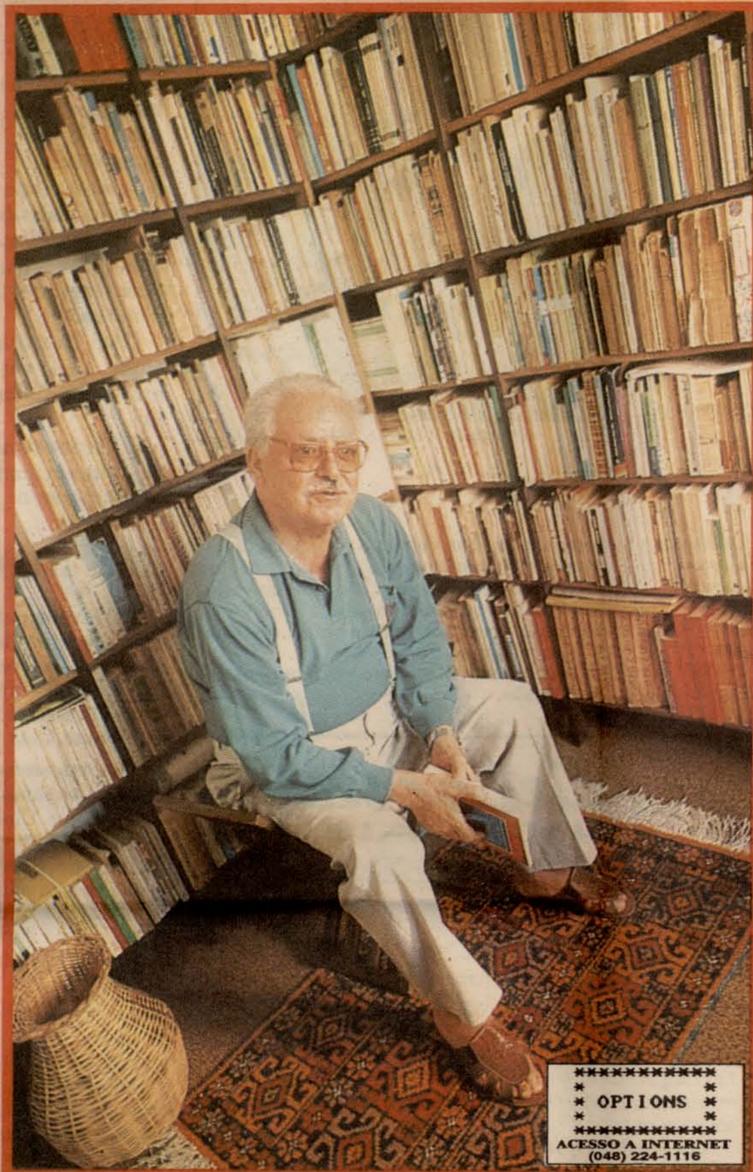
Foi durante uma visita a Florianópolis, quando Salim Miguel ainda morava no Rio de Janeiro, que ele ouviu a frase. "Estávamos reunidos num bar e vimos passar este carro. Não sei até hoje se realmente estavam desquitadas no fusca, mas gostei do que meu amigo falou e prometi que escreveria algo sobre isso", relembra o autor. Líbano-biguaçuense - como gosta de se indetificar -, nascido em 1942, Salim Miguel é um dos poucos

escritores catarinenses que conseguiu ultrapassar as fronteiras e levar suas obras para outros Estados brasileiros.

Autor de 14 livros, Salim Miguel retrata em *As Desquitadas de Florianópolis* através da ficção - gênero do qual ele mais gosta -, a história do Brasil em três fases. A primeira é o outubro de 1930 com a ditadura de Getúlio Vargas, a vinda de Luiz Carlos Prestes à Capital catarinense, em 1935, quando foi obrigado a pousar de avião em Florianópolis devido a problemas técnicos, fazendo com que prosseguisse a viagem via terrestre, e um verão durante o Golpe de 64. "Não sei escrever a ficção sem ter vivido algo, seja através do som, imagem ou fato que se possa misturar neste contexto", diz Miguel. Sendo assim, a maioria de seus contos são ambientados na região de Biguaçu, local onde passou sua infância. "Somos aquilo que nosa infância nos fez."

*As Desquitadas de Florianópolis* será lançado também no próximo dia 5, em São Paulo, no Memorial da América Latina, durante o 1º Encontro de Escritores do Mercosul. Somente dois escritores catarinenses foram convidados e ao seu lado estará também o poeta Alcides Buss. O livro *Ilhanda - Uma Trezena Lírica*, que reúne 13 poetas da Ilha também será divulgado, sendo apresentado pelo artista plástico Rodrigo de Haro.

## Inspiração



Salim Miguel: a observação de um amigo virou tema de um conto

## Escritor reclama mais espaços para os livros

Mesmo estando há 40 anos envolvido com a literatura, esta é a primeira vez que uma editora procurou Salim Miguel. "É muito difícil publicar livros no Brasil. Uma vez, para publicar uma obra passei por quatro editoras", lamenta o escritor. Salim Miguel acredita que a produção literária, em especial a poesia e a ficção, vivem um belo momento em Santa Catarina. Ainda assim, adverte, faltam incentivo dos órgãos públicos nesta área e abertura de espaços de editoras de outros Estados para uma maior divulgação a nível nacional.

Salim Miguel cita como exemplo o trabalho que está sendo feito no Rio Grande do Sul junto aos escritores gaúchos. "Principalmente as escolas públicas e particulares dão importância à literatura, promovendo palestras e encontros com os escritores além de trabalhos extra-curriculares. O escritor que assina a orelha de *As Desquitadas de Florianópolis*, Assis Brasil, segundo Miguel, consegue vender, assim como tantos outros, somente no Rio Grande do Sul, sete mil exemplares. "Um escritor catarinense, quando vende aqui mil exemplares, considera seu livro um *best-seller*."

Como sugestão aos jovens escritores, Salim Miguel aconselha estes a participarem cada vez mais de concursos. Lembra, no entanto, que eles são alternativa para poucos. "Eles são válidos até certo ponto, pois selecionam de um a três trabalhos enquanto que centenas são desclassificados." Entre as outras saídas sugeridas por Miguel estão investir no lançamento de seu próprio livro, o que está ao alcance de poucos, e se integrar em cooperativas de escritores. "Enquanto não mudarmos a estrutura deste país, não adianta pensar que a cultura vai sobreviver por si só", afirma.

**TRAJETÓRIA** - A ligação de Salim Miguel com os livros começou cedo, aos nove anos de idade, quando leu quase todos as obras da pequena biblioteca de Biguaçu, cidade onde sua família passou a viver quando veio do Líbano, terra onde o escritor nasceu e passou os dois primeiros anos de sua vida. "Passei a ler bula de

## SERVIÇO

*As Desquitadas de Florianópolis, de Salim Miguel*

- Lançamento: hoje
- Local: Palácio Cruz e Sousa, Centro, em Florianópolis
- Horário: 20h
- Editora: Rio Fundo
- Páginas: 128 páginas
- Preço: a partir de amanhã nas livrarias pelo preço de R\$ 15,00

remédio porque não havia mais nada", brinca.

Em 1943 a família se mudou para Florianópolis. Na Capital, junto com outros escritores, Salim fundou o movimento cultural que ficou conhecido como Grupo Sul. Preso durante o golpe militar de 1964, Salim Miguel, depois de libertado, passou a morar no Rio de Janeiro onde fixou residência até 1979. Até essa data, e já havia publicado quatro livros de ficção, entre eles *A Morte do Tenente* e *Outras Mortes*, uma de suas principais obras. Neste período trabalhou na imprensa carioca e com outros escritores criou a revista *Ficção* que publicou por três anos (1976/1979) contos e trechos de romances dos melhores escritores brasileiros.

De volta a Florianópolis, dirigiu por oito anos a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. Entre seus livros publicados estão *As Areias do Tempo* (1988) e o recente *Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia* (1994). Atualmente Salim Miguel é o responsável pela Superintendência da Fundação Franklin Cascaes. Casado com a também escritora Eglê Malheiros, Salim Miguel tem em mãos seu mais recente projeto: a novela *As Condições Prematuras*, com lançamento previsto para o segundo semestre de 1996.

## Adivinha o DESODORANTE

que ela usa?!



PERFUMARIA PARIS  
(051)473.2408

- DESODORANTES • HIDRATANTES
- SHAMPOOS • CONDICIONADORES
- GEL PARA CABELOS • BRONZEADORES



## Poemas retornam à rima e voltam a falar de amor

Num mundo balizado pela Internet e comandado por outras formas de tecnologia avançada, a poesia se torna cada vez mais necessária. Esta a convicção dos poetas Ferreira Gullar e Lindolf Bell e do jornalista e crítico de literatura Geraldo Galvão Ferraz. Jurados da categoria Poesia do Prêmio Nacional Cruz e Sousa, Gullar, Bell e Ferraz passaram o dia de ontem reunidos em Florianópolis para decidir quem, entre os 587 inscritos de todo o país, será o vencedor da edição deste ano, resultado que será anunciado na primeira quinzena de dezembro.

Outro consenso entre os três: há muita coisa boa nos trabalhos analisados, que somam perto de 25 mil poemas (média de 50 poesias por inscrito). "Descartadas as coisas triviais, sobram muitos trabalhos de qualidade", analisa Ferraz. "Tem coisas originais e muitos poemas de amor, poucos poemas de protesto", lembra Gullar. "Nun-



CLAUDIO SILVA/DC

ca vi, em toda a minha vida, tantas reticências", brinca Ferraz. Bell adverte que o poemas examinados por ele e seus parceiros de júri ao longo dos últimos dois mese-

confirmam a tendência geral da poesia brasileira: o retorno às formas rimadas. "Há vários sonetos entre esses poemas", diz Ferraz. "Em sua maior parte, os poemas são

curtos e muitos deles se aproximam do formato do *hai kai*",

acrescenta o jornalista e crítico.

Gullar amplia a análise: "Há trabalhos sobre todas as tendências e isso é ótimo. Essa pluralidade é enriquecedora". Para o autor de *Poema Sujo* há momentos em que a arte e entre ela a poesia - precisa tomar uma posição política. "Diante de uma guerra como a do Vietnã, não se pode silenciar", compara Gullar. Mas esse tempo de urgências passou. No momento, pelo menos no Brasil de nossos dias e nos trabalhos inscritos ao Cruz e Sousa, os poemas falam de sentimentos universais e permanentes como o amor, a paixão, o vazio da existência, o tédio, a solidão. Por vezes, fazem o elogio a algum herói: dezenas de poemas inscritos ao Cruz e Sousa eram uma homenagem a Ayrton Senna. "Esses poemas provam que Ayrton Senna tão cedo não deixará de pertencer ao imaginário nacional", sintetiza Ferraz.

Ferraz (E), Bell e Gullar: a defesa da necessidade cada vez maior da poesia num mundo de tecnologias avançadas

# Leituras de férias: roteiro para uma viagem encantadora

*Há opções para todos os gostos: romances, história, reportagens, poesia e biografias*

Carlos Damião

Para quem sai de férias neste início de temporada, nada melhor do que carregar na bagagem alguns livros importantes lançados no segundo semestre deste ano. Romances, documentos históricos, ensaios, reportagens, há obras para todos os gostos.

Um dos livros mais fundamentais é "Era dos Extremos — O Breve Século XX", do historiador inglês Eric Hobsbawm: um verdadeiro apanhado da História do mundo, neste século, com enfoque centralizado na questão da guerra. Não deixa de ser uma visão pessimista sobre o homem e seu destino, mas é, ainda assim — e talvez por isso — um poderoso libelo humanista. A leitura é essencial para quem deseja entender os conflitos que transformaram o planeta Terra num campo permanentemente minado.

Outra obra de destaque, recém-lançada, é "Os Diários de Getúlio Vargas", dois volumes pesadíssimos, com anotações feitas pelo ex-presidente ao longo de duas décadas de exercício do poder. Não se trata apenas de curiosidade, mas de documento histórico mesmo, pelo que contém de autêntico para a compreensão do personagem e do próprio país.

Ainda no campo das Ciências Humanas, há "O Mundo de Sofia", de Jostein Gaard, um dos mais belos romances lançados em 1995, que chama a atenção pelo inusitado: é uma história da filosofia, escrita em linguagem de ficção, acessível a qualquer tipo de leitor.

Num passeio pelas livrarias, é possível encontrar ainda obras como



Jô Soares: *Sherlock à brasileira*

"O Guia dos Curiosos", que é leitura de férias mesmo. Escrito por Marcelo Duarte, contém informações de almanaque, ótimas para serem lidas naqueles momentos de ócio ou resaca absoluta.

Imbatível, também, é o "Xangô de Baker Street", de Jô Soares, um romance policial que mistura personagens reais como Sarah Bernhardt e d. Pedro II com fictícios como Sherlock Holmes. Divertido, inteligente, merece estar no topo da lista dos mais vendidos. Tem uma vantagem: apesar de substancial em número de páginas, é fácil de ler — dá para devorá-lo em duas tardes.

Para quem gosta de Sidney Sheldon, há mais um de seus romances na praça: "Manhã, Tarde e Noite". Não é nenhuma obra-prima, mas os aficionados garantem que é um bom passatempo.

Mais um passeio em volta das estantes, e pode-se encontrar, por exemplo, "Garrincha, a Estrela Solitária", o grande livro-reportagem de Ruy Castro — hoje, seguramente, ao lado de Fernando Morais, o melhor jornalista-biógrafo do país. É um dos grandes lançamentos do ano

e merece a atenção de qualquer leitor — mesmo daqueles que não sejam admiradores do futebol.

Na estante catarinense, há também excelentes alternativas, como "Certas Certezas", livro de ensaios de nosso companheiro de *O Estado*, Mário Pereira. Idéias e opiniões muito polêmicas, em torno de arte, cinema, literatura e comunicação, em linguagem leve, não-acadêmica.

De Salim Miguel, os contos de "As Desquitadas de Florianópolis", lançados em nível nacional, numa coleção da Editora RioFundo — que está montando um painel da ficção brasileira — é uma ótima recomendação para quem gosta do estilo do mestre modernista catarinense.

Há também "Vozes Veladas", um texto teatral de Eglê Malheiros, que inova na forma de contar a história de vida (e arte) do grande simbolista brasileiro Cruz e Sousa, nascido na antiga Desterro. A peça será encenada no Rio de Janeiro em março de 1996, com Stepan Nercessian na direção.

Na área da poesia, o sempre ótimo Alcides Buss, que lançou este ano "Sentidos sinais/Sinais Sentidos", com poemas delicados, que dizem muito aos corações e às mentes sensíveis.

Em termos de livros-reportagens, temos "Os Comunas", do repórter de *O Estado* Celso Martins, um relato sobre a história dos comunistas em Santa Catarina, centrado na figura do líder Álvaro Ventura. Também "O Vôo da Morte", de Francisco Pereira, sobre o desastre que matou Nereu Ramos, Leoberto Leal e Jorge Lacerda na década de 50. Ainda, "Mares, e Longínquos Povos dos Açores", de Mariléa e Raimundo Caruso, uma reportagem interessantíssima e fundamental sobre o Arquipélago de Açores.

Há mais, muito mais à disposição do leitor. Em uma próxima edição, voltaremos ao assunto.

# Os apurados contos de Salim Miguel

Regina Dalcastagnè

Especial para o *Correio*

Um balseiro, responsável pelo transporte de madeira no rio Uruguai, enfrentando a fúria da natureza. Um pescador que quer registrar o filho e padece com a impessoalidade burocrática. O capitão Luís Carlos Prestes pernoitando clandestino, em Florianópolis, ao voltar da União Soviética para o Brasil, nos anos 30. Essas e outras personagens compõem *As desquitadas de Florianópolis*, coletânea de contos de Salim Miguel.

São oito histórias — apenas uma inédita. O volume faz parte da coleção *Literatura Regional Brasileira*, com a qual renasce a editora Rio Fundo. Dirigida pelo escritor piauiense Assis Brasil, a coleção vai publicar autores significativos que residam fora do eixo Rio-São Paulo.

*Ponto de balsa* é o único conto inédito e também um dos melhores momentos do livro. A história do balseiro que enfrenta a tempestade no rio Uruguai é contada em primeira pessoa, como numa conversa de bar, com o hipotético ouvinte pagando ao narrador umas cervejinhas a título de "direitos

autorais". A oralidade da narrativa, com suas idas-e-vindas e suas interrupções, amplia a tensão presente no relato.

*Ele e 1930* são dois contos com temática histórica. No primeiro, um velho, ao ler no livro *Olga*, de Fernando Morais, que Prestes e sua companheira haviam passado uma noite em Florianópolis, esclarece uma dúvida de 50 anos: o vulto que vira em abril de 1935 era, realmente, o Cavaleiro da Esperança. No segundo, são os ecos da revolução de 30 que chegam a uma cidadezinha catarinense.

Outro conto tem por protagonistas gente simples às voltas com registros e documentos: o bonito *Sem Rumo* trata de um andarilho em busca de comida, trabalho e, eventualmente, uma carteira profissional. A conversa no bar, que domina o conto, é tocante pela simpatia e precisão com que o autor, em traços rápidos, delineia suas personagens.

Com treze outros livros publicados, Salim Miguel atualmente dirige a Fundação Municipal de Cultura de Florianópolis.

*As desquitadas de Florianópolis* é o livro de um escritor que trata com apuro a linguagem e a memória, principal matéria-prima de sua obra.

## SERVIÇO

### As desquitadas de Florianópolis

Salim Miguel.  
Rio de Janeiro,  
Rio Fundo,  
126 páginas,  
R\$ 15,00.



## TRECHO

"Saber mais? Tens direito. Te conto. Do tamanho da cerveja, das cervejas. Tempos tempo. O que queres? Verdades-mentiras. Lendas, mitos, fantasias, fantasmagorias, fantasmas que me arroteiam. Sei, conheço histórias até inventadas que hoje passam por verdades. Passam? Ah, sim, já ouviste, queres mais. Muy bien. Certo, certo, sem enchentes a balsa não tem como sair. Fica pa-

rada meses. Prejuízo pros donos; mais pros homens que dependem do transporte da balsa pra viver. A espera pela chuva que teima em não cair intranqüiliza. A peonada observa o céu pejado, as nuvens em bandos errados zombando-zombeteiras. Quando, onde, como — morre afogada uma criança. Logo, a chuvarada pra valer, intensa, dias e noites. A enchente. Foi o começo".

**DC - Que receita o catarinense Deonísio da Silva teria para melhorar a acústica dos escritores catarinenses?**

**DS -** Escrever sempre, do melhor modo que puderem. Talento e persistência dão bons frutos. Um dia, quando eu ainda morava no Rio Grande do Sul, e tinha 28 anos, comprei o *Jornal do Brasil* e comecei a ler os 10 melhores livros publicados no Brasil naquele ano de 1976. Estava lá o meu segundo livro, *Cenas indecorosas*. Quem assinava o artigo era o escritor e jornalista Salim Miguel, a quem eu não conhecia. A calçada floriu, os postes começaram a cantar, as mulheres que encontrei estavam vestidas de luz, tudo mudou. O livro tinha uma capa horrorosa. O editor era evitado pela mídia. Ninguém me conhecia. Mas o Salim leu o livro e gostou. Não sabia que estava dando uma enorme repercussão a meu trabalhinho. A melhor acústica, além das livrarias, talvez esteja na imprensa e nos circuitos escolares.

**DC - Existe uma literatura catarinense ou ela se dilui no limbo de uma certa falta de identidade do próprio estado?**

**DS -** Existe, sim. Existe até uma literatura do município, do indivíduo, como é o caso do estilo. Nós, de Siderópolis, escrevemos de um modo diferente dos da Ilha. Agora mesmo eu estou lendo *As desquitadas de Florianópolis*, do Salim Miguel, e estou adorando. Gosto de ler o Guido Wilmar Sassi, o Roberto Gomes, a Edla van Steen, o Manoel Carlos Karam, pouco conhecido em Santa Catarina, mas que escreveu três romances muito inventivos. Mas acho que nosso Estado, o Paraná e o Rio Grande do Sul compõem literariamente o que eu chamo de Brasil meridional, com traços estruturais comuns: a presença decisiva da imigração europeia, um *éthos* e um *epos* próprios, as guerras fratricidas travadas com tanta frequência e ferocidade, um certo modo de narrar, de fazer versos, enfim, de expressar literariamente o mundo em que vivem estes povos, tão diferentes do resto dos povos do Brasil.

# De Biguaçu para o mundo

ADRIANE CANAN

ORIGEM

**"BIGUAÇU É UMA PRESENÇA CONSTANTE EM MINHA OBRA, PORQUE EU ME CONSIDERO UM CIDADÃO DE BIGUAÇU."**

**ANCapital:** Como surgiu o livro "As Desquitadas de Florianópolis"?

**Salim Miguel:** Na verdade, esse livro é uma reunião de contos de diferentes épocas, alguns estão com a data de quando eu os escrevi, outros nem isso têm. Há, por exemplo, um conto que é da década de 70. "As Desquitadas de Florianópolis", se não me engano, é de 79.

**ANC:** Quem são "As Desquitadas de Florianópolis"?

**SM:** Não são, é imaginação. Eu morava no Rio de Janeiro, vim passear em Florianópolis, estava sentado num barzinho com uns amigos batendo papo, de repente passa um fusquinha com duas mulheres dentro, aí um dos meus amigos disse assim, 'São as desquitadas de Florianópolis, na noite florianopolitana', dessa frase, eu não sei quem são, nunca vi as duas senhoras, eu decidi fazer um conto. Na verdade acho que "As Desquitadas..." é um conto-crônica, pois ao contrário dos outros que são contos pela estrutura, pela preocupação narrativa e pelo enfoque, "As Desquitadas...", que acabou sendo o título do livro, tem uma estrutura de crônica.

DIFICULDADES

**"POR INCRÍVEL QUE PAREÇA, EU ESCREVO E PUBLICO HÁ MAIS DE 40 ANOS. TODO LIVRO MEU É UMA LUTA JUNTO ÀS EDITORAS."**

**ANC:** O livro é uma coletânea de contos. Como foi o processo de escolha destes e do que eles tratam?

**SL:** Por exemplo, tem três contos aí que são momentos da história do Brasil. "Outubro, 1930", que é a história do Getúlio Vargas subindo para a presidência da República, a caminhada dele. Tem outro conto chamado "Ele", que é uma passagem praticamente desconhecida do Prestes, em 1935, por Florianópolis. Ele vinha de Buenos Aires, para o Rio de Janeiro, para aquilo que ficou conhecido na história do Brasil como "Intentona Comunista". Quando desceu em Florianópolis, porque o avião em que eles vinham teve um problema, a Olga disse para ele assim: 'Por que que nós não continuamos por terra, pois podem estar nos esperando mais adiante', e eles pernoveram em Florianópolis. Em cima disso eu fiz um conto que se chama "Ele" e a palavra Prestes só aparece na última linha do conto. E tem um terceiro momento na história do Brasil, que é o golpe de 1964, num conto chamado "Um verão louco".

**ANC:** E outros temas, como o cinema, que também aparecem nos contos?

**SL:** Tem um conto, que eu sou muito ligado em cinema também, chamado "Buck Jones, Aliás Célio - Uma biografia", que é a história de um rapaz negro que trabalhava nos cinemas de Florianópolis e era "amarrado" no Buck Jones, que era um ator de 'farostão', e ele se considerava em determinados momentos o Buck Jones. Em cima disto eu fiz um conto que em parte sou eu, em parte é esse rapaz. E tem mais dois contos, um deles antigo, escrito em fins da década de 60, início de 70, que é um alagoano que chega a Florianópolis, naquela época eu era jovem ainda, trabalhava numa venda que meu pai tinha e aparece esse alagoano querendo trabalhar em Florianópolis. Então em cima disso, da dificuldade de trabalhar, eu construo esse conto. São contos de diversas épocas, mas marcados pela minha preocupação de sempre na literatura, o relacionamento do ser humano, o tempo, o psicológico e o social se entrelaçando e se fundindo.

**ANC:** Dentro dessa preocupação, seus contos também primam por situar as histórias na região da Grande Florianópolis, principalmente em Biguaçu. Qual é o motivo?

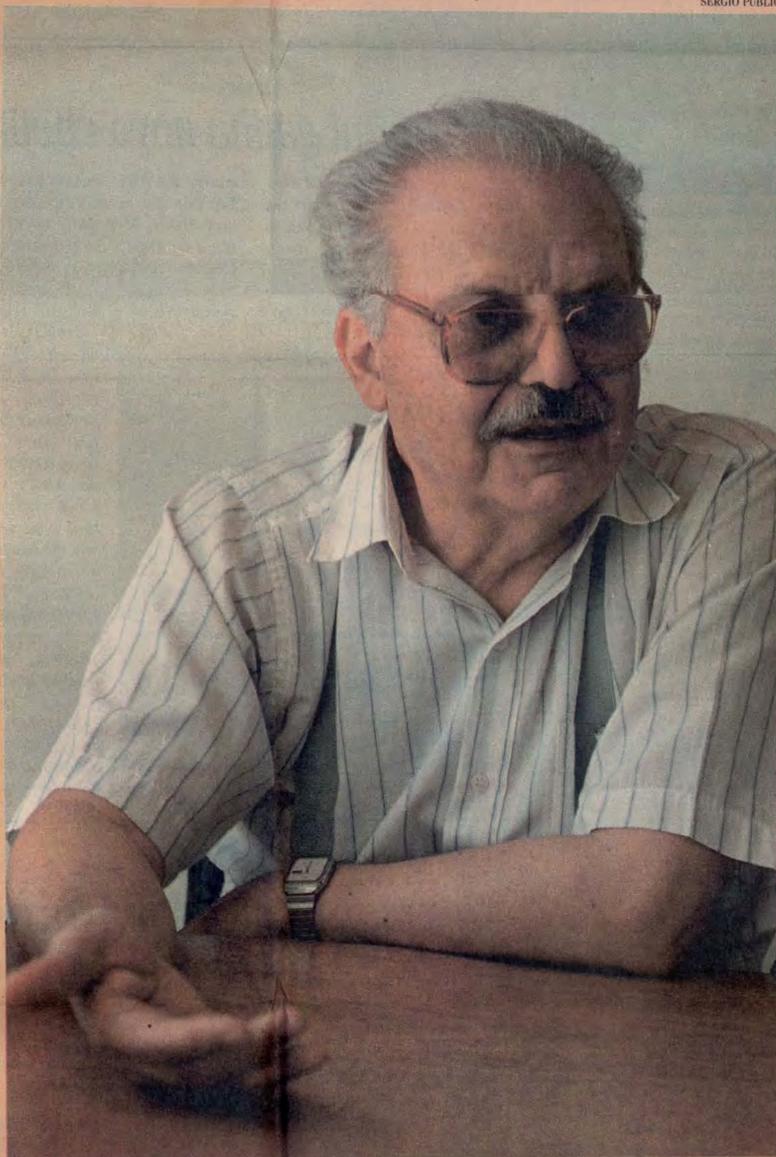
**SM:** Aí são duas preocupações. A primeira, é que eu centrei basicamente toda a minha literatura, o meu universo

**"As Desquitadas de Florianópolis", livro com oito contos do escritor líbano-biguaçuense Salim Miguel, será lançado hoje, às 20 horas, no Museu Cruz e Sousa, na Praça XV. Editado pela Rio Fundo Editora, do Rio de Janeiro, incluído na Coleção Literatura Regional Brasileira e distribuído aqui pela Livros Luis Lunardelli, o livro apresenta algumas preocupações do escritor, nascido em 1924, como as dificuldades de comunicação entre os seres humanos, o tempo e a memória.**

Atual Superintendente da Fundação Franklin Cascaes, órgão de cultura da prefeitura de Capital, Salim Miguel é jornalista profissional, escritor, argumentista e roteirista de cinema. Com 13 livros publicados (romances, contos e críticas) e trabalhos conhecidos em diversos países, ele centra seu trabalho literário em Biguaçu, onde teve sua formação. Participou, entre 1947 e 58 do Grupo Sul, movimento cultural que tentou resgatar as artes no Estado. Em 1964, Salim foi chefe do escritório da Agência Nacional em Santa Catarina e foi preso pelo Golpe Militar. Inclui-se, também, na sua biografia a atuação na imprensa nacional e a duração, durante oito anos, da Editora da UFSC.

Além do lançamento na capital catarinense, no dia 5 de dezembro, no Memorial da América Latina, em São Paulo, "As Desquitadas de Florianópolis" será lançado, juntamente com o livro "Ilíada - Uma Trezena Lírica", no 1º Encontro de Escritores do Mercosul. Nesta entrevista, Salim Miguel faz alguns comentários sobre o livro, sua produção literária e avalia a situação da literatura catarinense.

SÉRGIO PÚBLIO



Com 13 obras publicadas, o escritor Salim Miguel lança hoje mais um livro de contos

cupação com tempo e memória. Isso marca todos os meus livros de ficção, assim como a velhice e a morte, tanto que meu primeiro livro, quando eu tinha apenas 20 anos, foi "Velhice e outros contos". Então é uma questão que marca e identifica minha literatura desde o início.

**ANC:** E a preocupação com os leitores que não conhecem a região?

**SL:** Dizia um escritor russo, chamado Tolstói, que a melhor maneira de um escritor se tornar universal é saber falar de sua aldeia. Eu tenho procurado fazer isso, pois nada sai do nada e ninguém pode escrever a não ser daquilo que conhece bem.

**ANC:** E quais as informações sobre seu estilo literário encontramos no livro?

**SM:** Eu costumo dizer que eu não tenho uma literatura fácil. Os meus livros, os meus textos, não são fáceis, são muito trabalhados. Tem contos aqui meus que a versão que é lida é a sexta, sétima versão. Eu invejo muito os autores que vão para máquina de escrever - agora para o computador, é claro - e na primeira versão já estão satisfeitos com aquilo que fizeram. Eu sou um eterno insatisfeito. Acho duas coisas, primeiro escrever é saber cortar, e, segundo, nunca se dar por satisfeito com aquilo que realizou. Hoje, se eu fosse retomar esse livro, mexeria em alguns trabalhos que aí estão, só que depois de publicado eu não mexo mais.

**ANC:** Como foi a relação com a Rio Fundo Editora, que é do Rio de Janeiro?

**SM:** Por incrível que pareça, eu escrevo e publico há mais de 40 anos. Todo livro meu é uma luta junto às editoras, eu mando as vezes para três ou quatro editoras ao mesmo tempo, até conseguir que uma aceite. Tem um livro do qual eu gosto muito, que se chama "A voz submersa", que andou por quatro editoras do Brasil até ser aceite. Então, com "As Desquitadas de Florianópolis" foi a primeira vez que uma editora me pede um livro, para uma coleção de contos que vai editar um autor por estado. É bom, num momento de crise como esse que estamos atravessando, de repente a gente receber um convite para publicar um livro. O convite me chegou em março, eu mandei os originais no começo de maio, o livro foi aprovado e saiu há uns quinze dias, quando recebi os primeiros exemplares. A tiragem inicial foi dois mil exemplares, o que é insignificante diante da população brasileira, mas é a média de exemplares hoje no Brasil.

**ANC:** Que recepção o senhor espera de "As Desquitadas de Florianópolis"?

**SM:** Todo autor espera sempre dois tipos de recepção: da crítica e do público. O público mostra se aquilo que ele está transmitido está sendo lido e compreendido, pois costume dizer que um livro só se completa com o leitor. É claro que o escritor fala que escreve pela necessidade interior, e é verdade, mas o livro só se fecha no momento em que alguém toma conhecimento, concorda

ou não concorda, ou as vezes até acrescenta coisas que o próprio autor não pensou em acrescentar. O autor espera que o livro acrescente alguma coisa ao leitor e que o ele se questione e questione o próprio autor.

**ANC:** Que livros estão a caminho?

**SM:** Estou com um pronto, que chama "As confissões prematuras", que deve sair ano que vem, quando eu não sei. E o outro ainda estou trabalhando nele, com trezentas e poucas laudas já datilografadas, sobre a imigração libanesa no Brasil. Ele acompanha uma família que chega ao país em 1927 e vai até a década de 80. Ao mesmo tempo que acompanha a família, é também um retrato das mudanças que ocorrem no período.

**ANC:** E a produção literária em Santa Catarina?

**SL:** Eu acho que a produção literária de Santa Catarina, principalmente em dois aspectos, poesia e ficção, é muito boa. Estamos no nível do que está se fazendo de bom no país. Eu meço isso de várias maneiras, escrevo sobre livros e faço crítica literária, acompanho a produção literária de todo o país. Se escreve muito, se escreve bem, só que se edita pouco e depois não há um apoio dos órgãos oficiais para a produção cultural do Estado.

POLÍTICA

**"HÁ TRÊS CONTOS QUE RETRATAM A HISTÓRIA DO BRASIL. 'ELE', 'OUTUBRO, 1930' E 'UM VERÃO LOUCO', ESSE ÚLTIMO ABORDA O GOLPE DE 1964."**

VERSÕES

**"COSTUMO DIZER QUE EU NÃO TENHO UMA LITERATURA FÁCIL. OS MEUS LIVROS E TEXTOS NÃO SÃO FÁCEIS, SÃO MUITO TRABALHADOS. ATÉ CONCLUIR UM CONTO FAÇO VÁRIAS VERSÕES."**

PREOCUPAÇÃO

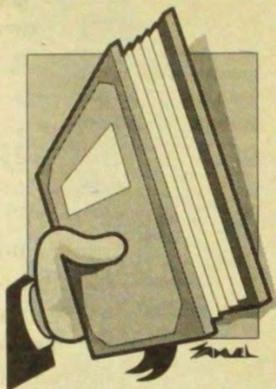
**"UMA DAS MINHAS PREOCUPAÇÕES É O PROBLEMA DA DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO ENTRE OS SERES HUMANOS."**

**P**ara breve, Salim Miguel nos brinda com mais um livro. “Variações sobre o livro” é o título da obra publicada pela Editora da UFSCar (Universidade de São Carlos) com lançamento no mês de agosto em Florianópolis. O escritor, jornalista e roteirista de cinema selecionou alguns textos encontrados ao mexer em antigos papéis. O tema livro estava presente em quase todos. Então veio a idéia de reuní-los em um só volume. São palestras, comunicações em seminários, encontros sobre temas específicos, colaborações para a imprensa, todos com um assunto em comum: o livro e seu papel na nossa vida.



Alguns textos são inéditos e outros éditos, como diz Salim. Em 110 páginas, o escritor analisa as “Últimas Tendências da literatura”, texto inédito referente a uma comunicação de 1994; disserta sobre “Relações culturais latino-americanas: um perpétuo recomeço”, inédito referente a sua participação na 1ª Reunião dos Ministros da Cultura do Mercosul, em Canela, em 1996; “nas Terras de Rulfo” nos conta, com agradável leitura, de sua ida a Guadalajara, na Feria Internacional del Libro da qual foi palestrante...E assim, Salim vai conversando, dialogando, alegre, com o leitor, ouvinte. Muitos textos foram escritos para apresentação em encontros e seminários pelo mundo afora. O papel das editoras universitárias, Cruz e Sousa, Richard M. Morse, João Antônio, motivações de um autor/editor entre outros “temas correlatos” ao livro integram este envolvente exemplar.

Depois de um período de calma, o mercado editorial catarinense volta a se agitar nesta terça-feira, em Florianópolis, com o lançamento de dois livros que prometem. No mesmo horário, 19h, mas em locais diferentes - o primeiro no auditório da Embratel, e a segunda no Palácio Cruz



e Sousa -, Salim Miguel e a jornalista Rosana Bond lançam, respectivamente, *Variações Sobre o Livro* e *A Saga de Aleixo Garcia*. No seu novo livro, Salim, que é nome de referência da produção literária catarinense, reúne en-

saios sobre escritores e faz reflexões sobre temas como o intercâmbio cultural entre o Brasil e os países hispano-americanos e o futuro do livro frente ao avanço das tecnologias da informação.

Em *A Saga de Aleixo Garcia*, Rosana, que dedicou vários anos à pesquisa sobre a vida desta singular figura histórica, relata as façanhas do pouco conhecido habitante da Ilha de Santa Catarina que, no início do século XVI, atravessou toda a América do Sul e foi o primeiro homem branco a fazer contato com a civilização Inca.

## Novo espaço

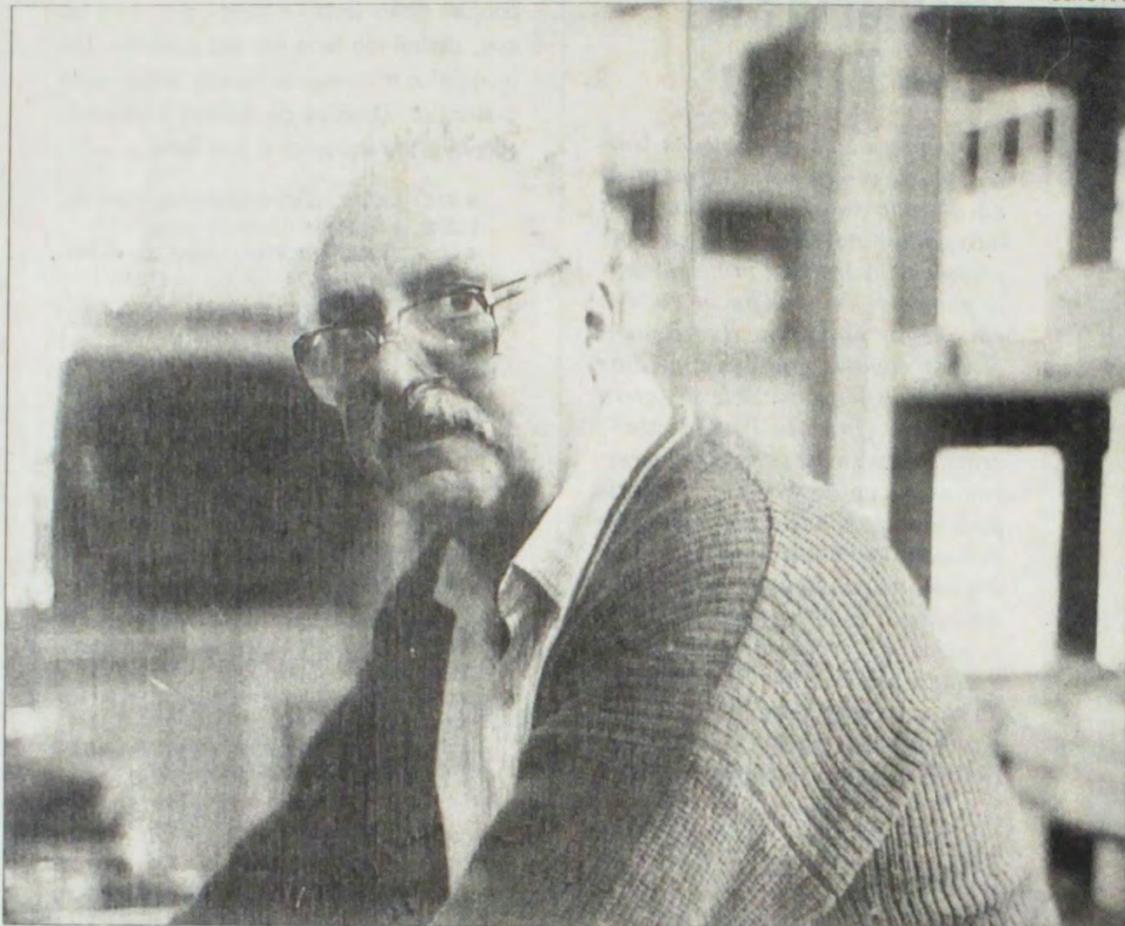
Acontece hoje, às 19 horas, a abertura oficial do Espaço Cultural Embratel, mais um importante centro de eventos voltado a debates, lançamentos de livros, shows, palestras, exibição de filmes e exposição de artes plásticas.

A programação prossegue amanhã, com debate sobre Cruz e Sousa, lançamento do livro "Variações sobre o Livro", de Salim Miguel.

Novos eventos estão programados para quarta e quinta-feira, com debates sobre patrimônio, apoio cultural, colonização açoriana.

# Ilha recebe novo espaço cultural

ARQUIVO AN



Escritor Salim Miguel, um dos mentores do grupo Sul, lança "Variações sobre o Livro"

## Espaço Embratel

### Programação

#### SEGUNDA (27)

**19h30** Inauguração do Espaço Cultural Embratel, com exposições de Catarina Rüdiger (fotografia), Pedro Dantas e Pita Camargo (escultura), show do grupo "Tocata Brasil" e apresentação do grupo teatral Atormenta.

#### TERÇA (28)

**16 horas** Debate "Vida e obra de Cruz e Sousa", com participação dos escritores Salim Miguel, Eglê Malheiros, Iapanon Soares, Inês Mafra e Zahidê Muzart. Exibição dos vídeos "Sonetos, Silêncios, Contos e Imagens: Cruz e Sousa", de Lau Santos, e "Alva Paixão", de Maria Emília de Azevedo.

**19h30** Lançamento do livro "Variações Sobre o Livro", de Salim Miguel, apresentações teatrais sobre Cruz e Sousa, instrumentista Gentil Camilo Nascimento Filho e pagode com crianças do Morro do Mocató.

#### QUARTA (29)

**16 horas** Painel "Patrimônio e desenvolvimento", com especialistas de órgãos públicos e entidades privadas.

**19h30** Inauguração do Espaço Vivencial Embratel, com apresentação da Cia de Dança Sprint.

**20 horas** Inauguração do Centro Avançado de Educação Permanente, com painel "Empresa cidadã".

#### QUINTA (30)

**16 horas** Debate "250 anos do povoamento açoriano", com apresentação do vídeo "O Dia em que o Boi Veio pro Jantar"

**19h30** Inauguração do "Espaço de Convívio Miramar", com apresentações de grupos folclóricos.

#### SEXTA (31)

**16 horas** Painel "Uma nova educação para uma sociedade melhor".

**17h30** Entrega dos certificados de conclusão da primeira turma do projeto "Um olhar para o futuro".

**18 horas** Encerramento da semana.

## Semana de artes inicia hoje com a inauguração do Espaço Embratel

MAURÍCIO OLIVEIRA

**Florianópolis** — A Capital ganha mais um centro cultural na noite de hoje, com a inauguração do Espaço Embratel. Depois de um ano e meio de reformas no prédio da estatal, na praça Pereira Oliveira, bem no Centro da cidade, parte do térreo foi transformada em quatro ambientes reservados a exposições, lançamentos de livros, coquetéis e outros eventos do gênero. Mudanças semelhantes estão planejadas para as sedes de Joinville, Blumenau e Lages.

A criação do Espaço Cultural, que ocupa uma área de quase 500 metros quadrados, faz parte de uma completa reestruturação do prédio de sete andares erguido há 25 anos. Ambientes sombrios, concebidos para abrigar pesados equipamentos, deram lugar a pinturas coloridas. Os funcionários ganharam sala de leitura, videoteca e até um local para exercícios.

Às vésperas da privatização, a Embratel está se preparando para entrar no mercado competitivo. "A empresa tinha uma postura muito fechada dentro de si. Agora vai ter que conviver com a sociedade em vários níveis", diz o gerente regional, Danilo Cunha. Um dos caminhos é o apoio à cultura. Os eventos do Espaço Embratel vão ser definidos por um grupo de 30 intelectuais convidados a compor o conselho gestor.

A semana também marca a inauguração de outros ambientes do prédio reformado, como o Espaço de Convívio Miramar. Trata-se de um antigo galpão, que servia exclusivamente como depósito de materiais, transformado num aconchegante bar. "Nossa preocupação era criar ambientes agradáveis, mas não suntuosos", explica a arquiteta responsável pela reformulação do prédio, Estela Boehme, que agora planeja mudanças na fachada.

O Espaço Cultural Embratel já traz atrações de peso logo na primeira semana, como o lançamento do 16º livro de Salim Miguel, exposições de escultura, fotografia e vídeo, apresentações musicais, teatrais e mesas-redondas. Confira a seguir a programação completa.

## Salim Miguel lança livro sobre o livro

Depois de quatro anos à frente da fundação Franklin Cascaes, entidade municipal de cultura, o escritor Salim Miguel tomava fôlego para o próximo projeto quando, ao remexer velhos documentos e cartas, teve uma idéia: por que não escrever sobre o próprio livro?

Editado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), de São Paulo, "Variações Sobre o Livro" é a 16ª obra do autor, a ser lançada amanhã no novo espaço cultural da Embratel. Guiado pelo magnetismo do objeto que, como diz Drummond, "vai clareando o mundo em toda a parte", Salim Miguel reuniu textos, inéditos ou já publicados, que tenham alguma relação com o tema.

No capítulo "Raízes de um intercâmbio", Salim relembra o surgimento do Grupo Sul, movimento que "arejou" a cultura em Santa Catarina nas décadas de 40 e 50, responsável pela publicação da revista Sul, pela primeira encenação de Sartre no Brasil e pela realização do primeiro longa-metragem do Estado, "O Preço da Ilusão".

Há também dois textos sobre Cruz e Sousa. O primeiro deles foi escrito no distante ano de 1948, cinqüentenário da morte do poeta. "Cruz e Sousa é um dos melhores exemplos de que o academicismo é refratário a tudo o que é inovador", defendia o jovem Salim, numa época em que Cruz e Sousa ainda não era unanimidade. (MO)

# Salim Miguel lança seu 16º livro

*O escritor Salim Miguel lança hoje, no Espaço Cultural Embratel, o seu 16º livro. Variações sobre o Livro reúne 15 textos escritos para jornais e comunicações em seminários que têm como tema o livro. Alguns textos são inéditos, outros escritos desde a década de 40, como o texto de abertura, que fala sobre Cruz e Sousa, que Salim escreveu em 1948, quando foi lembrado o cinquentenário da morte do poeta. O livro é editado pela Editora da Universidade Federal de São Carlos.*

*Jornalista, escritor e roteirista, Salim Miguel tem trabalhos de ficção e crítica literária publicadas no Brasil, na Argentina, Alemanha, Portugal, Angola e Moçambique. Foi diretor da Fundação Franklin Cascaes na gestão de Sérgio Grando, dirigiu a editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e é sócio de duas editoras alternativas, a Sul e a Ficção. Salim também é colaborador deste jornal, escrevendo em uma coluna fixa todas as sextas-feiras.*

## **Variações Sobre o Livro**

Salim Miguel

*No primum  
era o verbo  
No initium  
e no finem  
também será*

**Variações Sobre o Livro** - Salim Miguel.  
Editora da Universidade de São Carlos. 110  
págs. R\$ 11

Salim Miguel é nome de referência da atual produção literária catarinense. Dedicou sua vida ao livro, como autor, como editor e até mesmo como sócio de gráfica. Este é o seu 16º livro publicado. Do conto ao romance, da novela ao roteiro de cinema, passando pela memorialística, a obra de Salim é farta, diversificada e tem como marcas a qualidade, o profissionalismo e uma visão universal, que de imediato o destacam na produção cultural local,



lamentavelmente ainda apegada pelo dilettantismo e o provincianismo. Desde *O Castelo de Frankenstein - Anotações Sobre Autores e Livros*, publicado pela Lunardelli em 1986, Salim

não incursionava pelo terreno do ensaio e da crítica literária, o que agora volta a fazer com a competência costumeira neste *Variações Sobre o Livro*, no qual reúne artigos publicados na imprensa, palestras e textos inéditos. Juan Rulfo, Cruz e Sousa, João Antônio, reflexões sobre o futuro do livro diante do avanço dos novos meios de comunicação e o papel das editoras universitárias são alguns dos temas abordados.

## Presença catarinense na Praça da Alfândega

Diversos autores catarinenses reunidos, hoje, na Praça da Alfândega, participando de uma sessão conjunta de autógrafos e lançamento de livros. O início está marcado para às 20 horas, com a presença de Jair Francisco Hamms, Carlos Alberto Silveira Lenzi, Alcides Buss, Flávio Cardozo, Salim Miguel e Silveira de Souza.

Jair Hamms lançará *O Detetive de Florianópolis*, uma coletânea de crônicas, entre as quais destacam-se as sobre um determinado tipo da cidade, o ilhéu mandandro, irreverente, gozador, esperto. Edição da Universidade de Santa Catarina em convênio com "O Estado". Carlos Alberto Silveira Lenzi autografará *Partidos e Políticos de Santa Catarina* (co-edição Lunardelli/UFSC), com preciosas informações sobre a política do vizinho Estado. Alcides Buss vai apresentar *Antologia do Varal Literário*, livro que coordenou, reunindo trabalhos de diversos poetas que costumam apresentar seus trabalhos nas ruas de Florianópolis, pendurados em cordas estendidas, como se fosse um varal de roupas. Também editado pela UFSC.

Finalmente, Flávio José Cardozo, Salim Miguel e Silveira de Souza apresentarão *Este Mar Catarina*, uma seleção de trabalhos de escritores catarinenses que escreveram sobre o maravilhoso mar de Santa Catarina. Foram reunidos textos de Adolfo Boos Junior, Amílcar Neves, Emanuel Medeiros Vieira, Flávio José Cardozo, Glauco Rodrigues Correa, Guldo Vilmar Sassi, Harry Laus, Herculano Farias Jr., Holdemar Menezes, Iaponan Soares, Miro Moraes, Othon D'Eça, Raul Caldas Filho, Ricardo L. Hoffmann, Salim Miguel, Salomão Ribas Junior, Silveira de Souza e Virgílio Varzea.



## AUTÓGRAFOS DE HOJE

História do Brasil e do Rio Grande do Sul, a violência da II Guerra Mundial contada por um de seus participantes, as invenções do "Incrível" Padre Landell de Moura, poesia, viagens e romance estão entre os temas dos livros que serão autografados, hoje, na barraca da Câmara Rio-Grandense do Livro, na Praça da Alfândega. As sessões de autógrafos começarão, às 17 horas, com Paulo Gilberto Fagundes Vizentini lançando *Os Liberais e a Crise da República*. Logo depois, Hugo Muxfeldt assinará exemplares de *Os Mucker — 100 Anos Depois*.

A partir das 18 horas, será a vez de Affonso Paiva Ranger (*Caleidoscópio*), de Alexandre Storch (*Os Lobos*), Luiz P. Cardoso (*Arquitetura do Caos*), Ernesto Bono (*Antipsiquiatria e Sexo*) e Carlos Nejar (*Cinco Poemas Dramáticos*). Às 19h, B. Hamilton Almeida (*O Outro Lado das Comunicações*), Carlos Alberto Silveira Lenzi (*Partidos Políticos de Santa Catarina*), Valmy Bittencourt (*Paisagismo de Baixo Custo*), Janer Cristaldo (*O Mensageiro das Fúrias*), Geraldo Linck (*Um Brasileiro Navegando as Antilhas*), Jair Hamms (*O Detetive de Florianópolis*), Guido Vilmar Sassi (*O Calendário da Eternidade*), Alcides Buss (*Antologia do Varal Literário*), Flávio José Cardoso, Salim Miguel e Silveira de Souza (*Este Mar Catarina*).

# Este Amor Catarina, um painel da nossa ficção

Coletânea reúne contos e crônicas de 45 escritores catarinenses, de Virgílio Várzea aos novos talentos



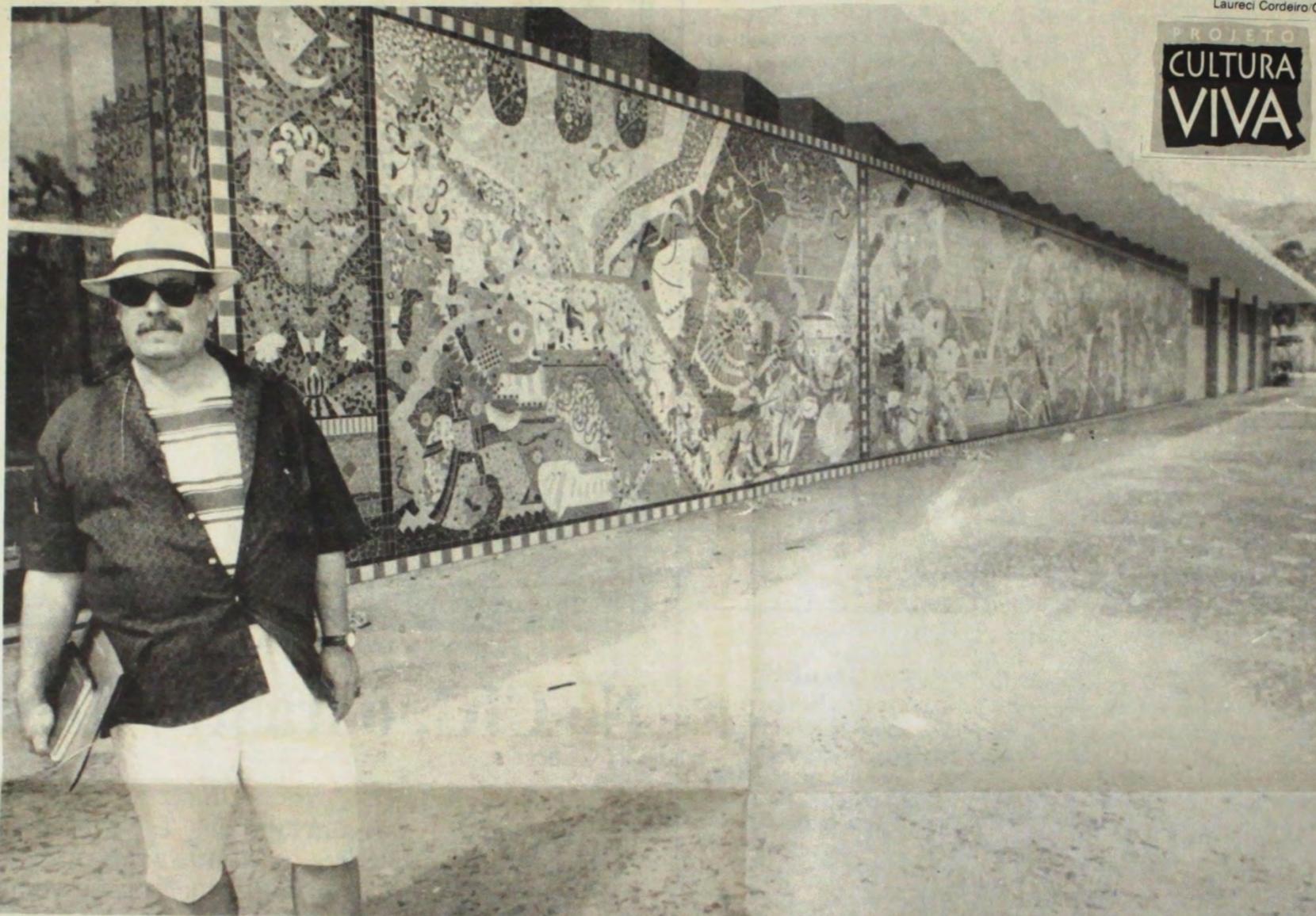
A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina lança na terça-feira, às 19h30, no hall da Reitoria, o livro "Este Amor Catarina", uma coletânea com 306 páginas, 45 autores, organizada pelos escritores Flávio José Cardozo, Salim Miguel e Silveira de Souza e ilustrada pelo artista plástico Rodrigo de Haro.

O tema, como o próprio título indica, é o amor sob a perspectiva da ficção catarinense. Uma boa idéia, que anteriormente já rendeu dois volumes - "Este Mar Catarina" (1983) e "Este Humor Catarina" (1985), ambos reunindo um expressivo número de contistas e cronistas do Estado, alguns deles presentes também a este terceiro volume.

A antologia, como as outras duas citadas, tem o mérito de ser extremamente didática, referencial até, pelo que reúne de mais representativo da ficção catarinense. Por essa razão, é absolutamente recomendável a alunos de segundo grau e de cursos pré-vestibulares, pelo que estabelece como vasto painel da literatura de Santa Catarina, incluindo autores clássicos, modernos, pós-modernos e iniciantes talentosos.

Há momentos do livro em que o leitor evidentemente se deparará com o dilema da diferenciação entre o que é conto e o que é crônica. Não se preocupe, no entanto, o leitor, porque este problema não é novo... Os próprios autores também não sabem muito bem estabelecer limites exatos para uma questão que não é exata. O melhor, mesmo, é esquecer as teorias e partir para a prática, isto é, para a leitura atenta e descompromissada.

**Os contos** - Escolher 45 histó-



Painel de Rodrigo de Haro, na Reitoria da UFSC, vai ser entregue na terça-feira, junto com o lançamento do livro que ilustrou

rias catarinenses para compor um volume com as dimensões do editado pela UFSC não é uma tarefa das mais fáceis. E só poderia ser realizada por três dos mais disciplinados intelectuais catarinenses - justamente três ficcionistas de gabarito e projetados nacionalmente. Flávio Cardozo, tradutor de Jorge Luis Borges no Brasil; Salim Miguel, um dos líderes do movimento modernista (Grupo Sul) em Santa Catarina; Silveira de Souza, integrante do Grupo Sul e ligado à organização cultural do Estado há

mais de 30 anos.

Profundos conhecedores do ramo, os três selecionaram um trabalho de cada um dos autores mais importantes da literatura catarinense do século XX.

Alguns dos textos são conhecidos do leitor, porque já publicados em antologias individuais. Outros, praticamente inéditos para o público, embora também já editados (em obras muitas vezes raras ou esgotadas).

Há curiosidades com as quais o leitor iniciante certamente se surpreen-

derá, como o aparecimento de alguns nomes ligados a outras atividades e pouco conhecidos como ficcionistas. E a lembrança de inclusão de dois autores clássicos, como Othon Gama d'Eça e Virgílio Várzea, nascidos no século XIX e falecidos neste.

Outra curiosidade é a inclusão também de autores naturais de Santa Catarina que não moram mais aqui e que fazem carreira em outros Estados. É o caso de Cristóvão Tezza (que muita gente pensa ser paranaense, mas é lageano); Edla Van Steen (floria-

nopolitana radicada em São Paulo); Deonísio da Silva (natural de Siderópolis e estabelecido em São Carlos-SP); Guido Wilmar Sassi (lageano radicado há 40 anos no Rio de Janeiro) e Emanuel Medeiros Vieira (de Florianópolis, baseado em Brasília há quase 20 anos). A intenção dos organizadores é excelente: manter a ligação dos escritores com seu Estado natal, inclusive como forma de valorizá-los nos estudos sobre a literatura catarinense. Afinal, muito do que escrevem contém remi-

Laureci Cordeiro/OE



niscências de Santa Catarina.

**Temas** - O tema genérico do livro é o amor, mas o leitor por certo encontrará variações infinitas sobre a questão. Há de tudo um pouco a merecer a atenção do público. Como diz Tânia Regina Oliveira Ramos, professora de Literatura Brasileira na UFSC, em sua apresentação: "Enfim temos um painel de amores bandidos, transgressões, soluções, tradições e uma visível busca de relatar histórias individuais para expressar sentimentos coletivos. O amor é a aprendizagem da vida, a busca do conhecimento efetivo, uma etapa necessária para a inserção do homem ao mundo transcendente. As personagens, em todas as histórias contadas, caminham assim em direção umas às outras, exercitando-se na busca deste aperfeiçoamento. A positividade do sentimento, que surge em toda plenitude, emerge numa constante valorização da vida, sem uma transcendência simplesmente divina, mas em direção mesmo a uma vitalidade erótica. Eros, cupido, vida".

Assim, o leitor encontrará o amor tratado com a linguagem clássica da ficção, da mesma forma que encontrará o mesmo tema sob tratamento experimental, e, ainda, com lirismo inigualável e com ousadias formais e informais.

Como toda antologia, "Este Amor Catarina" comporta momentos desiguais, por conta da própria formação dos autores. Mas, no geral, pode ser considerada primorosa, justamente por incluir os mais importantes nomes da ficção catarinense. Este é sem dúvida o fator que deve ser levado em conta como o mais relevante: a oportunidade que se oferece para que o público tenha um painel dos mais completos do campo ficcional do Estado.

Os autores esperam que outras editoras tenham a mesma inspiração, buscando outros temas para editar novas obras que formem, digamos assim, um panorama completo da literatura catarinense. "Este Mar...", "Este Humor..." e, agora, "Este Amor..." provam que o caminho é acertado. (Carlos Damião)